Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 5 DE MARÇO DE 1972 - N.º 17672 - ANO 51.º - PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

Damas ameaçado

Damas, suspenso por três jogos, cedeu o seu lugar no Sporting a Botelho. E o suplente não desperdiçou a oportunidade para provar que é perfeitamente capaz de substituir o titular. Este e outros assuntos sensacionais estão no Suplemento Desportivo (oito páginas) que o «DL»/Dominical passa a oferecer aos seus leitores.

DL desportos

AGONIZA O BERÇO DO MUNDO OCIDENTAL

O MEDITERRÂNEO MORRE EM 25 ANOS

Mais 25 anos e o Mediterrâneo estará morto, vítima da poluição crescente. «No momento já é difícil encontrar nestas águas um peixe de proporções razoáveis» - adverte o cientista Jacques Cousteau. Outros cientistas avisam: se as autoridades internacionais não tomarem providências imediatas, o equilíbrio ecológico mundial poderá entrar em colapso. Os nomes ligados a esta denúncia retiram-lhe qualquer carácter de sensacionalismo irresponsável: o berço da Civilização Ocidental está agonizante. (página 11)

O "VILÃO" REALIZADOR

Clint Eastwood, revelado em Itália nos «western-spaghetti», acabou por ser arrebatado aos estúdios romanos por Hollyood, que não podia, evidentemente, deixar aos outros a exploração de tão precioso filão. Em Hollyood, Clint tornou-se um inquietante galã/vilão, mas agora cansou-se disso: tornou-se director e o seu primeiro trabalho, «Play Misty For Me», já está em Portugal, com lançamento anunciado para breve. Na foto, Clint Eastwood muito compenetrado, em plena filmagem. (Texto na página cinco).

JOSÉ AUGUSTO:

A VERDADE NUA E CRUA

Que pensa José Augusto do Benfica, às vésperas da eliminatória com as «feras» holandesas? E que pensa da selecção nacional, que sob a seu comando disputará a mini-copa no Brasil? Estas perguntas foram feitas por Neves de Sousa ao «magriço» que virou técnico. E as respostas estão no grande Suplemento Desportivo.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

A Mosca PICA HOJE

Relatório e contas do Banco Pinto & Sotto Maior relativos a 1971 (Pág. 24)

A CHINA E OS ESTADOS UNIDOS

NAÇÕES UNIDAS — A viagem do presidente Nixon a Pequim, que durou alguns dias tem mobilizado as atenções mundiais, terá, sem dúvida alguma, repercussões políticas internacionais. Se essas repercussões, porem, serão importantes ou meramente secundárias, não é possível predizê-lo.

Depois das conversações de Nixon-Rogers com Mao Tsé-Tung-Chu En-Lai, duas coisas podem acontecer: que as relações entre os Estados Unidos e a China continuem sensivelmente como estavam antes da embaixada diplomática do ping-pong ou que melhorem de forma progressiva e visível.

No primeiro caso, registar-se-ia um ziguezague histórico e quem perderia seriam os Estados Unidos que, indo em busca da China perderiam em grande parte a confiança de um valiosíssimo aliado: o Japão. E, naturalmente, quem cantaria vitória seria a União Soviética.

Os russos, que são mestres na arte da diplomacia, poderiam tentar um golpe teatral, como o que Estaline levou a efeito em Agosto de 1939, entendendo-se com Hitler. Seria até mais provável um pacto Brehnev-Mao que Estaline-Hitler em 1939.

A possibilidade de uma reconciliação entre a China e a Rússia não deve ser afastada. Partindo mesmo do princípio que Mao Tsé-Tung e Chu En-Lai, por razões nacionalistas e de prestígio, são opostos aos actuais bonzos do Kremlin, não devemos esquecer que tais bonzos podem mudar de um momento para o outro, (recordemos a espectacular queda de Kruschev em Outubro de 1964) sendo substituídos por partidários de um entendimento com a China.

A outra alternativa é que Mao, que tem já 79 anos, e Chu En-Lai 74, desapareçam por morte natural e ocupem o seu lugar outros líderes mais propensos a Moscovo que a Washington.

Não devemos esquecer também as duas crises que o partido comunista chinês sofreu nos últimos seis anos. No seio do partido existia uma fracção, provàvelmente maioritária, disposta a contemporizar com Moscovo. Chefiava-a precisamente o Chefe do Estado, Liu Chao-Chi Essa fracção pro-soviética foi esmagada nos tempos da **revolução cultural** (1966-69) com a ajuda do exército.

Quando a posição pro-americana de Mao e Chu adquiriu significativamente relevo, a meados do ano passado, surgiu outra facção, que não era com efeito pró-soviética, mas também não era pró-americana: a de Lin Piao, oficialmente designado como sucessor do Mao. Foi igualmente esmagada. E Lin Piao deixou políticamente de existir.

Se Mao e Chu fossem ainda jovens, ou atrás deles estivessem uma equipa jovem e capaz, poderia esperar-se a continuidade da sua política, após a sua morte. Pactuar em 1972 com Mao e Chu equivale mais ou menos a escrever sobre a areia: um vento um pouco mais ligeiro será suficiente para apagar as palavras.

Supunhamos agora a segunda eventualidade: que a China e os Estados Unidos cheguem de facto a entender-se. Nesse caso, a potencialidade económico-tecnológica dos Estados Unidos e a nação mais populosa do mundo, conjugadas, modificariam o curso da política mundial. A China poderia acelerar a sua revolução industrial e fazer frente à ameaça soviética.

Os Estados Unidos, na pugna com a Rússia, há um quarto de século, teriam ganho definitivamente a **guerra fria**. A Rússia teria que fazer frente a dois adversários potenciais e ver-se-ia obrigada a refrear o seu expansionismo imperialista.

A ameaça de uma terceira guerra mundial ficaria mais longe, mais longe.

De certo modo, esta perspectiva optimista é mais difícil que a primeira, pois pressupõe da parte dos chineses uma flexibilidade política e um abandono ideológico, que não nos parece estarem em condições de levar a efeito.

Seria mais fácil à América do Norte ajudar económica e tecnológicamente a China — como ajudou a Europa depois da segunda guerra mundial com o Plano Marshall — que a China deixar-se ajudar pela América do Norte. No entanto, tudo isto está dentro das fronteiras do possível.

Por W. K. MAYO - Especial para o «DL»

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

da novela arrojada de

D. H. Lawrence

A Virgem e o Cigano

(The Virgin and The Gypsy)

Marcados pelo desejo e o medo

JOANNA SHIMKUS · FRANCO NERO

no papel da virgem... o cigano duro e pecador...

TECHNICOLOR GRUPO D 18 anos

AMANHÃ ESTREIA

AS - 21.45 H.

CONDES

JORGE AMADO

POVO E TERRA

40 ANOS

DE LITERATURA

MARTINS

UM LANÇAMENTO DO

CLB

CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

LISBOA—PORTO

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

amor vivo

F. Tordo e Ary dos Santos

FEIRAS INTERNACIONAIS

1972

VIAGENS IT

Peça-nos programa especial

TRANSNAUTICA

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

Rua Duque de Palmela, 35

Telefones: 4 26 40 - 4 93 54

LISBOA

SETE DIAS

UM ACORDO CONTRA

A semana internacional continuou a ser dominada pela visita do presidente Nixon a Pequim. Mais pròpriamente, pelo seu rescaldo. As atenções viraram-se para o comunicado conjunto produzido no fim de uma semana de encontros intensivos entre Nixon e Chu En-Lai. Ele era a única coisa palpável que tinha aparecido. Tudo o resto não passava de imprecisões, cuja interpretação era de carácter mais ou menos subjectivo. Mas, para grande desgosto dos comentaristas, o comunicado não era menos vago que os sorrisos e as poucas frases ditas em público pelos estadistas intervenientes. Na verdade, ele pouco ou nada trás de novo. Sobre os problemas fundamentais, as duas partes quase se limitaram a reafirmar posições de há muito conhecidas. A especulação sobre as concessões americanas a respeito dos seus protegidos da Formosa é também uma consequência da necessidade de se dizer alguma coisa sobre um acontecimento a quem ninguém retira a importância. No entanto, o que os americanos dizem no comunicado é apenas o seguinte: «Os Estados Unidos reconhecem que todos os chineses, de cada lado do estreito da Formosa, sustentam que há apenas uma única China e que a Formosa é uma parte da China. O Governo dos Estados Unidos não contesta essa posição». Como se vê nem sequer se trata de um reconhecimento ou apoio. Tão sòmente uma ausência de contestação. Quanto a mim, a frase mais importante do comunicado não tem sido devidamente comentada. Diz ela: «— nem uma nem outra (das partes) deverá procurar estabelecer uma hegemonia na região da Ásia e do Pacífico, e cada uma declara-se oposta aos esforços de qualquer outro país ou grupo de países para estabelecer uma tal hegemonia». Esta aqui o germen de uma aliança. Embora a frase seja vaga, não se pode passar por cima dela sem meditação, sobretudo se atendermos a que uma das partes signatárias tem uma posição fortíssima na área. Não será demais adiantar que não é efectivamente uma aliança «por» que se esboça. É apenas um acordo «contra». E esse foi o espírito que presidiu à realização do encontro, por mais que se diga em contrário.

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

SEGUNDA-FEIRA

O presidente Leone dissolveu o Parlamento italiano, marcando as eleições para o dia 7 de Maio. Estas eleições - as primeiras antecipadas desde 1945 - assumem uma importância quase decisiva no contexto da vida política da Itália. Trata-se de saber até que ponto será possível encetar novos alinhamentos entre os partidos do país. Para já, a fórmula do centro-esquerda parece não ter grandes possibilidades de vingar depois da consulta. O pequeno mas influente Partido Social-Democrata está mesmo a viver dias de grande inquietação. Enfrentam-se nele duas facções. Uma a favor do revigoramento do centro esquerda e da colaboração com os socialistas e outra, largamente maioritária, que é por um Governo bicolor em que entrarão eles e os cristãos-democratas.

Desta luta pode vir a sair o caminho para o futuro próximo da Itália, se não nos esquecermos que entre os socialistas se trava uma luta semelhante entre os «oposicionistas», partidários da colaboração com os comunistas, e os «governamentais», partidários da aliança com os cristãos-democratas.

TERÇA-FEIRA

Douglas-Home terminou, em Madrid, as suas conversações «exploratórias» sobre o destino da colónia de Gibraltar. «Sir» Alec disse irònicamente à despedida que alguns povos, paradoxalmente, gostavam de viver em colónias britânicas. O ministro não devia estar a referir-se, por certo, aos negros da Rodésia do Sul, pois o seu Governo não parece ter a mesma firmeza que mostra no Ulster para defender os interesses dessa população maioritária.

QUARTA-FEIRA

Com a arrogância a que já estamos habituados, a aviação israelita atacou a Síria, depois de o ter feito no Líbano. Os alvos eram as bases de guerrilheiros, ao que se disse.

Os EUA anunciaram que o primeiro carregamento de crómio rodesiano ia a caminho da América. O facto constitui um claro atropelo do bloqueio imposto à Rodésia pela ONU. Assim, os EUA colocaram-se numa situação falsa que os impede de protestar contra os países que, segundo eles, obstruem o papel da organização mundial.

QUINTA-FEIRA

A Síria respondeu ao ataque israelita, bombardeando objectivos nos montes Golan, ocupados por Israel. A ausência de resposta israelita a esta réplica pode significar que o sionismo se encontra em maus lençois neste momento. Para Israel, sofrer um ataque e não responder constitui um precedente perogisíssimo.

SEXTA-FEIRA

Enquanto os bispos cipriotas, cedendo às pressões de Atenas, pedem a Makários que abandone o poder temporal, e os cipriotas se manifestam a favor do arcebispo, os EUA anunciaram que vão voltar a fornecer auxílio militar à Grécia. Em vez de Mirages irão os Phantom, duas vezes mais caros.

SÁBADO

Com uma maioria diminuida no Parlamento, o chanceler Willy Brandt vê a sua política de abertura ao Leste perigosamente ameaçada. Como a considera fundamental, o Governo dá a entender que poderá recorrer a eleições antecipadas, cujo resultado é duvidoso.

Africanos em Lisboa

Anti-reportagem de Urbano Tavares Rodrigues

Conservam ainda, no trabalho, os uniformes do Exército

Foi uma experiência importante, apesar do sentimento de frustração que dela recolhemos.

Para mais havia aquele céu antipático de pós-carnaval a tossir migalhas de sol e de chuva.

Foi no cruzamento da Rua de Santa Marta com a Rua Conde de Redondo, onde se erguem, num aterro, tapumes, gruas e os alicerces de um novo prédio em construção, que avistámos, por entre um grupo caloso de trabalhadores - ainda não era meio-dia-os dois africanos. Arrumámos o carro onde pudémos e voltámos quase a correr, já de bloco e **bic** em riste e com a carteira profissional à mostra, para nos identificarmos. Porque sabíamos de anteriores tentativas que os africanos se fecham em copas quando se lhes pede uma palavra para os jornais.

Desta feita entrámos mal. Eu a falar depressa, eles sem me entenderem. Depois, repeti devagar o discurso, frase a frase, sílaba a sílaba. Que era para o jornal, para o «Diário de Lisboa». No interesse deles. «Jornal?, que tem a gente com o jornal?! Onde é que a gente vai aparecer?...»

Só queríamos saber os vossos nomes, de onde é que vocês são, quanto ganham, como vivem...

A carteira de jornalista passava das mãos de um para as do outro. Remiravam-na, desconfiados.

— De onde é que são? — insisti, abruptamente.

— De Cabo Verde.

E foi tudo quanto apurei.

— Não, não queremos falar. — E só monossílabos, o olhar agressivo e medroso, que fazia doer. — Não nos interessa o jornal

— Onde é que vocês dormem, onde comem?

— Não.

Noutro ponto da «grande cidade» numa praceta em obras, quase intermináveis, tivemos mais sorte. Apenas um pouco mais. O cenário: lama, pó, entulho e estrondo. Mas o caminho, está visto, é outro e não é fácil. Só estabelecendo uma relação humana com o trabalhador cabo-verdiano, levando-o a beber uns copos fraternais, perdendo-ganhando tempo a seu lado, será possível talvez saber o que ele, ciosa ou receosamente, cala.

De onde vieram vocês?

— Da Praia.

— Saudades?

— Muitas.

Nomes?

— José, João, Tibúrcio, Pedro...

— E os apelidos?

— Para quê?

— Mas porque não?

— Para quê? — repetiram obstinadamente.

— Estão contentes com os vossos salários?

O riso amargo, a mofa na face do mais curtido pela vida. Os outros cabisbaixos, aspirando os lábios grossos, torcendo os dedos... O saco escuro das bochechas, o olho aguado das criaturas doces de África, um jeito ágil do corpo elástico ao ritmo da perfuradora...

E ao inquérito disseram nada, ou pouco mais...

Separação total entre intelectuais e operários?

Interrogámos agora **Maria Clara Fernandes da Silva, de Moçambique, professora do Ciclo Preparatório**, desde o ano lectivo, de 1968/69. Maria Clara tem 25 anos, fez o curso liceal em Lourenço Marques, é licenciada em Filologia Românica. Frequentou a Faculdade de Letras de Lisboa de 1963 a 1968.

— Em que bairro vive? Há nesse bairro muitos ou poucos africanos?

— Vivo em S. Domingos de Benfica, mas pouco mais conheço do que a pequena rua onde moro. A avaliar pelo que perto de mim se passa (pelo menos uma família de africanos em cada três prédios) parece-me não andar longe da verdade se afirmar que nesta zona de Lisboa vivem bastantes, quase todos ou todos da pequena burguesia.

— Sente-se realizada na sua acção docente?

— Não, de modo nenhum. Procuro cumprir o melhor possível, transmitindo aos meus alunos tudo aquilo que sinto verdadeiro (Quero ser coerente comigo própria), mas estarei realmente a dar-lhes aquilo que eles desejariam receber, o que interessa a uma criança de dez, onze anos? Com certeza que não, e há que procurar sempre fazer melhor, estudando, aprendendo no dia-a-dia... Mal irá o professor que um dia disser: acabei, estou satisfeito!

— Que outros interesses culturais tem?

— Gostaria de poder dedicar-me ao teatro infantil. Fora disso, entrarei nos lugares-comuns: gosto de música, da literatura, de cinema, do mundo que nos rodeia...

— Fale-nos agora dos africanos que conhece em Lisboa. Parecem-lhes adaptados ao ambiente?

— Quase ninguém conheço, para além de estudantes universitários, cuja vida se reparte por diversas solicitações: a Faculdade, a associação, etc.. Se estarão ou não adaptados, pergunta-me. Creio que se trata dum problema comum a todos nós, africanos ou não. Com efeito, quem se sentirá adaptado a quê e a quem?

— Tem contactos com os africanos do meio proletário?

— Não.

Vale a pena publicar a anti-reportagem? Em nossa opinião, sim.

Nostalgia? estranheza? inquietação? Que há por detrás deste patético rosto impenetrável?

Um sorriso ingénuo e melancólico

CRÓNICA DE DOMINGO

O TEJO REPUDIADO

TORQUATO DA LUZ

Dizem-me que, antigamente («Antigamente é muito tempo?» — pergunta o meu sobrinho, que tem sete anos), os lisboetas tinham vagar para irem até à beira do rio, ao fim dos dias encalorados. Receber o ar fresco, diziam. Não sou saudosista (muito menos de épocas que não vivi), mas estou a ver as damas descerem, calmamente, do Passeio Público ao Terreiro do Paço, passando pela Rua Áurea. Detinham-se no Cais das Colunas, olhavam o Tejo, àquela hora calmo, tomavam (é como quem diz) o seu banho de ar puro e regressavam a casa (a pé ou de carruagem), que a ceia esperava na mesa.

Hoje, as damas (quem diz damas, diria cavalheiros) apressados dos empregos, correm ao eléctrico ou ao autocarro (para depois esperarem meia hora na «bicha»), alcançam o Terreiro do Paço, transpõem (é preciso ginástica, ora essa!), saltando à frente dos carros, a infernal «garganta» que liga o largo fronteiro à estação fluvial de Sul-Sueste com a Praça do Comércio e conseguem (uf!) entrar no cacilheiro que as levará à Outra Banda. Onde terão o jantar por fazer e as fraldas do menino para mudar. Tejo? Nem reparam!

As outras, as que moram do lado de cá, essas passam meses sem verem o rio (anos sem cinema, séculos sem teatro). Não há tempo. Coisa terrível, o tempo! À noite, claro, a televisão e, como lógica consequência, a deita, que é como quem diz a cama.

Ar puro? O rio clamo de águas límpidas? Como diria um amigo meu:

— **Não há pachorra!**

A verdade, porém, é que a própria cidade (quem manda, etc.) desconhece o rio. Onde há um restaurante fluvial ou donde (sem sê-lo) um tipo possa estar a jantar e a ver o vaivém dos barcos?

Outro excelente Chabrol

TÍTULO: REMORSSO (Juste Avant la Nuit)
REALIZAÇÃO: Claude Chabrol, 1971 (França);
INTERPRETES: Stefane Audran, Michel Bouquet, François Perier, Jean Carmet, Dominique Zardi, Hneri Attal, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes.
ESTREIA: Cinema Alavalade (25/2/1972)

Estreias de CINEMA

Lauro António

Os últimos filmes de Claude Chabrol revelam uma unidade notável e uma maturidade de estilo impressionantes. Desde 1968 até agora Chabrol realizou cinco filmes de qualidade e interesse invulgares no panorama da cinematografia francesa e que são o melhor retrato da sua sociedade. **La Femme INFIDELE** (A Mulher Infiel, 1968), **Que la Bete Meure** (Requiem para um Desconhecido, 1969), **Le Boucher** (O Carniceiro, 1969), **La Rupture** (A Ruptura, 1970) e este **Juste Avant la Nuit** (Remorço, 1971) constituem um painel de traço rigoroso sobre a burguesia francesa, a crise de valores que nela se debate a esclerose que a vítima a podridão em que se afunda. Á boa maneira de Balzac, já uma vez aqui o dissemos e repetimo-lo.

Remorso começa por ser um título um tanto infeliz para a tradução de **Juste Avant la Nuit.** O título português, a levar-se á letra equivale a não compreender nada do que a fita nos diz de essencial, aquilo que é afinal a sua razão de ser. Cremos que poderá ser esta até uma boa oportunidade para se iniciar a discussão desta película.

Tirado de um romance policial (**The Thin Line,** do libanês Edward Atiyah) e convertido em imagens pelo próprio Chabrol, **Juste Avant la Nuit** aproxima-se muito no esquema da sua intriga de **A Mulher Infiel.** Senão vejamos: Charles (Michel Bouquet) engana a sua mulher, Heléne (Stefane Audran) com a mulher do seu melhor amigo, François (François Perier). Um dia porém, levando ao extremo as preversoes da amante assassina-a. A polícia entra em investigações, mas nada parece incriminar Charles. O mistério torna-se insolúvel. Charles contudo, não se sente bem na sua condição de assassino inconfesso.

Burguês que procura renegar a sua condição («um pouco de vanguardismo em redor, ajuda a evitar a esclerose», explica ele a decoração da sua casa), Charles não é capaz de assumir o papel que escolheu. Educado no interior de uma sociedade cuja moral prevê um castigo para todo e qualquer crime, Charles exige a sua punição. Começa por confessar a Hélene o adultério. Depois, perante o perdão da mulher, vai mais longe e confessa o seu crime. Finalmente confessa ao amigo toda a verdade, recolhendo de novo a indiferença: François não o aconselha a entregar-se. Muito pelo contrário, incita-o a calar-se, já que a sua confissão nada de positivo trará. Será Heléne quem porá fim ao sofrimento do marido, permitindo-lhe o suicídio.

Primeiro ponto a reter neste esquema de intriga: Charles educado cristamente é um homem que procura fugir á sua condição de burguês. Sócio de uma agência de publicidade, opta pela modernidade, pela vanguarda, não recuando perante o excêntrico. A mulher desloca-se de moto, ele próprio não tem carro próprio. A criada preta que cuida dos filhos é tratada a um nível de igualdade que ofusca as aparências. A própria amante é ele mesma um produto, uma necessidade criada pela fuga ao real. Mas, no interior da sua própria consciência, Charles não deixa nunca de ser um burguês reagindo como tal. O seu primeiro acto definido de uma mentalidade e o assassinato da amante. Todo o amor que se não cumpre no matrimónio é pecaminoso dizem os textos sagrados. Charles limpa a sua falta eliminando o motivo. Mas, para apagar um pecado, Charles irá incorrer num outro: não matarás! Continuando a perseguir a moralidade que o norteia, Charles necessita de se integrar num contexto. Enquanto não pagar pelo seu crime a estabilidade é instável. Isto é: Charles sabe que a todo o crime corresponde um castigo e impõe a si próprio a punição. Não se trata de remorso (Charles voltaria a matar a amante, se tal fosse necessário, tudo o indica). Trata-se, sim, de restabelecer a ordem, uma ordem que lhe é exterior e a que sempre o ensinaram a obedecer. Charles impõe a si mesmo o fatalismo de um destino.

Retratista implacável de uma época, Chabrol depura, de filme para filme, os elementos que irão restituir na tela uma sociedade. No caso de **Remorso** a vida familiar de Charles serve de paradigma para toda a alta burguesia francesa, dominada pela ideia da família. Não é aliás, por acaso que **Remorso** se situa numa época do ano precisa (o Natal). Minucioso no desenho das figuras e na definição dos ambientes, Chabrol revela-se um paisagista humano inspirado. A seu lado, Jean Rabier (fotografia) e Pierre Jansen (música) mostram-se perfeitamente integrados nas intenções do autor, restituindo um tempo de tons crespusculares, entre o cinzento, o azul e o castanho. Uma má consciência que se adensa, prolongando em cores e sons uma crise que se descobre de plano para plano. **Remorso é de** novo um Chabrol a não perder.

amor vivo

F. Tordo e Ary dos Santos

TOGNAZZI, O IMORAL

Está anunciada para breve em Lisboa a estreia de um novo filme de Pietro Germi, «O Imoral», com um elenco de que é primeira figura o excelente Ugo Tognazzi, secundado pela actriz favorita do realizador: Stefania Sandrelli. Trata-se de uma nova sátira aos costumes italianos, no estilo habitual de Germi.

JOSÉ CHETA

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

já está á venda a 3ª edição de AMANHÃ,AMANHÃ

DISCO DECCA PEP1397

A venda nos revendedores habituais

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Como em Paris, um triunfo em Lisboa!

ANNIE GIRARDOT

BRUNO PRADAL

no filme de

ANDRÉ CAYATTE

morrer de amar

(Mourir d'aimer)

6ª SEMANA

GRUPO D
18 anos

LONDRES

CLINT EASTWOOD
de actor a realizador

Amalgama de suspense, emoção e expectativa, «Play Misty for me», o primeiro filme de Clint Eastwood como realizador, prepara-se para ser exibido entre nós.

Jessica Walter, Donna Mills e John Larch secundam primorosamente Jennings Lang que protagoniza a longa-metragem, ao lado de Eastwood.

Baseado numa história de Miss Heims adaptada à tela por Jo Heims e Dean Reisner o filme assinala a estreia como realizador, de Clint, que, em trabalhos anteriores, havia já ficado a meio caminho entre a produção e realização e a habitual actividade como actor.

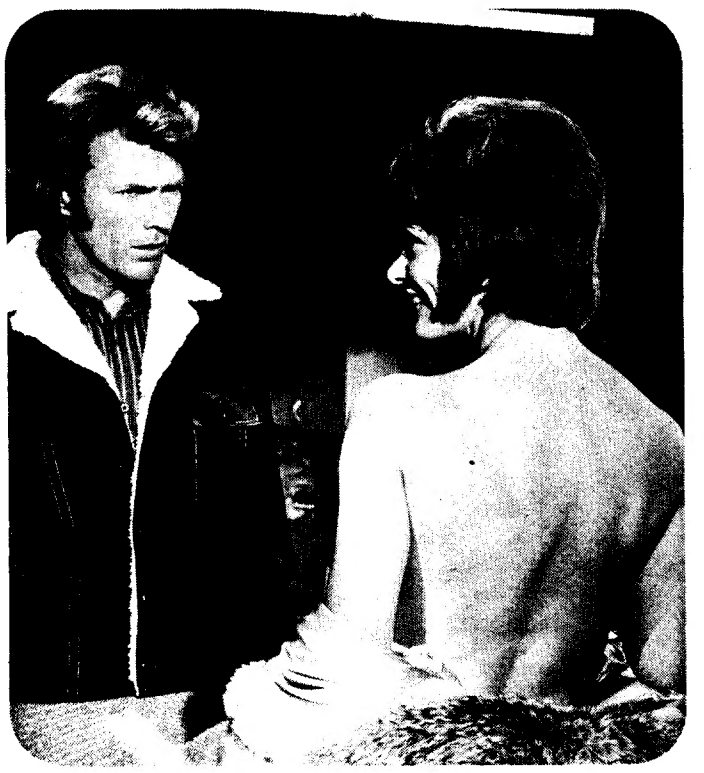
Em filmes como «Two Mules for Sister Sara» e «Paint your Wagon» da Malpaso Company, Clint Eastwood foi simultâneamente protagonista e chefe da equipa de produção.

Doze anos de trabalho ininterrupto como actor frente à camâra são um precioso treino para quem quer debutar na difícil arte da realização. Dos doze anos, oito foram preenchidos pela participação em séries televisivas - caso de «Rawhide» - seguidas de um longo período de actividade em Espanha e Itália a filmar «westerns», com o realizador Sergio Leone. A sua projecção internacional fica a dever-se em larga medida a esta longa passagem pelo «western».

Uma vez consolidada a sua quotação internacional como actor, Clint, conquista com filmes do calibre de «Fistfull of dollars», «The Good, the Bad and the UMGLY» e «Hang «Em High» uma das mais invejáveis posições (financeiras) no âmbito das supervedetas cinematográficas mundiais.

Assim, em 1968, Clint Eastwood, era, segundo a estatística infalível das bilheteiras, o quinto mais popular entre os «monstros» vivos da sétima arte.

Actualmente, ocupa, com margem confortável sobre os restantes, o primeiro lugar na Europa e o segundo nos Estados Unidos a seguir ao famoso Steve McQueen.



Ver para crer como Clint Eastwood

Dona Mills: Da televisão para o cinema, ou... a boa memória de Clint Eastwood

OS ACTORES

Jessica Walter é uma jovem actriz de grande talento que se popularizou pelo seu trabalho na Broadway e pela participação na série televisiva de grande sucesso intitulada «Love of Life». O seu aparecimento em longas-metragens deu-se com «Grand Prix,» tendo a seguir participado com êxito em «The Group», «Lilith» e «Number One». Em «Play Misty for me», o filme de Eastwoods» Jessica, compõe a figura duma mulher desregrada e pouco escrupulosa que desenvolve uma perniciosa influência sobre a vida de Clint.

Donna Mills é também um produto talentoso das séries televisivas, tendo posteriormente sido recuperada para o cinema com «The Incident», uma longa-metragem realizada em Nova Iorque. Em «Love Is A Many Splendored Thing», uma série televisiva de características românticas com diálogos delicodoces e situações pouco precisas, Donna conheceu Clint que agora se lembrou dela como intérprete para o seu filme de estreia. Donna é uma loira escultural que está na tela como, peixe na água.

John Larch que, em «Play Misty for me», desempenha o difícil papel dum sargento de Polícia, trabalhou com Clint Eastwood em «Move», «A Cannon For Cordoba» e em «Hail Hero».

Cint Eastwood veste no seu filme de estreia como realizador a pele dum «disc jockey», o que faz com que a música tenha naturalmente uma grande importância no contexto geral do filme.

«The first time Ever I Saw your Face» é o título da canção interpretada pela excelente Roberta Flack e encontra-se integrada na banda sonora do filme.

A HISTÓRIA

A história é duma aparente complexidade: o mais popular «disc-jockey» de Monterrey-Carmel, área da Califórnia, Dave Garland (Clint) é inesperadamente abandonado pela mulher com quem vive, Tobbie Williams (Donna Milla) e passa a procurá-la com desespero por todos os locais que frequentavam juntos.

Surge então uma outra mulher que pede com insistência para o programa de Garland o disco «Play Misty for Me», e, que, desse modo, se vem a aproximar dele. E depois... bem, depois quem estiver interessado pode ver no filme cuja exibição agora se prepara em Lisboa, o desfecho do curioso enredo.

TEATRO • tel 538586
«VILLARET»

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE MOLIÈRE
Encenação de
ADOLFO MARSILLACH
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)

O TARTUFO
MODERNO E DIVERTIDÍSSIMO
com
Raul Solnado

E UMA GRANDE COMPANHIA: FERNANDO CURADO RIBEIRO, LAURA SOVERAL, MÁRIO PEREIRA, MANUELA MARIA, JOÃO GUEDES, LINDA BRINGEL, HENRIQUE VIANA, NORBERTO DE SOUSA, MARIA ALVIM, DAVID SILVA e MARIA DO CÉU GUERRA, no papel de «DORINA»

3.as, 4.as, 5.as e 6.as Feiras, duas sessões, às 21 e 23 horas. Domingos e Feriados, «matinée» às 16 horas, e à noite às 21.45 horas

2.as Feiras, descanso da Companhia

TEATRO • tel 326037
«VARIEDADES»

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.º MÊS

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA

2.as, 3.as e 5.as Feiras, 21.45 h.; 6.as e sábados, 2 sessões: 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.
4.as Feiras descanso da companhia

TEATRO
«LAURA ALVES»
TEL 864756

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
3.º MÊS

Quem tem medo de Virginia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
2.as Feiras descanso da companhia

50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

PASSAPORTES
UM TELEFONEMA...
UMA ASSINATURA...
Agência de Viagens
CATUR

amor
vivo
F. Tordo e Ary dos Santos

HOJE às 20.45 e 23 h.
CONTINUA TRIUNFANTE NA SUA VITORIOSA CARREIRA NO
DORA LEAL

Telef. 32 74 92
CAPITÓLIO
Brilhantemente apresentada por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
ORA BOLAS PRÓ PAGODE!
A ALEGRE E ORIGINALÍSSIMA REVISTA QUE É O MAGNÍFICO TRIUNFO DE UM NOVO E POPULAR ELENCO!
•
Grupo D
M. 18 anos

JOSÉ VIANA

NOVO CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

MARTELL BROTHERS
conjunto vocal inglês

LUXOR GALI GALI
do «Moulin Rouge» de Paris

ANA ROSMANINHO
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

HIGH SOCIETY BALLET

"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

Regina des Alpes
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

ARMINDO BLANCO

Ao telefone

ÁLVARO CASSUTO

— Quando é que sai essa óera que a Gulbenkian lhe encomendou?

— Calma. A estreia está prevista para o início da próxima temporada musical. Por agora idealizei o tema e confiei a feitura do libreto à Natália Correia, que está a trabalhar com inteira liberdade de concepção. Só quando ela me entregar o texto é que começarei a compor a partitura. Pelas minhas contas, terei o libreto em fins do mês corrente e devo começar a trabalhar em Abril.

— Qual é o tema?

— O Homem à procura da paz. Quero compor uma ópera moderna sobre uma série de motivações formais que particularmente me empolgam.

Uma ópera em moldes universais e não locais ou regionais, que possa ser representada em qualquer país e interesse a todos. Qualquer coisa que sugira «em nome da paz» é a ideia base para o título da peça, mas quem dirá a última palavra será a autora do texto. Ela é que sabe o que está a escrever e que material me vai dar:

— Quer dizer que você pensa numa ópera para o mundo...

— Dito assim, ficaria um bocado cabotino. Mas, de qualquer modo, tenho esperanças de fazer uma obra verdadeiramente importante para a música dramática portuguesa contemporânea. Para a hipótese de representações no exterior, pensamos fazer uma versão inglesa do texto.

— Boa sorte e muita inspiração, Álvaro.

— Obrigado.

BADALO

O adeus de Ivon Curi a Lisboa, segunda-feira no Monumental, foi um dos momentos de comunhão artista/público mais intensos a que já assisti. Ivon, que está na sua melhor forma de sempre, acabou de joelhos no palco, agradecendo com as suas lágrimas os aplausos quentíssimos de uma plateia que, de pé, pedia bis como na ópera. Volte, Ivon, sempre que quiser: a casa é sua.

Os discos de Carlos Mendes e Duarte Mendes com as canções que ambos interpretaram no Festival da RTP e respectivas versões em inglês foram gravados em éstereofónico, o que não é vulgar por aqui. E estão óptimas as gravações. Agora, no que respeita às versões, estou inteiramente de acôrdo com o Nuno Gomes dos Santos: são um lixo.

Woody Allen explica que «Bananas» é ao mesmo tempo um filme relevante e sem sentido e que, devido à escassez de numerário, foi feito em 15 minutos. Isto só a «ala francesa» da nossa crítica não notou.

Enquanto Vasco Morgado se ausentava para brasis e angolas, a cama do Camilo voltava ao Monumental. De vez em quando, o Vasco diverte-se a dar razão aos profissionais da maledicência.

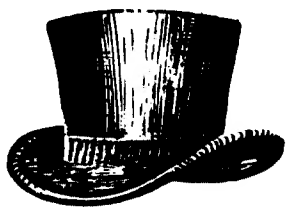
A TURMA DA PESADA

Ele tem 120 quilos, «torce» pelo Vasco (é neto de portugueses), já foi campeão de judo e candidato ao ceptro de Rei Momo, chama-se Angelo, é o titular absoluto da «Turma da Pesada» e fabrica um grande exito em disco de três em três meses.

O primeiro foi «Procurando Tu» e agora é «Ovo de Codorna». Em suma: o chamado «cara p'ra frente», amante dos carros «envenenados», dos colchões de latex e das garotas idem. Está ameaçando desembocar por aqui com a sua turma, a saber, por ordem de entrada na foto: Evleyn (20 anos), Mary Leide (18) e Mary Loide (18).

«O Passado e o Presente»: Manuela de Freitas é óptima

TIREMOS o chapéu



... À Fundação Gulbenkian, que está levando a todo o País admiráveis espectáculos de teatro, a cargo de grupos como «Os Bonecreiros», o Experimental de Cascais, os «Bonecos de Santo Aleixo», o «Teatro de Branca Flor» e outros, só sendo de lamentar que os bilhetes, de preço muito relativamente acessível, não sejam totalmente gratuitos, para benefício de quem não pode gastar um centavo com tais luxos.

O PIOR E O MELHOR

«O pior filme que já vi. Aguentei só até o intervalo». Quem me diz isto é o jovem cineasta brasileiro Stephan Whol, a propósito de «O Passado e o Presente», de Manuel de Oliveira, que foi ver no Condes num desses domingos em que uma plateia heterogénea parte em massa para a gozação e não deixa escapar nada. Também vi o filme no Condes e tive que solicitar a um cavalheiro que estava a meu lado o favor de permanecer em silêncio e de me poupar às suas imprecações. A reacção popular tem sido ruim. E daí? Os críticos, de um modo geral, dizem que Manuel de Oliveira é um génio e a fita mais genial ainda. Talvez esteja toda a gente a exagerar um bocado. Recomendei a Stephan Whol que veja o filme de novo quando voltar em Agosto e que entretanto, no Brasil, releia o que o nosso comum amigo Alex Viany escreveu a respeito de Manuel de Oliveira, que está longe de ser um René Clair dos pobres. «O Passado e o Presente» tem, como todas as obras de qualidade, dois níveis de leitura. Quem não enxerga o principal põe a boca no mundo: «Pessegada» «barrete», «isto só em filme português». Por mim também vou rever a fita, se possível num clima mais ameno. Houve momentos em que o espectáculo me fascinou, outros em que a transparência do jogo e dos significados me alienou da proposta fundamental. Mas que a fita tem um estilo, lá isso tem : o velho Manuel de Oliveira é um artesão muito intessante.

SÓ PARA AUSTRÍACOS

Antes de iniciar o seu sensacional «happening» no «Botequim», António Victorino d'Almeida, que vai agora concluir o seu curso de Regência em Viena de Áustria, disse a esta coluna: «Acabei de compor um novo trabalho, bem enraizado num **surto** contemporâneo que significativamente intitulei de **Pornofonia.** Trata-se de uma obra **temperamental** para 18 instrumentos de sopro e um **sousafone.** Como quase todos os meus trabalhos anteriores de composição musical, será estreado dentro de dias em Viena e difundido pela rádio.

A de lá, claro. A de cá, como sempre, nem tomará conhecimento, pelo que não sei quando a obra será ouvida em Portugal».

A festa do ouro de Liz & Burton

Por JOHN AKASS
Sunday DL

Foi a última noite dos privilegiados. Elizabeth Taylor fez quarenta anos, e com ela começou a decadência. Richard Burton, seu marido, como devem estar lembrados, escolheu essa ocasião para lhe oferecer um novo diamante, «bugiganga» que custou qualquer coisa como 380 mil libras (cerca de 25 mil contos!), o que, além de ser uma grande «prova de amor» é, ainda, um enorme investimento. A propósito, Burton disse que no dia em que ninguém já os quisesse ver na tela podiam vender todas aquelas «quinquilharias»...

A FESTA

A festa foi em Budapeste simplesmente porque Richard Burton aí está a rodar um filme sobre o tristemente célebre «Barba Azul», assassino de onze mulheres. Assim, Budapeste assistiu calada à festa do ouro. E só ouro brilhava no Intercontinental Hotel. Como convidados, estavam presentes, entre outros, Grace Kelly, Suzannah York e Michael Caine, bem como vinte embaixadores.

Cá fora, o lamacento Danúbio passava, indiferente ao bulício capitalista que povoava o hotel. Uma única pergunta nos assaltava: Aonde nos leva tudo isto?

As pessoas passeavam as suas «toilettes» e as suas não menos vistosas jóias, chamando-se de «queridas», e chegamos à conclusão de que os Burtons são as últimas pessoas que podemos, realmente, apelidar de «fabulosas».

Elizabeth tomou injecções de vitamina B12 por qualquer pequena indisposição, e conservava-se num majestoso isolamento. Naturalmente que a afectada senhora não podia pôr o seu último «brinquedo» à volta do seu imponente pescoço e, assim, o sr. Burton usou-o por ela, posando para os fotógrafos com o diamante na testa...

Richard Burton explicou que o 40.º aniversário é importantíssimo e culminante na vida de qualquer mulher. Também disse da importância de se tomar público o aniversário de sua mulher, pois como Elizabeth começou cedíssimo no cinema, muita gente poderia ser levada a pensar que já teria sessenta anos!

Trocaram-se graças. Houve quem perguntasse se seria um diamante a prenda ideal para oferecer a uma mulher decadente. Houve até quem, menos «bajulador» ainda, descrevesse miss Taylor como um «pastel enfeitado de jóias»!

Mas, para dizer com franqueza, ela é soberbamente bonita e, para que se saiba, é, também, bondosa. Um director teatral que estava presente disse, a propósito: **«Se eu caísse e estendesse a minha mão, Elizabeth lá estaria com certeza.»** Como isso realmente aconteceu (ele caiu), foi um problema: Liz não estava lá na altura! A afirmação caiu, pois, como num saco roto.

Burton calculou que aquele acontecimento poderia custar não mais de 25 mil a 30 mil libras. Adiantou, também, que «miss» Taylor deixaria lentamente o cinema e devotar-se-ia às crianças e à «melhoria da situação dos pobres». E, já que a função caritativa do casal é negócio fechado, Richard tornou público que, no fim do ano, doaria uma importância idêntica à do custo da jóia às instituições britânicas de caridade.

MURROS

O único repórter oficialmente convidado foi o do «Woman's Wear Daily». Eu só posso falar dos rumores. E constou que nessa noite se desenrolaram algumas cenas desagradáveis: o autor galês Alan Williams, filho do actor Emlyn, deve ter dito, em dada altura, que o dinheiro poderia ter sido gasto numa causa mais importante. Houve, depois, algumas cenas de pugilato... moderado, lágrimas e, por fim, o sr. Williams foi posto na rua. Mas tudo isto são coisas «sopradas» não se sabe por quem. Imaginem que até constou que a sr.ª Taylor tinha atravessado o Danúbio a pé (!) e que Richard Burton tinha subido uma rua deixando pegadas no alcatrão.

Ora nada disso aconteceu, pois que, embora estas pessoas se comportem como deuses, não são mesmo nada divinas...

Liz, Burton e o diamante

a mosca pica...

NOTA DE ABERTURA

Nada aconteceu de especial nesta semana em que não houve sequer um festival para animar a vida portuguesa. Estiveram os cantantes calados, os polémicos mais ou menos satisfeitos com os outros polémicos e os amadores do bom tempo à janela à espera do mesmo que, a julgar pelo que para aí se afirma, ainda não é desta.

Julgamos todavia que os pedidores de subsídios continuaram a pedir subsídios aos concessores de subsídios, o que nos leva a crer que bem no fundo, a vida portuguesa continua a processar-se nos termos habituais, tanto mais que os gravadores que A MOSCA deixa pelos cafés disfarçados de frequentadores desse tipo de estabelecimentos, revelam que as conversas se assemelham às gravadas o ano passado nesses mesmos cafés.

As nossas cassettes revelam, de facto, que:

a) - O grupo A continua a dizer mal do grupo B.

b) O grupo B continua a dizer mal do grupo A e do grupo C.

c) - O grupo C continua a dizer mal dos grupos A,B e C.

d) - O grupo D continua a dizer mal dos grupos A,B, C e D.

e) - O grupo E se dissolveu por um dos seus membros ter afirmado a pés juntos que era amigo pessoal dum componente do grupo B o que foi considerado como revelando falta de carácter e falta de integridade.

De novo, apenas o facto de se estar a constituir um novo grupo - o grupo H - que só ainda se não definiu em termos precisos por estar à espera que regresse de Paris, onde foi passar quinze dias, um seu componente incumbido de procurar por lá uma escola suficientemente desconhecida para poder ser defendida em termos prestigiosos para o grupo. Infelizmente, a julgar pelo que nos dizem, o referido viajante apenas contactou até agora um grupo marginal francês que acabou por se revelar mais interessado em divulgar um processo novo de estrelar ovos do que em defender teorias estéticas. Afirmam-nos que, apesar disto, o grupo ainda não perdeu as esperanças e que, já tendo mesa certa num conhecido café lisboeta, tenciona enviar um outro membro a Londres onde, ao que parece, há várias escolas - em saldo na zona de Chelsea.

Consta ainda - não temos a certeza disso - que um conhecido intelectual da Polinésia esteve recentemente em Lisboa onde estabeleceu contactos com alguns lisboetas e proferiu duas conferências sobre os mais recentes métodos de psicoterapia usados na Polinésia para o tratamento de pescadores feridos por tubarões ao pescarem pérolas. Fundamentalmente, os métodos referidos pelo intelectual da Polinésia consistem na aplicação de certas algas às feridas dos doentes que, em seguida, dançam e representam antiquíssimas danças rituais destinadas a afastar os deuses que protegem os tubarões. Afirmam-nos que os portugueses que assistiram às conferências ficaram profundamente impressionados pelos resultados obtidos pela aplicação destes métodos e que estão formando um grupo destinado a divulgá-los e aplicá-los em Portugal onde, apesar de não haver tubarões, há moscas perigosíssimas. A primeira experiência vai ser feita no distrito de Beja onde o grupo tenciona tratar com folhas de manjerico os alentejanos picados por moscas - não temos, infelizmente, algas da família das usadas na Polinésia - estando já gravadas as canções rituais da Polinésia que os alentejanos deverão interpretar depois de tratados com folhas de manjerico. Parece que a tese está despertando grande interesse e que os seus, defensores já têm uma revista mensal destinada a divulgá-la.

Resumindo: nada de novo na nossa terra. Mesmo o que há de novo - referimo-nos ao concurso das misses que vai brevemente ter lugar - é velho como burro porque sempre tivemos coisas desse género

Não sabemos quem é que vem, este ano, animar o concurso, mas esperamos que não seja o desanimador do ano passado.

Que mais esperamos deste concurso?

Que o organizador internacional o justifique novamente com o seu já tradicional brilhantismo.

Que as madames não percam a ocasião de exibirem os seus vestidos de gala.

Que para o ano sejamos escolhidos para local do concurso da miss universo.

Que haja muitas palmas.

NOTÍCIAS FRESQUINHAS DO GRANDE CAMPEONATO DAS MENINAS

Prometemos aos nossos leitores que cobriríamos o grande concurso das misses e tencionamos cumprir a nossa promessa. Os repórteres de «A MOSCA» continuam, hoje, a entrevistar as senhoras da nossa **melhor** sociedade que já marcaram mesas para o evento. Não esqueceremos um só detalhe: diremos quem elas são, como vão vestidas, onde compraram os vestidos, etc., etc. Para começar, entrevistámos a sr.ª D. Angélica das Neves, senhora da **nossa** melhor sociedade, que já marcou quatro lugares para o grande evento e que nos disse achar os preços ridìculamente baratos:

— **Acho que, enquanto os preços se mantiverem acessíveis a toda a gente, não se poderá seleccionar a assistência — não me dá razão? Um acontecimento deste vulto devia estar exclusivamente destinado às senhoras da nossa melhor sociedade, mas, como os preços são acessíveis a qualquer um, nada nos garante que a casa não esteja repleta de quartos de tijela e de pirosos. Por mim — e olhe que não sou «snob» — entendo que os bilhetes deveriam custar pelo menos 5000$00. Só assim se conseguiria uma verdadeira selecção. Outra coisa: atendendo a que o espectáculo é televisionado, a direcção da televisão devia assegurar-se prèviamente de que só nele entram pessoas que sejam mesmo da nossa melhor sociedade para que se não ponham pessoas de gosto duvidoso em frente dum povo que ainda está por educar e que até pode imitá-las sem saber o que está a fazer.**

D. Purificação Costa

Quisemos saber como a D. Angélica das Neves, senhora da nossa **melhor** sociedade, iria vestida.

— **Como sabe, o meu esposo é industrial de penhores, de forma que tenho, por vezes, a possibilidade de adquirir tecidos raros e preciosos que se não encontram no mercado. Neste caso concreto, levo uma blusa de brocado feita dum tecido que uma refugiada empenhou no fim da guerra e que depois foi a leilão. O meu marido, que tem muito gosto, comprou-o por intermédio dum empregado e ofereceu-mo.**

Para dar um toque moderno ao vestuário, levo umas jóias lindas que adquiri no Verão em Salamanca. Estou certa de que ao olharem para mim todos verão imediatamente que sou da nossa melhor **sociedade.**

Fomos a casa da D. Purificação Costa, esposa dum comerciante de chouriços e enchidos especializado em enchidos da Guarda e em morcelas de Arouca. (O industrial em questão — Etelvino Costa — tem fábrica própria na Calçada de Carriche). Iniciámos a entrevista a medo:

— **Somos da «Mosca»...**

— **Se vem por causa da história das moscas não entra cá em casa. Na fábrica do meu esposo não há mais moscas do que noutra fábrica qualquer. Isso de andarem para aí a dizer que há quem encontre moscas nos chouriços que ele fabrica é uma mentira da concorrência. Se apanho a pessoa que anda a espalhar isso dou cabo dela com as minhas mãos...**

— **A «Mosca» é um suplemento do Diário de Lisboa, minha senhora. Viemos entrevistá-la porque queremos entrevistar todas as senhoras da nossa** melhor **sociedade...**

— **Nesse caso bateu à porta certa. Sou, efectivamente, da nossa** melhor **sociedade e se apanho alguém a dizer o contrário dou cabo dele com estas mãos que aqui vê...**

— **Tem alguma crítica a fazer ao concurso?**

— **As pessoas da nossa** melhor **sociedade não criticam as actividades sociais — participam nelas e dão-lhes brilho.**

— **Brilho?**

— **O inconfundível brilho de quem pertence à nossa melhor sociedade.**

— **Vai com amigas?**

— **Evidentemente. Vou com a D. Mécia e com a D. Leopoldina.**

— **Pode saber-se quem são essas senhoras?**

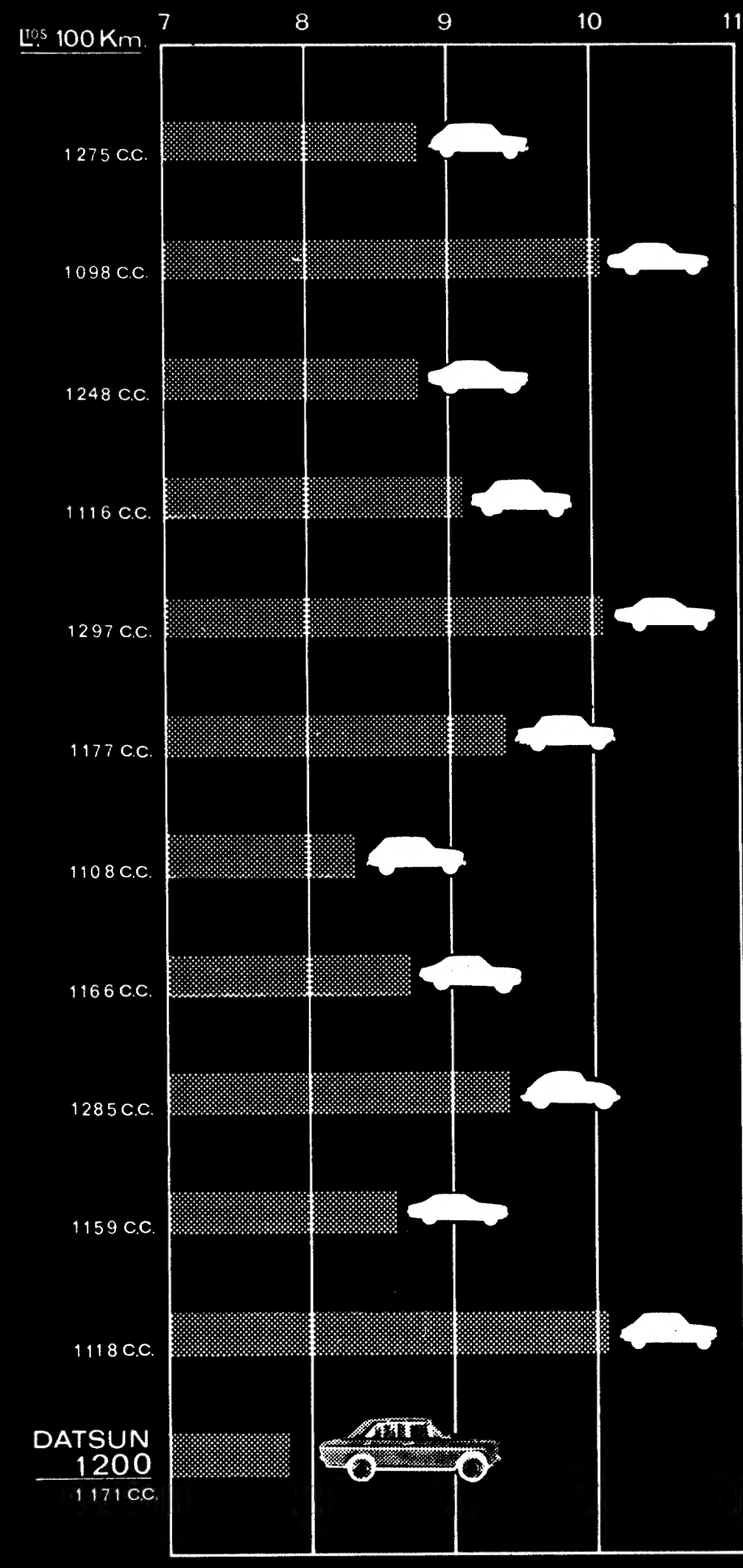
— **Com certeza: uma é dona duma firma que tem quatro leitarias e a outra é esposa de um oficial de diligências. Como vê, gente de primeira do ponto de vista social.**

— **Como vai vestida?**

— **Isso não digo. Entendo que uma mulher elegante não deve revelar**

Continua na pág. 9

DATSUN



Dados colhidos das revistas Autocar e Quattroruote em percurso de cidade e estrada a várias velocidades.

FINALMENTE FICÁMOS ATRÁS...

... NO CONSUMO, CLARO !

Certamente que V. sabe **quanto custa** o carro que vai comprar.
Mas saberá **quanto lhe vai custar?**

Tão importante como o preço inicial será o custo da manutenção do seu carro.

Todos os nossos modelos são económicos na aquisição e mais económicos ainda na manutenção. Veja o exemplo do consumo do Datsun 1200...

... E até há clientes nossos que afirmam consumirem menos de 6 lts./100 km.

A apoiá-lo temos assistência em todo o País.

Qualidade DATSUN — Economia Segurança — Performance

1

2

3

4

ENTREPOSTO

Avenida Duarte Pacheco, 21-A — Tels. 685175/6/7/8 • Rua D. Estefânia, 118-A (ao Arco do Cego) Tels. 553271 - 553310 • Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 88-A — Tel. 765980 — Lisboa
Praça de Moscavide (aos Olivais) — Tels. 314060/1/2/3/4/5/6/7/8/9
Concessionários em todo o País

NOTÍCIAS FRESQUINHAS DO GRANDE CAMPEONATO DAS MENINAS

Continuação da pág. 7

certos segredos íntimos. Uma mulher elegante deve rodear-se de mistério, deve conservar a sua poesia intacta. Sou contra o hábito de contar tudo, tanto mais que anda muita gente preocupada com o meu vestido. É o que lhe digo: há por aí quem se ande a roer de curiosidade para saber o que eu levo vestido.

— Em casa da Mariquinhas, menina da nossa **melhor** sociedade, reinava a confusão. Primas iam e vinham trazendo e levando amostras de tecidos e revistas femininas com modelos de vestidos. A Mariquinhas recebeu-nos numa saleta bem decorada e ofereceu-nos uma bebida.

— É claro que vou — podia lá perder uma coisa destas! Onde quer que haja actividades sociais, tenho de estar presente. Sabe o que me acontecia se tivesse de ficar em casa a ver aquilo na televisão? Tinha a sensação de que a vida me estava a escorregar entre os dedos, tinha a impressão de estar a perder uma coisa importante. O pior é que tenho pouco tempo para me preparar porque só disponho de dias. À noite, bem vê, tenho de ir jantar com este, cear com aquele, boitar com um grupo qualquer. Tenho uma vida social muito intensa, mesmo muito intensa — cinemadas, jantaradas, teatradas, boitadas... Sou uma rapariga moderna, dinâmica, cheia de vida e de iniciativa.

Saímos de casa da Mariquinhas a pensar que é pena haver tão poucas Mariquinhas entre nós — são, incontestàvelmente, um sinal de progresso.

Fomos a casa da D. Florinda do Céu, senhora da nossa melhor sociedade, ligada aos meios literários das pastelarias e frequentadora assídua de dois ou três cafés aliteratados. Encontrámo-la a ler na ELLE, um artigo de divulgação sobre a vida íntima dos filósofos modernos. Atacou-nos antes, mesmo, de nos sentarmos.

— Sabe que o Sartre lava os dentes? Para mim é uma autêntica revelação e, para lhe dizer a verdade, tenho pena de ter tomado conhecimento deste facto. Acho que lhe tira autenticidade e humanismo. Sempre julguei que estivesse tão ocupado com altos problemas que não tivesse tempo para estas coisitas do quotidiano. Tive uma verdadeira decepção — foi como se me tivessem dito que Fidel usa «after shave»...

— Temos a impressão de que o Fidel não usa «after shave»...

— Sim, porquê?

— Porque não se shava.

— Ah, tem razão — o Fidel é o da barba! Estava a confundi-lo com o Delon. Há cada vez mais celebridades e começa a ser difícil distingui-las umas das outras. Esta confusão é curiosa porque me lembro muitas vezes do Fidel — basta-me ouvir o «Quando sali de Cuba».

— Vai ao concurso das misses?

— É claro que vou — toda a mulher emancipada se deve interessar por este tipo de actividade. Sou toda pela emancipação da mulher — e vocês?

Apressamo-nos a acalmar a D. Florinda do Céu, menina da nossa **melhor** sociedade, que sobe e desce o Chiado duas vezes por dia para não perder contacto com a vida cosmopolita da cidade. Para usar uma sua expressão: «É no Chiado que se encontra o que temos de melhor — os nossos melhores escritores, os nossos melhores pintores, os nossos melhores conquistadores».

— Diga-nos, D. Florinda, já reservou lugares?

— Vou com um grupo, percebe? Vamos também para gozar porque hoje em dia não se entende nada que não seja para gozar. Ficava-nos mal não sermos vistas a gozar. Quem quer ser do meu grupo tem de gozar. O nosso melhor gozão é o Tó — conhece o Tó?

— Não, temos de reconhecer que não temos esse prazer.

— Pois não sabem o que perdem. O Tó é um gozão bestial.

Em casa da D. Joaquina do Ó, ao contrário do que acontecia em casa da D. Florinda, reinava um silêncio absoluto. D. Joaquina recebeu-nos numa saleta artisticamente decorada com posters e bibelots «arte nova». Aqui e além, para dar ao ambiente um tom requintado, um cinzeiro de massa de mármore ou um castiçal de imitação de cobre.

— Diga-nos, D. Joaquina, vai ao concurso das misses?

— Não podia deixar de ir. Parar é morrer.

— E entende que essa frase se aplica ao concurso?

— É claro que entendo. Se o não entendesse não a dizia. Quem se deixa ficar em casa nas grandes ocasiões, fica com o espírito seco e alma liofilizada.

— Acha então que vale a pena ir ao concurso?

D. Joaquina sacudiu a cinza do cigarro para dentro dum cinzeirinho mimoso de origem artesanal e fitou-nos com um sorriso de escárneo antes de responder.

— Um grande poeta português disse uma vez que tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

Atacamo-la, antes que prosseguisse:

— ... as armas e os barões assinalados que da...

— Isso não é desse poeta. O que eu quero dizer é que é preciso ter uma mini-alma para pensar que estas coisas não são tão necessárias como as outras. O que é preciso é encarar a vida com poesia.

Antes de terminarmos a nossa reportagem desta semana deslocámo-nos ao Estoril com o objectivo de averiguar se os benefícios turísticos do grande concurso já se estavam a fazer sentir.

Carlos Pum, motorista profissional abanou a cabeça desgostoso:

— Cá por mim, ainda não dei por nada, mas o melhor é o senhor perguntar aos meus colegas, que eu nestas coisas de política, nunca meto o bedelho.

José Rodrigues, barman, pouco adiantou:

— Cá por mim também ainda não dei por nada mas não quero que ponham o meu nome no jornal porque vivo disto, sabe, e ando a ver se consigo que o meu barzinho seja declarado de utilidade turística.

Manuel Esteves, vendedor ambulante, afirmou:

— O negócio está muito mau, mesmo muito mau por causa dos supermercados. Olhe que eu faço mais com as gorjetas que me dão os turistas que me tiram retratos do que a vender. O que vale é que agora meti-me num negóciozito que está a dar — compro pacotes de cigarros, abro-os e vendo os cigarros um a um aos miúdos das escolas dizendo-lhes que é marijuana...

Pontevera, proprietário galego dum estabelecimento de comes e bebes, foi positivo:

— O negóchio das miches deu chempre muito, olá che deu. Tibe um tio que emigrou para a Argentina e boltou de lá rico com eche negóchio. O que é prechicho é ter amigos e protechões. Infelichemente estão a estragar tudo e mesmo eche negóchio que era tão bom cha não dá o que daba porque há muita concorrência. É dos filmes e das rebistas, echtou farto de dijer que é dos filmes e das rebistas. Hoche em dia toda a chente é miche...

ALGUMAS MISSES DO PASSADO
(Breve retrospectiva dos grandes concursos de misses através dos tempos)

1 A bela Tosnelda, menina da MELHOR sociedade romana, famosa por ter ganho na mesma semana o concurso das misses de Florença e um festival de cantantes. Tosnelda, ao que parece, casou com um cavaleiro romano e abriu um cabaretum em Roma que abriu falenciorum passado tempo.

2 Popea, a maravilhosa, representante da colónia cartaginesa no 2.º Concurso das misses romanas, conquistou o júri pela sua beleza exótica e obteve o primeiro lúgar. Pouco ou nada se sabe a seu respeito mas tudo leva a crer que tenha sido hospedeira de bordo nas galeras da época, ofício muito cobiçado pelas misses do tempo por lhes permitir visitar muitos portos. Popea a maravilhosa foi escolhida pela sua beleza para chefe da secção de públic relations duma importante empresa turisticorum que se dedicava à organização de excursões de bárbaros desejosos de conhecerem as delícias das praias romanas e apertou a mão a tantos bárbaros que acabou por ficar maneta.

3 La Gloriosa de Germania, vencedora do I Grande concurso de misses realizado na Europa no século XIV. Vencedora deste prémio e do «Prémio Pudor» instituído por uma importante empresa internacional da época, La Gloriosa de Germania faleceu passados dias numa rixa que teve lugar à porta duma taberna de Munich.

4 Henrique VIII de Inglaterra, promotor de um concurso de beleza permanente ou de sessões contínuas, cuja vencedora desposava para, mais tarde substituir pela vencedora de outra sessão.

5 Algumas senhoras da melhor sociedade da época, conversando acerca dos méritos relativos das misses que participaram na tomada da Bastilha. Por motivos ainda não inteiramente esclarecidos, estas senhoras desapareceram da vida francesa pouco tempo depois desta fotografia ter sido tirada.

6 Dandy da época tirando o chapéu à passagem das misses que participaram no concurso das misses de 845.

7 Membro do júri do concurso de 868 examinando os pés das concorrentes para desclassificar as que tivessem calos.

8 O apresentador do espectáculo de 1911.

9 Uma relíquia preciosa: o sapato que a vencedora do concurso de 925 levou ao mesmo.

5

6

7

8

9

Eu é que dava uma grande fita

Cá em casa para se poupar dinheiro um vai ao cinema e conta as fitas aos outros para ficarem todos a saber tudo pelo preço dum só bilhete é uma maneira de se viver como outra qualquer e para mim é bestial porque oiço as fitas todas mesmo aquelas que são para maiores de dezoito anos que são umas que há em que as pessoas dão beijos por todos os lados e que a gente não pode ver para não ficarmos sem moral pois esta semana quem foi ao cinema foi o meu Pai o que é uma grandecíssima indecência porque quem vai sempre ao cinema é ele a minha Mãe nunca vai porque tem de tomar conta de mim como se eu precisasse que alguém tomasse conta de mim ou porque tem de cozinhar o jantar só para saberem como é conto que quando o meu Avô morreu a minha Mãe esteve dois anos sem ir ao cinema por estar de luto mas o meu Pai como não era filho dele foi uma data de vezes para se distrair e não pensar no desgosto enfim isto cá em casa nestas coisas é uma grandecíssima indecência mas o melhor é eu contar a fita que o meu Pai foi ver que é uma que está agora aí chamada o mensageiro que é um miudo que leva recados duma para um e dum para uma com toda a calma sem receber pilim nenhum pelo trabalho só para lhe dizerem o que é o amor e vai quando o meu Pai chegou a casa contou a fitinha toda á minha Mãe e disse que o tal miúdo só queria era que lhe dissessem isso e eu fiquei toda torcida por dentro sim porque dos miúdos estrangeiros que fazem recados eles fazem logo fitas mas dos miúdos portugueses que os fazem nem uma fitinha para amostra sim nem uma fitinha para amostra e eu tenho muito direito de falar nisso e de reclamar porque nunca fiz outra coisa toda a vida senão dar recados e distribuir bilhetes sem ninguém fazer uma fitinha de mim e o que é mais se eles gostam de fazer fitas de miúdos que dão recados podem vir aqui á Graça que tem fitas para a vida inteira o que os miudos aqui da Graça não são é parvos sim porque se julgam que a gente faz recados de borla enganam-se nós os portugueses somos muito mais espertos do que os estrangeiros está-se mesmo a ver que nenhum português fazia recados de borla pois eu comecei a dar recados há uma data de anos há tantos anos que já nem me lembro parece-me que os primeiros foram uns bilhetes que me dava o senhor Silva do talho para eu entregar à menina Lisette do r/c. E ainda me lembro muito bem do que eram porque eram todos iguais ele entregava-me uma cartinha pequenina com um bilhete lá dentro que dizia assim **«menina Lisette se quiser agradar a este seu coração apaixonado esteja ás seis horas que é quando eu fecho o talho sentada no banco do jardim que fica mesmo ao pé do lago»** e vai eu metia-o debaixo da porta da menina Lisette e dava duas pancadas na porta e dai a dois minutos ouvia-a lá dentro a levantar o bilhete ás vezes ela respondia e outras vezes não ainda me lembro que uma das respostas dela era ssim **«Senhor Silva já vamos na terceira assentadela no banco do jardim e ainda não sei quais são as suas intenções se pensa que eu tenho idade para namorar engana-se não sou como essas que andam para aí hoje às seis horas não vou nem volto enquanto o senhor não me disser quais são as suas intenções»** a esta ele respondeu **«Menina Lisette quando olho para os seus olhos perco-me e fico tão perdido que nem voz tenho para lhe dizer quais são as minhas intenções mas se vier hoje ás seis horas digo-lhas todas palavra de honra venha por favor que este seu coração apaixonado fica a ver passar os minutos no relógio e não atende nenhuma freguesia depois das seis nem que seja uma a comprar rosbifa». Nunca cheguei a saber quais eram as intenções** dele porque aquilo acabou nesse mesmo dia ela foi e sentou-se no tal banco e ele chegou daí a um bocado todo bem arreado com uma flor ao peito e vai daí a um bocado ela deu-lhe uma grandecíssima bofetada uma bofetada tão grande que se ouviu na taberna e pronto acabou-se o namoro e acabaram-se os recados o que não me fez uma grande diferença por que eu nessa altura era ainda muito nova sabia muito pouco da vida e não tinha feito um preço decente ao meu trabalho bastava que eles me dessem meia dúzia de rebuçados e ficava toda contente depois disso é que eu percebi como era sim depois disso é que eu vi que dar recados é uma maneira de viver como qualquer outra e que em certos países civilizados até fazem filmes disso o que mostra como nós andamos atrasados pois o primeiro recado bem pago que eu tive foi um que me mandou fazer uma que é cabeleireira e que gosta dum que trabalha aqui numa loja de coisas de vestir essa mandou-me espiar o tal da loja á hora da saída para ver se ele falava com alguém ou se tinha alguma mulher á espera dele e eu disse-lhe que sim senhor que espiava mas que ia perder muito tempo e que era uma coisa bestialmente difícil de fazer e a prova é que os Persuasores quando precisam de espiar um homem chegam a mandar seis e sete pessoas segui-lo de maneira que ou ela me pagava uma coisa que se visse ou arranjava outra pessoa e vai ela ofereceu-me vinte e cinco tostões eu pedi dez escudos e acabamos por assentar em cinco escudos o que não é mau para uma espreitadela o pior foi que o tal da loja tinha uma mulher á espera dele e foram de braço dado pela rua abaixo e quando eu disse isso á cabeleireira ela ficou muito branca e pediu-me para eu os seguir para ver exactamente para onde eles iam o que é uma coisa bestialmente difícil tanto mais que no dia seguinte eu tinha de ir a casa duma amiga que fazia anos e que por ser filha dum que trabalha numa pastelaria dá sempre umas festas bestiais com três e quatro bolos para cada convidada mas eu nestas coisas o que digo é que primeiro vem o trabalho desde que seja bem pago sim desde que seja bem pago porque se ela me oferecesse outra vez cinco escudos eu não podia aceitar porque com esse dinheiro eu comprava menos bolos do que os que podia comer de graça na casa da tal minha amiga mas vá lá que ela foi decente e que me ofereceu vinte escudos o que sempre compensava de maneira que segui o homem e a mulher até á Avenida Almirante Reis que é longe como burro e que já fica fora da Graça e não os segui mais porque não se trabalha fora da zona sem receber mais o meu Pai quando o chefe da repartição o manda a Évora ou a Beja recebe mais por estar a trabalhar fora de casa e eu nestas coisas acho que tal pai tal filha de maneira que disse á do cabeleireiro que para os seguir precisava de trinta escudos e vai ela deu-mos e disse para eu os seguir até á Avenida Almirante Reis e para me chegar ao pé dele e dizer-lhe

Continua na pág. 11 no DL

Por
WILLIAM TOOHY
«Los Angeles
Times «DL»

MEDITERRÂNEO: morte em 25 anos

Agoniza o berço da civilização ocidental

NÁPOLES — Olhando pensativamente através da janela do seu gabinete de trabalho, donde se pode admirar a esplêndida baía de Nápoles, o professor Peter Dohrn observou: «Daqui parece magnifica. Na realidade, porém, a baía encontra-se inacreditàvelmente suja. Estamos empenhados numa corrida com o tempo para mantermos vivo o Mediterrâneo».

Efectivamente, o mar dos poemas de Homero corre perigo de morte devido ao derrame de petróleo e outras formas de poluição industrial e privada.

Os cientistas temem que o Mediterrâneo, berço da civilização ocidental, esteja a morrer. Todavia, acreditam igualmente que não é demasiado tarde para salvar este grande mar interior.

«E preciso conseguir que os políticos e os governos compreendam a urgência do problema», afirma o Professor Dohrn, biologo que dirige a estação zoológica de Nápoles. **«E antes que seja tarde».**

A situação é grave: praias há que foram encerradas por razões de saúde pública, os bancos de peixes estão a tornar-se mais raros, manchas de óleo sujam as costas, a vegetação desaparece e as zonas portuárias são autenticos escoadouros.

O explorador submarino Jacques Cousteau conta que quando começou a mergulhar no Mediterrâneo, há 25 anos, este mar estava cheio de vida. E hoje em dia?

«Cada vez é mais raro ver um peixe de dimensões razoáveis», respondeu ele. Custeau calcula que a vitalidade do mar declinou 30 a 50 por cento nos últimos 20 anos.

O cientista suiço Jacques Piccard está convencido de que a vida no Mediterrâneo terá desaparecido dentro de 25 anos, a menos que a sociedade tome rápidamente as medidas que se impõem para acabar com a poluição.

A agonia do Mediterrâneo deve-se ao facto de, apesar de toda a sua beleza, se encontrar rodeado de zonas industriais densamente povoadas que produzem quantidades enormes das matérias mais diversas causadoras de poluição.

Além disso, possui apenas uma saída verdadeira - o estreito de Gibraltar - para o Atlântico.

Todavia aquilo que mantém vivo um mar e tudo o que nele existe é o oxigénio contido na água, o qual é fornecido ao Mediterrâneo por massas de ar frio continental que sopram através dos três «pulmões» - a bacia provençal, o mar Adriático superior e o mar Egeu.

Infelizmente, porém, os pulmões do Mediterrâneo situam-se nas zonas do mar onde a poluição assume aspectos mais graves. A delgada camada que o cobre impede a fotosíntese e a oxigenação da água.

A primeira poluição do Mediterrâneo provocada pelo Homem remonta ao tempo das minas de cobre de Chipre, de ferro da Asia Menor e de estanho da Fenícia.

Mais tarde, na antiga Roma, os esgotos desembocavam no Tibre, o qual, por seu turno, desaguava no mar. Os canais e lagoas de Veneza vêm recebendo, desde há séculos, so detritos humanos.

Hoje em dia, quando a população e a actividade industrial se multiplicam espontâneamente na bacia do Mediterrâneo, o equilibrio ecológico do mar é sériamente afectado.

Alguns produtos, tais como os resíduos de instalações industriais, envenenam a vida animal e vegetal que encontram no seu caminho. Por esse motivo, o número de espécies deste mar está a diminuir.

Outros produtos como o petróleo, utilizam tais quantidades do oxigénio existente na água que os seres vivos acabam por perecer por falta dele.

Calcula-se que, só o ano passado, cerca de 300 mil toneladas de petróleo tenham sido despejadas no Mediterrâneo por navios que procediam á limpeza dos seus depósitos bem como nos terminais dos «pipe-lines».

Por outro lado, as manchas de óleo dizimam as aves marinhas e causam enormes prejuízos ás praias. Tal como afirmou o cientista e explorador Thor Heyerdahl: **«Malta possui um cinto negro á sua volta. Há petróleo ao longo das costas do Líbano e da Síria. Está a matar a vida marinha. Esta desapareceu das zonas onde o petróleo invadiu a praia.»**

Além disso, existem produtos que levam a um crescimento excessivo de uma única planta ou animal, em prejuizo de todos os outros.

Algumas formas de poluição do Mediterrâneo resultam do derrame deliberado de detritos.

Para tornar a situação ainda mais aflitiva, cerca de três milhões de toneladas de navios aliados foram afundados no Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial, juntamente com as munições, armas químicas e petròleo que transportavam.

«Cada vez é mais raro ver neste mar um peixe de dimensões razoáveis» JACQUES COUSTEAU

Ná Itália, mais de catorze milhões de pessoas vivem ao longo das costas, dispondo apenas de um reduzido número de estações de tratamento dos esgotos.

Em Veneza, por exemplo, 76 instalações industriais diversas despejam os seus detritos na lagoa, que foi tema das pinturas de Turner e Canaletto.

Na Itália, mais de catorze milhões de pessoas vivem ao longo das costas, dispondo apenas de um reduzido número de estações de tratamento dos esgotos.

Falando dos males que afligem o Mediterrâneo, o cientista britânico «Lord» Ritchie-Calder diz que **«os seus pulmões estão afectados. Podemos diagnosticar a doença, a qual exige um tratamento e medidas mais drásticas do que aqueles a que as autoridades recorreram até neste problema internacional. É evidente que a situação piorará a curto-prazo, dado que os efeitos serão multiplicados e ampliados pelo aumento de actividade industrial sem medidas eficazes para a conveniente canalização dos detritos ou leis adequadas:**

«A longo prazo, prosseguiu o Ritchie-Calder, **tudo depende da possibilidade de os cientistas elaborarem um programa para a luta contra a poluiçao e os governos seguirem o seu conselho».**

Em linhas gerais, os cientistas esperam formular um certo número de regras susceptíveis de permitirem a detecção e controlo do agravamento da poluição e a diminuição da existente, através de legislação adequada, adoptada pelas nações mediterrânicas.

Os cientistas receiam, porém, que as nações situadas a norte e ocidente do Mediterrâneo concordem com a necessidade de semelhantes medidas enquanto que as nações em vias de desenvolvimento a sul e oriente se inclinem, em contrapartida, para o crescimento industrial - mesmo á custa do meio ambiente.

Continuação da pág. 10

«Olá senhor Costa ainda há bocadinho vi a sua esposa» lá porquê não sei sim porque a verdade é que não é casado mas enfim lá fim o que a do cabeleireiro me pediu e nunca mais me esqueço do que aconteceu ele ficou de boca aberta a olhar para mim e a que ia com ele deu-lhe com a carteira na cabeça e começou a chorar e a chamar-lhe nomes se eu não me tivesse posto ao fresco também era capaz de levar alguma bofetada porque ela estava mesmo tramada de todo o que vale é que me raspei logo é o que eu digo isto de ganhar a vida está cada vez mais difícil só não percebo é porque é que não fazem um filme sobre a gente sim porque os recados da Graça são tão difíceis de levar como os recados estrangeiros e até penso que se há uma terra em que abunda o recado é aqui a Graça palavra que estou convencida disto o que eu quero dizer a quem começar nisto dos recados é que não aceite encomendas de recados ditos para começar não senhor que são muito arriscados e a gente fica feita com as pessoas e fica a saber da vida delas e daí a uns tempos está a fazer-lhes favores de graça o que é um mau princípio de carreira quem quiser começar é dedicar-se só ao ramo do recado escrito que é bem pago e não cria sarilhos cá na Graça há uma data de gente metida nisso há a Mariazinha que dá os recados do senhor Manuel ourives á Elisabeth da tinturaria e os dela ao senhor Castro da drogaria há o Temudo que é um a quem falta uma orelha que dá os recados da D. Hermínia do lugar pequeno ao guarda Costa há o Custódio cegueta que não vê dum olho que dá o que lhe entregarem a quem lhe disserem para entregar há o Pires sapateiro que sempre a fazer de conta que está a provar sapatos ás meninas vai metendo a mão na seara alheia e vai dando o seu recadito desde que lhe interesse e interessa-lhe sempre porque como não tem a quem mandar recados sempre vai dando o seu recadito desde que lhe interesse e interessa-lhe sempre porque como não tem a quem mandar recados sempre vai tendo esperança de lhe cair um dia nas mãos um pé sem dono as mulheres andam teradinhas de todo e com razão coitadas o que me vale é ser tão nova senão estava tramada mas isto ainda não é nada se eu fosse a dizer tudo o que sei dos recados cá da Graça ninguém acreditava e com razão porque só para dar graça á redacção metia umas graças e contava umas coisas que nunca conteceram mas que são tão verdadeiras tão verdadeiras que ao pé delas as coisas que aconteceram mesmo são mentiras descaradas eu palavra de honra que ás vezes oiço pessoas a contar coisas que elas viram e que eu vi e que nunca deviam ser contadas porque não têm nada a ver com a Graça e por isso são aldrabices infames palavra de honra que me apetece chamar-lhes uma coisa que eu cá sei e que é aldrabonas porque eu digo sempre a verdade sobre a Graça mesmo quando digo coisas que nunca aconteceram mas para já e para não ficarem a pensar que isto dos recados nunca aconteceu digo bem alto que aconteceu mesmo e quem quiser saber do que se passa na Graça que pergunte a um que eu conheço que mora no Lumiar mas que trabalha na Graça chamado João que tem uma mulher chamada Mavi e um filho chamado Pedrão esse se quisesse abrir a boca nunca mais se calava mas não quere porque tem que se dar bem com os vizinhos a mim o que me safa é que ninguém sabe quem eu sou.

Guidinha

AS BONECAS com pequenas dificuldades

Exclusivo "SUN" "DL"

As «Penthouse Pets» («bonecas do Penthouse», um clube nocturno de Londres, exclusivamente reservado a sócios), têm de aprender um apertado código de disciplina. E isso no que respeita às suas próprias silhuetas, as linhas do corpo que têm de ser as que a «Pet Mother», directora das «bonecas», ordenar.Claro que todas as «pets» têm problemas a resolver. Elas precisam manter a linha a todo o custo. Disso depende o emprego e o futuro de todas. Um emprego, aliás, para o qual as «habilitações» se apresentam à entrada e continuam a ser quotidianamente apresentadas.

Tina McDowel

Seu ponto fraco: as pernas. Não é problema por aí além, como se pode constatar pela fotografia, mas Tina precisa «encher» um pedacinho mais. Come tudo o que lhe apetece, mas é das tais que não consegue mesmo engordar.

Marie Marks

O problema de Marie são os ombros: «Sai quase tanta «carne» pela parte detrás do meu «maillot» como pela parte da frente...», diz ela. Uma dieta à base de calorias é o processo desta «pet». O que, pelo menos, a mantém tal como é e, por conseguinte, lhe mantém o emprego...

A DOENÇA QUE NÃO PERDOAVA

O Dr. George Whipple, que teve um papel fundamental na descoberta da cura da anemia perniciosa, conta os primeiros passos na luta contra uma doença que foi durante anos a causadora de mortes lentas e trágicas, conduzindo antes à loucura, à paralisia e a outros males piores do que a própria morte. Leia esta impressionante narrativa no número de Março de Seleções do Reader's Digest.

AGORA

Cursos rápidos de
INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO e PORTUGUÊS

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
Praça Luís de Camões, 36-3. Esq
Lisboa — Chiado
Tel 34 988

Cathy Gilfrin

A única que não tem problemas. Considerada pela «Pet Mother» a «boneca» ideal, Cathy é a meta que todas as colegas pretendem atingir.

Marion Maylan

Marion engordou. «Acabei com tudo: não como quase nada, a não ser o estritamente indispensável, bebo pouco. É absolutamente necessário emagrecer. Alimento-me à base de sumo de limão e coisas muito leves.»

Hazel Wilson

Uma pequena dificuldade a vencer: a largueza de ancas. Hazel está atenta às calorias que consome diáriamente, e pratica, regularmente, yoga.

Jeannet Logan

O estômago (e não só como se pode ver pela foto) é o grande problema de Jeannette. Para vencer essa dificuldade, ela faz exercícios abdominais e flexões. E acredita que a ginástica lhe resolverá o problema. Esperemos que sim...

"STOOGES" -ENTRE A VIOLÊNCIA E A LOUCURA

Texto de JOSE JORGE LETRIA

Quem já ouviu falar dos «Stooges»? Quantas pessoas tiveram até agora oportunidade de adquirir os seus discos no mercado? Quantas vezes foram passados os títulos do grupo na rádio entre nós? é melhor não contarmos com respostas afirmativas.

Após uma audição apressada de «Stooges» ou de «Fun House», os dois álbuns do grupo editados até agora nos Estados Unidos, há quem, sem receio, arrisque a comparação: «Stooges» têm em certa medida muito a ver com os «Doors» do malogrado Jim Morrison.

Inacessíveis e violentos, no som como no palco, os cinco «Stooges» criaram junto da opinião pública uma imagem quase mítica de irreverência e dureza.

O advento do grupo data de 1969 e teve significativamente lugar em Detroit, cidade maldita, profundamente industrializada que deixa na juventude um amargo, e, muitas vezes impossível, desejo de libertação. Centro quase absoluto da indústria automóvel norte-americana com o peso das inúmeras lutas operárias sobre os ombros, Detroit imprime uma dureza muito especial ao som dos grupos que ali se vão constituindo, com maior ou menor dificuldade.

É por isso que existe entre os «M.C.S.» entre os «Frost», os Stooges e os restantes grupos daquela cidade, uma linguagem sonora comum toda ela feita de agressividade e provocação.

Tendo o «hard-rock» como meio de expressão natural, «Stooges», rompem, no entanto, deliberadamente, com o primarismo consciente da maioria dos grupos locais, enriquecendo harmònicamente os temas que apesar da sua maior complexidade não perdem o significado nem a força que à partida os caracteriza.

INSÓLITO

O facto do som do grupo surgir por vezes, em alguns dos temas contidos nos trinta e três r.p.m. até agora editados, com uma vaga coloração europeia, deve-se a uma opção um tanto insólita, em grupos norte-americanos: a substituição da tradicional secção de metais por um saxofone-solo, no qual reside muito da originalidade do grupo,. Em «Fun House», o segundo LP do grupo, somos por momentos postos perante um som híbrido, misto de «Heavy Rock» e de «Hard» com um leve sabor a jazz, que em vez de comprometer o trabalho do grupo sublinha até favoràvelmente a sua versatilidade.

Particularmente forte e incisiva é a acção rítmica do grupo. Outra coisa, aliás, não seria de esperar, uma vez que se trata de um grupo «hàrd».

OS MÚSICOS

Scott Asheton é um baterista seguro, com uma batida poderosa e precisa , que, sem floreados, apoia o trabalho dos restantes elementos.

Dave Alexander toca baixo, com excelente sonoridade. E, como muito acertadamente lhe chama um crítico musical francês, «o verdadeiro metrónomo» do grupo.

O saxofonista tenor, Steven Mackay, possuidor duma técnica visìvelmente amadurecida, desenvolve nos vários temas um fraseado irregular que passa por vezes rente às propostas do «free» e tem muito a ver com o ritmo infernal da vida em Detroit.

Notável pela sua execução e gosto musical é Ron Asheton, irmão de Scott, que faz assentar em si, muito da personalidade sonora do grupo.

A vedeta do grupo não é, porém, nenhum dos elementos atrás referidos e sim Iggy Pop, um espectacular cantor, que, pela sua «imanação erótica» (ao que dizem) e pelas suas interpretações profundamente gesticuladas (isto para não falar da própria voz) está na origem da grande semelhança com os «Doors», via Jim Morrison, a cujo naipe de intérpretes pertence.

Elucidativa é nesse aspecto a descrição que Hervé Pickard da revista «Extra» faz do jogo cénico do cantor:

«Quando Iggy aparece em cena, nada mais existe a não ser ele. Todo vestido de couro negro com profundas olheiras, Iggy enfia o micro quase dentro da boca, crispa os dedos à volta dele até ficarem em sangue.

Do ponto de vista estritamente vocal, Iggy, tem excelentes qualidades, ficando pela rouquidão e pela força expressiva, a meio caminho entre Jim Morrison e Robert Plant.

RITUAL

Os concertos de «Stooges» que se realizam com frequência em vários Estados americanos, são intermináveis orgias sonoras, cheias de cor, ritmo e movimento. Trata-se dum espantoso ritual envolvido por luzes vermelhas que exercem sobre o público, juntamente com o espantoso poder de comunicação de Iggy, um verdadeiro efeito encantatório que se prolonga durante horas consecutivas de adesão total.

E no alucinante ritual do som, na explosão erótica das interpretações, que «Stooges» têm muito a ver com os «Doors» de Morrison e com os «Stones» De «Symphony for the Devil», como muito bem fazia notar Paul Alessandrini, num excelente artigo publicado há alguns meses na revista francesa «Rock e Folk».

Stooges: «A violência que leva à prisão».

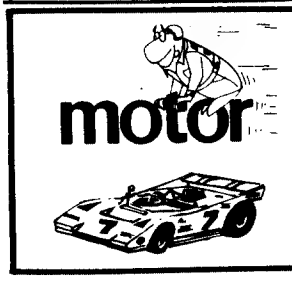
OS DISCOS

«Stooges», que é também o título do primeiro álbum do grupo, gravado há cerca de dois anos e meio, é um disco violento, em muitos aspectos imaturo e pouco elaborado. Mesmo assim alguns títulos de choque, deram, a certo nível, alguma popularidade ao grupo: é o caso de «1969» e de «No fun». De salientar o facto do disco ter sido produzido por John Cale o excepcional violinista de «Velvet Underground», que, à parte uma passagem meteórica pelo disco, funciona como garantia de qualidade. O segundo álbum muito mais elaborado que o primeiro, daí uma ideia aproximada do som actual do grupo.

SURDEZ

EXPERIÊNCIAS GRÁTIS
PREFIRA A MELHOR QUALIDADE E GARANTIA EM APARELHOS AUDITIVOS
CENTRO AUDITIVO

amor vivo
F. Tordo e Ary dos Santos


motor

Conheça o Brasil
Extraordinário cruzeiro no «INFANTE D. HENRIQUE»
21 de Agosto a 18 de Setembro
DESDE
11.800$00
Facilidades de pagamento
Programas e inscrições
WAGONS - LITS // COOK
Av. da Liberdade, 103 — Telefs. 36 15 21-3 32 39
Av. de Roma, 4-6 — Telefs. 72 26 39-72 26 54
R. Rodrigo da Fonseca, 86 — Telef. 68 06 32
PORTO ● COIMBRA ● ESTORIL ● FUNCHAL ● LUANDA ● L. MARQUES

Mulher

Da pele de lince ao estilo grego

Vestido da colecção Jean Muir, de Londres, do chamado «estilo grego», confeccionado em «tricot» muito fino e num tom castanho escuro, directamente na linha das originais criações que celebrizaram esta casa de modas

E, de facto, um salto muito grande. Referimo-nos ao tempo que medeia entre a utilização das peles como vestuário até à época grega. O mesmo se poderá dizer desta última em relação ao nosso século. Pois mal sonhavam as possantes «senhoras» da Idade da Pedra que o seu vestuário quotidiano seria, no século XX da era de Cristo, uma coisa tão cobiçada. Qual a senhora do nosso tempo que não ambiciona ter um casaco de peles?

O mesmo não se poderá dizer da maneira de vestir dos gregos, essencialmente sóbria e sem ademanes desnecessários no corte. As célebres túnicas gregas que todos conhecemos, quanto mais não seja das ilustrações dos livros de História, não fazem brilhar a cobiça nos olhos de nenhuma dama do nosso tempo. A não ser...

A não ser que se trate de um modelo de Jean Muir e que, como o que hoje apresentamos, de grego só tenha um vago «toque».

Não estamos com isto a querer dizer que as mulheres da Pré-História usassem as peles da mesma maneira que o modelo que enverga o casaco de pele de lince, mas o que é facto é que o corte desse casaco é muito menos sofisticado do que o vestido «grego».

De qualquer modo, as sugestões aqui ficam, cara leitora. Ser-lhe-á mais fácil, com toda a certeza, optar pelo vestido e deixar os olhos no casaco, guardando o dinheiro. Mas isso não é connosco. A leitora que decida. Ou não, que estas coisas podem ser, também, só para refrescar a vista.

Soberbo casaco de pele de lince, lançado pela firma Furs Renso, de Londres que, se por um lado é uma maravilha para os olhos, por outro não o deve ser para as bolsas...

diário

Vulcões, estrelas e caixotes do lixo

Esta de transformar os vulcões em caixotes do lixo era uma coisa de que ainda ninguém se tinha lembrado, nem mesmo os deuses do Olimpo, que deviam ter manias de grandeza, suponho eu. Também, se eles não as tivessem quem as teria?

O caixote do lixo, que já não é caixote há muito tempo mas que conservou o velho nome, cá vai servindo para as nossas casas modestas, mal é certo porque nunca se deitou tanta coisa fora como actualmente). E verdade que já há casas com incineradores, exaustores, etc, mas adiante. Estávamos a falar de caixotes. E de lixo.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

Ora há lixo e lixo. E há-o também de alto nível, altamente perigoso, poluidor, mais ainda, envenenador. São os restos dos produtos radioactivos, de produtos tóxicos que, ao que parece teriam felizmente deixado de ser utilizados no Vietname. Porque tudo isto se passa, claro está, nos Estados Unidos. Portanto os vulcões. Eis a grande solução do problema, como é que ninguém ainda se tinha lembrado disso? Possíveis perigos de tremores de terra? Ora, ora, quem é que vai pensar em coisas dessas? Eles serão ao mesmo tempo caixote-forno e libertação. Uma espécie de saco sem fundo. Claro que ir deitar o lixo ao vulcão não é trabalho para qualquer, até porque nem todos têm vulcões ali à mão de semear. Nós, por exemplo, se precisássemos deles tinhamos que ir qté aos Açores. Há de tudo um pouco neste rectangulozinho à beira mar plantado; falta-nos um vulcão, que maçada.

Mas parece que o estado do Texas, onde o vulcão salvador se encontraria não concordou com a ideia, e foi então que se pensou no Sol. A solução é tão luxuosa que nunca tinha ocorrido a ninguém. O Sol, pois claro. Será ele portanto num futuro mais ou menos próximo o grande incinerador universal dos desperdícios perigosos. Parece que já há mesmo projectos em estudo.

Mas não irão os desperdícios voadores tornar maiores ou menores as famosas e misteriosas manchas e perturbar perigosamente o equilíbrio natural do Universo, dominado pela estrela da vida? A ver vamos. Quem cá estiver, pois claro. E entretanto enchemos diàriamente os nossos modestos caixotes com caixas, frascos, garrafas e latas que a natureza se recusa terminantemente a devorar, transformando-as como era seu hábito em vida. No tempo em que tudo era normal, inevitável, e ninguém pensava mais nisso.

EMÍLIA BRAVO

Um modelo da casa londrina «Lachasse»: vestido e casaco para a próxima Primavera. Em crepe de seda com um vestido estampado em negro.

Couro combinado com «jersey» - eis a novidade deste modelo agora apresentado em Londres e que faz parte da colecção Jean Muir. Cores: cinzento, café, dourado e azul marinho.

Para a época Primavera/Verão - 72, Jean Muir criou este original vestido de noite, de seda plissada.

O CONTO DE DOMINGO

O CÍRCULO MÁGICO

Por ILSE LOSA

Quando trabalhava na mesa junto da janela do seu quarto deixava-me sentar em sua frente. Dava-me livros com histórias ou papel e lápis para desenhar. E eu, normalmente irrequieta, não imaginava nada mais desejável do que estar ali, em frente dela, quieta, silenciosa, atenta. Olhava-a de soslaio, observava-a com atenção: era muito pequena para mulher adulta, casada. Nem sequer chegava bem á mesa, punha uma almofada na cadeira. E tinha o peito chato, mal se lhe distinguiam os seios, e o nariz talvez fosse demasiado comprido. E no entanto: que bonita que era. Isso sentia-se mais do que se via. Desprendia-se dela um calor ao mesmo tempo docemente maternal e excitante que me sossegava e estimulava a fantasia. A maneira como inclinava a cabeça, de leve, sobre o ombro direito, seguindo com os olhos o rápido deslizar do lápis no papel, as mãos estreitas de dedos longos, a pele morena de tonalidade quente, tudo isso me encantava. Pressentia que havia um segredo, inerente ao que ela fazia, dizia e era. Não mo revelava, recatava-o como os avarentos recatam os tesouros, mas precisamente por isso, por eu saber que o trazia dentro de si, em cada minuto, em cada segundo, que o evocava sempre á vontade que o tinha á disposição como o ar respirável, sim, precisamente por isso nunca me cansava de estar junto dela e de a contemplar. Por vezes acontecia levantar a cabeça e, sem prestar atenção, olhar pela janela para o castanheiro do jardim vizinho, do lado de lá da rua. Então os olhos cintilavam-lhe como os duma criança postos na árvore de Natal, enquanto o rosto reflectia a gravidade íntima e magnificente dum adagio. Eu procurava escutar para dentro dela como se escuta uma melodia ao longe, no entanto não conseguia detectar coisa nenhuma. Bem sabia eu: não era a frondosa copa do castanheiro que lhe provocava o espanto nos olhos, mas o segredo com que os enchia de imagens. Nesses momentos, sabendo-a assim, absorta no sonho, admirava-a e invejava-a. Sobretudo invejava-a por me sentir de fora do seu mundo íntimo, por só ver com os meus olhos quotidianos, por o castanheiro, para mim, não passar dum castanheiro. O sonho maravilhoso pertencia-lhe a ela, únicamente a ela, não me deixava participar. Despertava-me então o desejo de chegar a conhecer esse milagre vivido e sonhado por ela, sempre presente nela e a pairar em redor dela.

Quando regressava do sonho era por uns momentos como alguém que acorda, não se lembra onde está e tem de fazer esforço para se ajustar ao ambiente. Por vezes dizia-me: «Não te aborreces, pois não?» passando-me carinhosamente a mão sobre o cabelo, e eu respondia que não, que não havia com quem tanto gostasse de estar como com ela. Dizia-lho sem embaraço, mas da inveja que me causava e do desejo que despertava, disso não lhe dizia nada. Numa tarde de Domingo - estávamos as duas sózinhas em casa numa harmonia tranquila - tocou a campainha da porta. Levantei-me para abrir. Era um homem alto, aloirado que perguntou por ela. Conduzio-o á sala e a partir desse momento não houve fracção de segundo que se não gravasse na memória: ela a erguer a cabeça, a pôr os olhos ardentemente negros no homem, a empalidecer, a levantar-se da cadeira, dir-se-ía sonâmbula ou atordoada, a caminhar sobre o tapete cor de azeitona, pé ante pé, a cara iluminada, estendendo a mão ao homem, sem pronunciar uma palavra e ele, a olhá-la, sempre a olhá-la, calado também a tremer muito ao de leve, depois a encaminhar-se para o cadeirão de couro, a despir a gabardina, a pô-la sobre o espaldar, e depois ali, em pé, de camisola branca de gola alta e ela seguindo-lhe os passos com que atraida por uma irmã; todos os movimentos e gestos eram palavras não pronunciadas, mas que se lhes desprendiam como carícias quentes. Ele perguntou: «Como vais»? e ela respondeu: «Bem. E tu?» Palavras. Palavras banais, palavras de praxe, mas havia nelas reflexões e cambiantes que as metamorfoseavam, as faziam inéditas, novas, como quando palavras gastas se combinam num belo verso. Ela indicou-lhe a cadeira, há poucos minutos ainda minha, e sentaram-se frente a frente. Eu continuava junto da porta donde os observava. E embora parecesse que se tinham esquecido de mim, na realidade não se esqueceram. Pois sem a minha presença o seu encontro ter-se-ia passado de outra maneira, era evidente. Mas eu lá estava, junto da porta de carne e osso, viva. Moviam-se embaraçados e, todavia, a emoção arrebatava-os de tal maneira que eu me tornava, por assim dizer, um obstáculo abstracto: não me viam, mas pressentiam-me. Em outras ocasiões quando eu a observava a olhar com olhos brilhantes para a copa maciça do castanheiro, quando a sabia de íris carregado de imagens maravilhosos e ela se esquecia da minha presença, despertava-me o desejo de conhecer o milagre com que sonhava e que vivia. Invejava-a então, mas mesmo assim era possível deleitar-me com aquela ausência em espírito. Agora tudo era diferente, angustioso. Ela e o desconhecido isolavam-se num círculo mágico onde eu não tinha entrada. Ficava excluída, uma criança na neve fria a olhar para dentro duma casa iluminada com gente a aquecer-se á chama da lareira. Isso fazia-me solitária, dava-me a sensação de expulsão, enchia-me de perplexidade, dava-me ganas de me atirar áquele estranho alto, de camisola branca, arrancar-lhe os olhos antipáticamente azuis e gritar: «E eu? E eu?» mas imóvel fiquei onde estava, junto da porta, vendo-os entreolharem-se com tal espanto como se se vissem e descobrissem pela primeira vez ou como se cada um deles lesse no outro um milagroso conto de fadas. Falavam-se numa voz baixa, suave, como se mútuamente mitigassem alguma dor. De repente ela chamou-me:

— Vem cá, queridinha!

Disse «queridinha». De tal maneira transbordava de amor que dispunha de sobras para um pedinte. Hesitante, aproximei-me do circulo mágico. Ela disse o nome do homem que me estendeu amávelmente a mão, me examinou com os olhos durante um momento e depois disse:

— Anda, senta-te junto de nós.

Contra a minha vontade sentei-me. Constrangida e sem calor respondi ás perguntas que ele me fazia. Mas depressa voltou a ocupar-se dela, então quase sobrenaturalmente bela. Por vezes ela ria. Riso para mim novo, exuberante e ao mesmo tempo impaciente, sedutor mas também repulsivo. Então ele, como que contagiado ria também numa voz que parecia vibrar em todo o seu corpo alto, um tanto desengonçado. Só eu é que não me ria, nem sabia por que rir. Estava físicamente perto, mas continuava na realidade fora do círculo mágico, gelada na minha neve íntima.

— Queridinha (basta de queridinha! apetecia-me gritar, mas não gritei) disse ela em certo momento, és capaz de me trazer um copo de água?

Queriam ver-se livres de mim! Fui á cozinha, tirei do armário um copo, enchi-o de água, pousei-o na banca, fui á varanda onde secavam peças de roupa, olhei para baixo, no saguão brincavam crianças. E chorei em siléncio.

Quando voltei pelo corredor fingi tossir. Em seguida entrei. Pareciam nem ter dado fé de que me tinha demorado muito tempo para buscar um simples copo de água. Ela agradeceu, estava tão linda com o seu rosto muito corado que, na fracção dum instante, me ocorreu a ideia de que alguém lhe plantara flores. Mas depois o meu olhar caiu sobre o copo que ela pousara em cima da mesa, cheia de água, tal como eu o trouxera da cozinha. Vexada, ridicularizada, vivi pela primeira vez o ódio. Odio ao castanheiro que via, florido de velas brancas, através da janela; ódio do cpo de água em cima da mesa; ódio á gabardina sobre o espaldar do cadeirão de couro; ódio a esse riso enfeitiçado repulsivo, impaciente. E transida pela dor e ao mesmo tempo por um estranho gozo, parada na periferia do círculo mágico, era a última criatura sobrevivente dum cataclismo.

JAMES BROWN para todo o mundo

Foi celebrado entre a Polydor e James Brown um contrato de longa duração para exploração em todo o mundo, por aquela companhia, de todo o material em disco e em papel a produzir pelo artista. Foi Jerry Schoembanm, presidente da Polydor, que anunciou a assinatura deste contrato entre um dos maiores «soul-singers» dos últimos tempos e a sua empresa. Como já vinha a suceder há algum tempo, será James Brown o produtor dos seus discos e, portanto, competirá a ele a selecção do material a gravar, sendo a criação musical da sua responsabilidade.

ACTIVIDADE

Na norte-América diz-se à boca cheia que James Brown é o artista com maior actividade que se conhece. Parece exagero e, porventura, sê-lo-á mesmo. Mas... o melhor é darmos uma vista de olhos pelo programa das suas actuações este ano.

Brown actuará, durante o ano de 1972, 335 vezes, o que, traduzido em horas de trabalho somará 80 horas no palco cantando e dançando mais de 900 canções por mês! Sendo assim...

Sabido como é que um artista que actua muito em público tem uma venda de discos assegurada, fácil é concluir que James Brown vende muito. Daí o interesse manifestando pela Polydor em garantir a exclusividade das gravações deste artista para si. James Brown sempre gravara para a etiqueta King, mas devido às garantias que a Polydor lhe oferecia, aceitou as condições (não divulgadas mas que cremos óptimas...) para mudar de editora. Logo após a assinatura do seu novo contrato, processou-se a reedição do «single» com os trechos «Escape-ism» e «Hot Pants» sob os auspícios da nova editora.

NO PRINCÍPIO

James Brown começou a dedicar-se à música em 1956. Tinha sido, anteriormente, engraxador, empregado numa garagem (onde lavava automóveis), etc. Nesse ano um senhor chamado Sid Nathan ouviu-o e ao seu grupo, o Famous Flames. Sid Nathan era «só» o director dos discos King em Cincinnatti. E daí a surgir no mercado a canção «Please, Please, Please» foi um passo. E o sucesso para James Brown.

E ele actua muitas vezes, em muitos lugares e para muitas pessoas. Mas prefere os auditórios pequenos, os clubes, as cidades-de-poucos-habitantes, onde os negros abundam e o compreendem melhor que ninguém. Senão, vejamos o que diz de si e da sua música o próprio cantor:

«Podem dizer isto bem alto: Sou negro e orgulho-me disso. A minha música expressa o que sente o negro da rua. A minha música diz a verdade.»

COMPRE UM APARTAMENTO MOBILADO EM REGIME DE

COMPROPRIEDADE

CONSULTE

J. PIMENTA, SARL

E PARTICIPE NESTA MODALIDADE COM QUALQUER QUANTIA A PARTIR DE

25 CONTOS

Pr. M. Pombal, 15
Tel. 45843

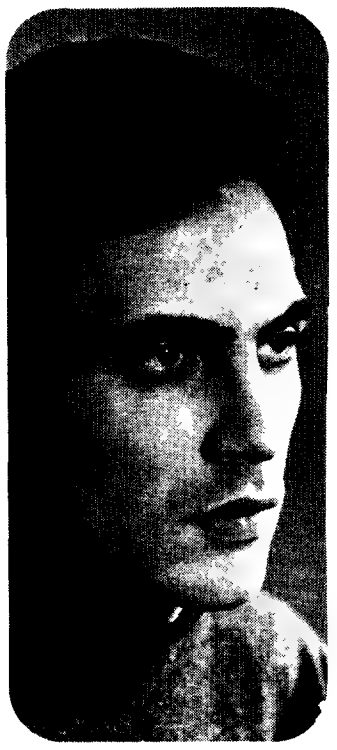
ORFEÃO ACADÉMICO DE COIMBRA

Um LP sintetiza ano e meio de trabalho

O Orfeão Académico de Lisboa gravou o seu primeiro LP, acabado de sair. Sob a direcção de César Batalha este disco ostenta um reportório ambicioso e adulto, a provar que este Orfeão possui uma craveira invejável no seu género.

César Batalha define este trabalho colectivo, que comandou:

— Este disco é o fruto de um ano e tal de trabalho do Orfeão Académico de Lisboa. O conartístico do Orfeão (e eu) decidimos do reportório que este album comporta. Assim, na face «A» temos «Loureiro», que é a harmonização de uma canção folclórica da Beira Baixa feita por Joly Braga Santos (e é curioso lembrar que este grande número da música portuguesa contemporânea foi, em tempos, maestro do nosso Orfeão). «Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores», é uma harmonização minha sobre a canção do brasileiro Geraldo Vandré; a justificação da inclusão de dois trechos de Carl Orff, um da «Catulli Carmina» e outro da «Carmina Burana», respectivamente «Odi» e «Ecce Gratum», baseia-se na importância que o genial compositor deu à orquestração coral e é curioso salientar que na Rádio e em programas heterogéneos de música seja, de vez em quando, passado um trecho de música séria como «Ecce Gratum», o que representa um marco significativo dentro da amálgama da música ligeira transmitida; «Regras Para Quem Quiser Viver em Paz», tem música e letra inéditas visto o autor ser D. João Manuel que foi conselheiro de D. João II e era um sujeito muito perspicaz na crítica e análise social da sua época. Estas «Regras» constituem um ridicularizar das pessoas do tempo, numa linguagem com muito sabor, modernizada por Fernando Julião, que é um activo colaborador do nosso Orfeão; «Aquarius», já na face «B» do



César Batalha

álbum, é um arranjo coral deste já célebre trecho da peça «Hair» e a dificuldade deste arranjo, aliás muito solicitado pelos próprios orfeonistas, está em que um orfeão não inclui instrumentos que não sejam as vozes humanas. Introduzi neste número um piano que nem tem uma influência predominantemente rítmica mas marca e sublinha a palavra que se repete: «Aquarius»; «Sempre Fiz Vossa Vontade», pertence ao Cancioneiro da Biblioteca Pública Hortênsia, também é inédito e nunca foi gravado. Limitei-me a interpretar dentro do espírito que me pareceu mais ajustado quanto à sua época, visto ainda ter linhas melódicas de influência gregoriana. Quisemos incluí-lo como peça original num disco desta natureza: «Para o Próximo Terramoto de Lisboa», é o número forte deste álbum, com um poema de David Mourão-Ferreira, dividido em duas partes, distintas, pois a primeira parte é uma descrição do efeito caótico provocado pelo terramoto e a segunda uma lamentação. Portanto, a música ora é sincopada e dissonante, ora inspirada em temas gregorianos (com solistas) e culmina numa exultação; «Ecce Gratum», encerra o álbum e é um trecho típico para um Orfeão alardear a música coral de mestre Carl Orff.

— Desde quando existe o Orfeão Académico de Lisboa?

— O Orfeão existe há muitíssimo tempo, embora não possa precisar, e estava inicialmente agregado à Universidade Técnica. Eu entrei para a sua direcção há dois anos e este disco foi o primeiro trabalho verdadeiramente importante que fizemos.

— E quanto às suas actividades musicais, César Batalha?

— Continuo como maestro do Coro de Santo Amaro de Oeiras. Preparo um LP, mas de música popular, com temas completamente inéditos recolhidos por mim na Beira Alta. Quanto ao Coro da Tabaqueira estou a elaborar um «single», também de música popular, mas mais morosamente, uma vez que os elementos deste coro são, na totalidade, operários e estou sujeito aos seus horários de trabalho. No entanto, creio que vamos fazer um disco excelente.

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS COM DESTINO A ESPECIALISTAS DA FORÇA AÉREA

Condições de Admissão

1. Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto do alistamento:
2. Se não for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se na Força Aérea;
3. Ter a altura mínima de 1,60 m e possuir a aptidão física necessária verificada pela Junta de Admissão da Força Aérea;
4. Ter como mínimo de Habilitações Literárias, a aprovação no 1.º Ciclo Liceal ou Habilitações equivalentes;
5. Ser solteiro ou viúvo, sem encargos de família;
6. Ter bom comportamento moral e civil e estar em pleno uso dos seus direitos constitucionais.

Têm preferência na admissão, os mancebos que se comprometerem a servir na Força Aérea por um período de seis anos.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos, ao Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1 — Rua Newton, 6, r/c. — LISBOA, até ao dia 15 de Abril de 1972.

Lisboa, 1 de Março de 1972.

O CHEFE DO CENTRO
GIORDANO C. BAILEY
Major

Prokofiev deu o tom

Uma obra de Prokofiev, o «Concerto para violino nº 1», inspirou o bailado de Kenneth MacMillan, intitulado «Triad» que acaba de ser representado no Convent Garden de Londres. Três bailarinos, Wayne Eagling (da esquerda para a direita), Antoinette Sibley e Antohny Dowell são os protagonistas da peça que trata das relações de dois irmãos e de uma rapariga surgida entre eles.

COMEMORAÇÕES CAMONIANAS EM PARIS

Promovida pela Fundação Gulbenkian, através do Centro Cultural Português em Paris, realizou-se naquela cidade uma conferência sobre «Camões, Sua Vida e Obra», tendo sido orador o prof. Costa Pimpão, da Universidade de Coimbra.

Foi, por outro lado, já inaugurada naquele mesmo Centro a exposição bibliográfica e econográfica comemorativa do IV centenário da publicação de «Os Lusíadas».

Entretanto, a ORTF (Office de la Radio et Television Française) associa-se às comemorações do quarto centenário da publicação de «Os Lusíadas», dedicando uma das emissões da próxima semana a difusão, através da sua estação França-música, de trechos portugueses, entre os quais a «Sinfonia Camoneana N.º Dois» de Rui Coelho, com orquestra dirigida pelo autor, além de trechos de Carlos Seixas e de Francisco António de Almeida.

Micro-ondas entre Lourenço Marques e Joanesburgo

LOURENÇO MARQUES, 4 - (ANI) - A implantação de circuitos de micro-ondas entre Lourenço Marques e Joanesburgo foi um dos problemas tratados pelo secretário provincial das Comunicações, eng. Vilar Queiróz, na sua visita á República da África do Sul.

No aeroporto de Gago Coutinho, em Lourenço Marques, o eng. Vilar queiróz declarou que foram também debatidos assuntos relativos á utilização de satélites artificiais, á radiodifusão e á televisão.

Na sua deslocação, o eng. Vilar Queiróz foi acompanhado pelo director dos C. T. T., pelo delegado na província da Companhia Portuguesa Rádio Marconi e pelo presidente do Rádio Clube de Moçambique, tendo conferenciado em Pretória com o ministro sul-africano das Comunicações.

SURDOS

A DIRECTORA
ILDA SANTOS

CASA SONOTONE

Ao ter feito o 30.º dia da morte do meu querido e chorado Pai Raul A. Santos, venho por este meio agradecer a todas as pessoas amigas, clientes que me têm dado o seu carinho e auxílio preferindo a minha casa Comercial tendo aliviado a minha dor, sentindo-me amparada por todos, mais uma vez um muito obrigada. Fazemos exames e demonstrações gratuitas. Temos o mais moderno aparelho para corrigir a surdez. Facilidades de pagamento. Assistência imediata por técnicos competentes. Esperamos a vossa visita em

Lisboa, Poço do Borratém, 33, s/l.
No Porto, Praça da Batalha, 92.1.º.
Em Luanda, R. Ant.º Enes, 42-2.º. Apart.º 26.

em 3 linhas

Foi nomeado vogal do conselho orientador da Direcção-Geral das Construções Hospitalares o dr. Domingos Cândido Braga da Cruz.

///

O dr. Caetano de Barros Poiares foi nomeado vice-presidente da direcção da Federação dos Vinicultores da Região do Douro (Casa do Douro), organismo do qual é consultor jurídico.

///

Foi concedida autorização para ser demandado criminalmente em tribunal comum o ex-guarda 5091/20 892 do comando distrital da P.S.P. de Lisboa, Manuel Pedro de Jesus Antunes.

///

No Conservatório Nacional estão abertos concursos para a concessão dos Prémios «Conservatório Nacional» (Disciplina de Violino) e «Rodrigo da Fonseca» (Canto de Concerto) e (Violino).

RÂGUEBI

JORNADA CURIOSA

Joga-se hoje a 11.ª jornada do campeonato nacional de râguebi. Encontros marcados: Medicina-Técnico (9 e 30, Estádio Universitário); Benfica-Direito (Estádio da Luz, 17 e 30); Agronomia-C. D. U. P. (11 e 30), Económicas-Belenenses (15 e 30) e C. D. U. L.-Académica (9 e 30) todos no Estádio Universitário.

Para a 14.ª jornada da segunda divisão jogam Regentes de Évora-Regentes de Coimbra, S. Miguel-Cuf, C. N. D. C. A.-Juventude e Amadora-Regentes de Santarém.

Campeonato nacional de juniores: S. Miguel-C. D. U. L., Académica-Regentes de Coimbra, Bsnfica-Técnico, C. D. U. P.-Direito, Regentes de Santarém-Cova da Piedade e Belenenses-Económicas.

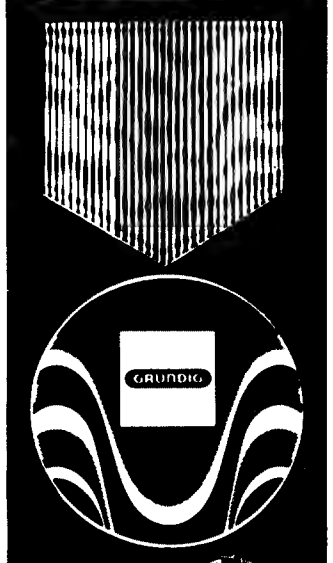
Torneio de juvenis: «Emidio Navarro«-Benfica A, Aranhas-C. D. U. L. A, Belenenses A-Direito A e Académica-Amadora, Regentes de Coimbra-S. Miguel e Belenenses B-Direito B.

Torneio de iniciados: «Emidio Navarro»-Benfica, Cuf-C. D. U. L., Agronomia-Direito e Académica-S. Miguel.

Na primeira divisão realizam-se amanhã diversas partidas muito interessantes, Medicina-Técnico e C. D. U. L.-Académica devem primar pelo equilibrio e podem proporcionar óptimo espectáculo aos apaixonados pela modalidade.

amor vivo
F. Tordo e Ary dos Santos

Se à MELHOR qualidade corresponde o MELHOR preço tenha V. tambem o MELHOR!
Tenha um
GRUNDIG



a qualidade...
...e a
forma perfeita

Este é o tal cálice de Porto
que dá outro sabor ao queijo. É o penúltimo

É sempre o penúltimo calice.
O último fica para a próxima. E assim sucessivamente.
Ah o próximo cálice de Porto com queijo.
Tawny ou Ruby. Assim.

Porto
e bom companheiro

DL POLICIAL

Os grandes crimes deste século

DA SIBÉRIA A ISRAEL

Uma longa jornada de vingança

Despojos humanos da guerra

Em 1954, a Quinta-feira Santa calhou no dia 15 de Abril. Zurique enchera-se de movimento devido à proximidade da Páscoa; na hora do almoço, extensas filas de carros, vindos de Bellevue, subiam a Rua Ramis no rumo de Hothngen. Devido ao movimento ninguém reparou que o cruzamento da Rua Freie com a Rua Seewies um homem de estatura média andava de um lado para outro, olhando atentamente à volta. Não muito distante, um Cadillac estacionara junto à Rua Freie.

De repente o homem afastou-se seguindo um outro, bastante corpulento, que se dirigiu para o Cadillac, abriu a porta e sentou-se. O perseguidor correu, então, para junto do carro sacando ràpidamente, do bolso direito de, uma pistola. Pressentindo talvez o perigo, o homem gordo voltou-se. Nesse momento preciso ouviram-se vários tiros e ele caiu sobre o volante.

De arma ainda na mão, o primeiro indivíduo fez sinal a um táxi que passava e entrou. Quando o motorista lhe perguntou para onde queria ir respondeu com sotaque estrangeiro: **«Para a Polícia».**

Na esquadra dirigiu-se a um dos agentes e disse-lhe que acabara de saldar uma velha conta e queria colocar-se à disposição das autoridades. Essa conta surgira em 1948 e só então, sete anos depois, fora resolvida.

QUEM ERA

O homem que tinha disparado os tiros chamava-se Samek Witos. Fora com este nome que o registaram no livro de nascimento da comunidade judaica ortodoxa de Luck, território da Ucrânia. Uma empresa comercial de artigos de couro e uma peixaria rendiam o suficiente para que a família tivesse um nível de vida bastante elevado.

Segundo um velho costume judeu, o centro dominante da família Witos era o pai, a primeira e última instância em todas as questões. A sua intolerância influenciou o filho de tal maneira que lhe condicionou a mentalidade e as acções. Em 1939, quando a República da Polónia deixou de existir por causa do acordo alemão-soviético e o território polaco foi dividido entre dois poderes, a família Witos deveria ser deportada, como todos os judeus da região de Luck. Os judeus ricos, que eram considerados parasitas e representantes do capitalismo explorador pelos russos, passaram a ser vistos como inimigos do socialismo. O senhor Witos, no entanto, conseguiu convencer o comissário político responsável pela região de que não era um capitalista e obteve autorização para ficar. O seu filho Samek de catorze anos, foi enviado como lavador de pratos para uma companhia do Exército Vermelho estacionado em Luck.

A vida exterior da família sofreu uma transformação completa. Não podia mais viver sob as leis rígidas da sua religião. Tinha, por exemplo, de trabalhar também aos sábados judaicos e comer alguns dos alimentos prescritos pela religião.

O início da guerra entre a Alemanha e a União Soviética tornou a situação radical, sobretudo depois que os exércitos de Hitler avançaram sobre a Ucrânia, o celeiro da Rússia. A população civil pôde fugir com os russos que recuaram. Os judeus, porém, foram abandonados. Sòmente Samek Witos pôde ir para o nordeste por trabalhar nas cozinhas do exército. Deram-lhe apenas alguns minutos para se despedir da família e dos amigos.

As tropas alemãs avançavam tão depressa que obrigavam as unidades russas fugitivas a combater. Num desses reencontros Samek foi ferido. Quando deixou o hospital tinha 17 anos, o que o levou a querer alistar-se como voluntário no «Exército Polaco de Libertação», organizado pelo Supremo Exército Russo. Foi, porém, recusado porque os judeus estavam excluídos do serviço militar. Como não havia uma saída legal para a situação, aceitou a oferta do funcionário de um cemitério e comprou o passaporte de um romeno-húngaro falecido recentemente. Passou a chamar-se Jerzy Csajan, a ser católico e a ter vinte e um anos de idade. Como ferido de guerra concederam-lhe um passe para poder apresentar-se num centro de recrutamento de estrangeiros. Depois de ter recebido durante três meses instrução especial para a guerra de guerrilhas, encetou viagem para o Ocidente. No entanto, e antes mesmo de entrar em acção, foi denunciado. O comandante quis evitar aborrecimentos com as autoridades russas pelo que o aconselhou a desaparecer o mais depressa possível para não ter de o entregar à Polícia Militar.

OS DESPOJOS

O voluntário involuntàriamente despedido viajou com papeis falsos até Samarkand, capital da República Soviética do Uzbequistão. Daí nunca mais parou.

Quando a guerra terminou começou uma nova era. Caracterizava-se, tanto nos territórios outrora alemães como nos da Europa Ocidental, por duas letras. DP: Displaced Persons (**Despojos humanos de guerra**).

Samek Witos abriu uma loja de tecidos em Stettin, com o nome de Jerzy Csajan. Tinha descoberto que em Stettin, na Polónia, os preços das fazendas e das mercadorias similares eram muito mais altos do que nos mercados negros do Ocidente (abastecidos por lojas militares americanas, inglesas e francesas). As moedas precisavam no entanto de ser trocadas nos mercados negros dos traficantes de divisas. As mercadorias compradas no Ocidente também só podiam chegar aos territórios orientais por caminhos sinuosos. Havia perigo na compra, no pagamento, no transporte e na venda. Mas os lucros eram tão grandes que compensavam não só o dinheiro gasto com o suborno e as perdas eventuais.

Uma longa espera, até soar a hora da vingança

O negócio ilegal de Csajan veio ao encontro de uma necessidade da época e desenvolveu-se tão ràpidamente que não pôde controlá-lo sòzinho Acreditou por isso ter encontrado em Janek Jakob Klayman, compatriota e correligionário, um sócio digno de confiança. Mas a sociedade teve de ser dissolvida após algumas semanas, pois a situação tornou-se perigosa para Jerzy Csajan. Este mudou-se, assim, para Berlim, levando consideráveis lucros provenientes da loja de tecidos de Stettin. Por ter combatido os alemães foi aceite no campo da UNRRA, em Schlachtensse, no sector americano da cidade.

Jerzy tornou-se depressa um dos mais importantes comerciantes do mercado negro no sector e, em 1948, possuia grande fortuna no estrangeiro, sobretudo na Suíça.

Quem quisesse efectuar grandes vendas ou adquirir mercadorias volumosas teria, mais tarde ou mais cedo, de chegar junto dele — ou de um dos seus auxiliares. Supostamente por acaso, encontrou, por meio de uma «isca», um homem conhecido por «professor» que, afirmava-se, tinha sido antigo reitor de uma universidade.

O «professor» pediu a Csajan para vender uma quantidade considerável de **radium** que possuia, pertencente aos antigos reservatórios alemães. Guardara-a para os seus amigos no tempo da resistência.

Csajan pediu algum tempo para reflectir. Discutiu o assunto com o seu colaborador e confidente mais íntimo, chamado Berkowicz e chegaram ambos à conclusão de que a transacção não seria aceite pelos americanos. Em compensação poderia sê-lo pelos russos.

As negociações demoraram. Klayman explicou que os compradores sòmente queriam pagar o preço exigido depois de receberem um parecer do Instituto de Exames de Materiais de Moscovo sobre a autenticidade da substância. Para destruir as dúvidas do «professor» Klayman ofereceu-se para lhe pagar uma entrada. Csayan e Berkowicz concordaram. Propuseram dizer ao **professor** que os russos compravam a mercadoria por sessenta mil dólares e dividir, entre os três, o resto do pagamento.

Klayman dirigiu-se mais tarde ao sector Oriental para entregar o rádio aos russos. Quando voltou comunicou que tudo estava em ordem e que o pagamento seria brevemente efectuado. Passaram-se duas, três, quatro semanas. Klayman tranquilizou Casayan que, por sua vez, tranquilizou o «professor». Pressionado por eles, aquele dirigiu-se de novo ao sector oriental para um «esclarecimento» definitivo; a notícia que trouxe, três dias depois, foi, porém, alarmante: os seus amigos russos, cuja honestidade estava acima de prova, como dizia, tinham recebido um relatório de Moscovo segundo o qual a substância não tinha nada a ver com **radium.** Isto afectou gravemente o «professor» que, temendo uma vingança das pessoas que lhe dera o **radium**, implorou a Csajane e a Berkowicz que o ajudassem. Numa discussão que tiveram com Klayman, este declarou-se pronto a sacrificar-se financeiramente e ofereceu cinco mil dólares para que o problema ficasse definitivamente arrumado.

Jerzy Csajan viu, na oferta, que Klayman tinha de facto vendido **radium** aos russos e que procurava escapar-se. Berkowick partilhou também da mesma opinião. Começaram a discutir até que Klayman propôs confirmar as suas declarações com as das autoridades russas de Berlim Oriental.

Csajan e Bertowick concordaram. Mas exigiram uma testemunha inteiramente neutra, acordando em chamar o fabricante de trenós. Perlman, um indivíduo muito considerado na comunidade ortodoxa. Como Klayman pusesse dificuldades à visita dos quatro aos russos, Csajan admitiu que Klayman fosse apenas acompanhado de Berkowicz e de Perl-

DL POLICIAL

man. Dirigiram-se então para o sector Oriental onde Klayman parou o carro diante de um grande edifício com o emblema da URSS. As duas sentinelas deixaram-nos passar, o que tranquilizou bastante Barkowicz e Perlmar pois isso parecia provar que Klayman era realmente considerado pelos russos «uma personalidade».

Foram levados para uma sala de espera no primeiro andar por um soldado que os aguardava no vestíbulo. Após alguns minutos entraram quatro civis. Klayman disse-lhes meia dúzia de palavras e apontou para os seus acompanhantes. Os homens perguntaram-lhes os nomes e pediram os bilhetes de identidade, declarando de seguida que estavam presos.

A DENÚNCIA

Csajan esperou inùtilmente o seu regresso. O facto de não darem sinal de vida não agourava nada de bom. Procurou em vão saber algo deles através das suas ligações. No nono dia Perlamn regressou do sector Oriental. As suas palavras não deixaram dúvidas: Klayman denunciara-os para se ver livre deles. No entanto os russos não se interessaram por Perlman limitando-se a expulsá-lo.

Berkowicz foi mandado para um campo de trabalhos forçados na Sibéria. Apesar disso, Csajan não abandonou a questão, Klayman, que vivia no sector oriental, onde parecia estar seguro, propôs-lhe um encontro para demonstrar que estava inocente. Apesar da advertência de Perlman, que o considerava um delator, Csajan dirigiu-se a Berlim Oriental. Acreditava na possibilidade de ajuda Berkowicz, pois sentia-se um pouco culpado do que sucedera. O que lhe importava já não era o **radium** nem o lucro perdido mas a vida do amigo.

Foi preso por dois guardas quando se dirigia a Berlim Oriental. Acompanhou-os sem opor resistência, até que ao chegar a um local junto da fronteira conseguiu fugir.

Apesar de estar mais do que nunca decidido a ajustar contas com Klayman, mudou-se para Paris por não se sentir muito seguro em Berlim. Algumas semanas mais tarde soube que um amigo seu, polaco, chamado Ribaz, não tinha voltado do sector oriental onde se deslocara. Era possível que tal fosse de novo obra de Klayman. Csajan gastou bastante dinheiro para esclarecer este caso. Enviou duas pessoas de confiança a Berlim Oriental que confirmaram as suas suspeitas: Ribaz fora preso por causa de uma denúncia feita por Klayman e fora deportado para a Sibéria.

Csajan deixou Paris e voou, via Bélgica, para a Polónia, onde tinha relações com pessoas importantes. Queria tentar ajudar os seus amigos por meio de uma intervenção polaca junto dos soviéticos. Mas os seus esforços foram infrutíferos. Como tinha avançado demais aconselharam-no a partir sem demora porque poderia acontecer-lhe o mesmo. Dirigiu-se a Viena onde soube, por uma pessoa vinda de Israel, que Klayman se encontrava lá.

Csajan voou para aquele país mas não conseguiu localizar Klayman. A sua decisão de acertar contas transformou-se numa ideia fixa. Não se pouparia a despesas para o conseguir nem ao que quer que fosse. Para melhor poder prosseguir as investigações aplicou toda a sua fortuna numa companhia de aluguer de automóveis.

Depois de procurar inùtilmente durante um mês, Csajan encontrou Klayman, por acaso numa esquina. Discutiram de tal maneira que este viu-se forçado a declarar que estava disposto a comparecer diante de um **Din-Thora** (Tribunal de Honra dos Rabinos) e a aceitar qualquer sentença por ele pronunciada. Csajan deu-se por satisfeito com a promessa e marcou um encontro no vestíbulo do Hotel Ramat-Aviv.

Numa hora combinada apareceu um agente da polícia em vez de Klayman. Este tinha feito uma denúncia de agressão e de chantagem...

Depois de ter saído da esquadra Csajan dirigiu-se para casa de Klayman, que desaparecera, porém. Dias depois recebeu a visita de um desconhecido. Em nome de Klayman, oferecia-lhe dez mil dólares para esquecerem o assunto. Em troca, Csajan devia negar por escrito os seus ataques difamatórios a Klayman. Csajan recusou, vendeu a firma de automóveis e continuou na pista de Klayman, por Roma, Berlim, Viena e Zurique, onde ele tinha estado há pouco segundo o informaram. Csajan resolveu ficar na cidade e esperar por Klayman dado que várias coisas indicavam que ele regressaria em breve. Vivia modestamente para poupar o dinheiro que lhe ficara. Um único pensamento dominava-o cada vez mais: ajustar contas com Klayman.

No fim de Março de 1954 a sua preserverança foi recompensada. Soube da volta de Klayman. No dia 2 de Abril tirou uma licença de porte de arma sob a alegação de que se achava ameaçado por adversários políticos. Antes de comprar a arma intimou, no entanto, Klayman, por meio de pessoas de confiança, para que se apresentasse ao **Din-Thora.** Não recebeu resposta.

A 13 de Abril comprou uma pistola automática de calibre 6,35.

No dia seguinte, num estado de extrema tensão, falou com alguns amigos sobre a situação. Ao exigir que Klayman se apresentasse ao **Din-Thora** e se submetesse ao julgamento, tinha em mente apenas apurar a culpabilidade do ex-sócio.

Quase desesperado passeou pelas ruas de Zurique todo o dia.

Perto do Teatro Municipal encontrou então, inesperadamente, Klayman que se despedia de uma pessoa amiga. Csajan quis segui-lo mas parou depois de andados meia dúzia de metros. Pensou que qualquer tiro disparado naquelas circunstâncias podia atingir os transeuntes. Após a noite em claro, voltou a percorrer as ruas da cidade na procura de Klayman. Ao meio dia descobriu o seu Cadillac. E mal Klayman se sentou ao volante disparou.

INOCENTE?

O Supremo Tribunal de Zurique declarou Samek, cujo nome era Samuel Witos, ou Jerzy Csajan, culpado de homicídio premeditado e condenou-o a sete anos de cadeia, dadas as circunstâncias psíquicas que o levaram ao crime. Na sentença pronunciada, o Tribunal considerava que Csajan odiava realmente Klayman. O Tribunal não acreditou, no entanto, na versão de a caixa conter **radium;** nem que Klayman tivesse denunciado os amigos. Mas acreditou que o acusado estivesse convencido disso.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros Rua de S. Julião, 64-66.

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço vendo barato, mobílias modernas, nórdicas, rústicas, estilo Queen Anne, D. Maria, roupeiros, papeleiras, cómodas, jogos de maples, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (junto à Praça do Chile).

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO

ABASTECIMENTO DE ÁGUA À BRANDOA

Avisam-se os consumidores da Brandoa de que, na próxima **4.ª feira, dia 8, será cortado o abastecimento, das 15 à 18 horas,** a fim de proceder a trabalhos de ligação das máquinas, que farão a elevação da água para a zona alta desta localidade.

Oeiras, 3 de Março de 1972

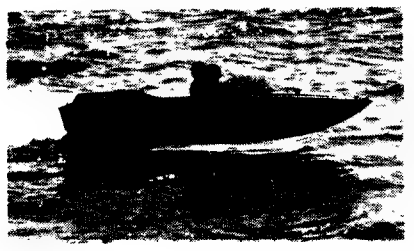
O presidente do conselho de administração **(a) Dr. Alfredo Santos Rodrigues Garcia**

ROUPEIROS ESTANTES

e quaisquer outros MÓVEIS modernos ou de estilo, por desenhos, executa o fabricante

ARTIS

(perto da Igreja dos Anjos)
Rua Maria Andrade, 64
Telef. 84 87 19



NAVALTEC

BARCOS EM FIBRA DE VIDRO

COM UM BELO BARCO, SEGURO E MODERNO ESQUEÇA AS SUAS PREOCUPAÇÕES, BRINQUE E RIA COM A NATUREZA
VIVA UMA VIDA SAUDÁVEL COM A SUA FAMÍLIA, SEJA O ORGULHOSO PROPRIETÁRIO DUM BARCO

NAVALTEC

SERVI-LO COM QUALIDADE E SEGURANÇA É A NOSSA PREOCUPAÇÃO
VISITE-NOS NO STAND DA FIL 351/4

NAVALTEC

SOC. TÉCNICA DE BARCOS E MOTORES, LDA.
Rua Manuel José Gomes, 129 — COVA DA PIEDADE
Telefones — 273494 e 2764404

ortec
Organizações de Técnica e Química, Lda.
Rua das Chagas, 20
Lisboa-Portugal

Tem o prazer de anunciar a chegada da exposição itinerante de equipamento de electroquímica da sua representada **RADIOMETER,** que estará patente nos seguintes locais:

PORTO — **HOSPITAL DE S. JOÃO** — 6 de Março de 1972
— **FACULDADE DE ENGENHARIA** — 7 de Março de 1972
COIMBRA — **LARGO D. DINIS (Universidade)** — 8 de Março de 1972
LISBOA — **HOSPITAL DE SANTA MARIA** — 9 de Março de 1972
— **INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO** — 10 de Março de 1972

A C. P. informa:

HORÁRIO DOS COMBOIOS

LISBOA - ENTRONCAMENTO - CASTELO BRANCO - COVILHÃ - GUARDA

A partir de 27 de Fevereiro de 1972

				S											S	
	7-35	10-17	15-35		20-25	22-15	P	Lisboa (St.ª Apolónia)	∧	C	9-40		14-20	14-59	20-15	1-00
	8-00	10-58	16-00			22-44	P	Vila Franca de Xira		P	9-12		13-48		19-45	0-29
	8-33	11-54	16-33		21-19	23-37	P	Santarém		P	8-33		13-08		18-59	23-54
	9-09	12-48	17-03	18-24	21-46	1-25	P	Entroncamento		P	8-02		12-37		18-28	23-28
	9-51	13-32	17-43	19-10	22-16	2-22	P	Abrantes		P	6-44		11-35	13-07	17-30	22-40
	10-03	13-44	17-54	19-21		2-38	P	Alferrarede		P	6-32		11-24		17-18	22-27
	10-44	14-26	18-35	20-01		3-28	P	Belver		P	5-50		10-43		16-35	21-43
	11-35	15-17	19-26	20-51	23-49	4-21	P	Fratel		P	5-00		9-52	11-34	15-45	20-51
	11-50	15-32	19-41			4-35	P	Ródão		P			9-38		15-31	20-36
11-30	12-43	16-25	20-35		0-36	5-50	P	Castelo Branco		P		8-00	8-56	10-54	14-50	19-51
12-31	13-44	17-27	21-37			7-04	P	Alpedrinha		P		6-59	7-46		13-43	18-40
12-50	14-03	17-46	21-56			7-29	P	Fatela-Penamacor		P		6-40	7-27		13-24	18-21
13-07	14-21	18-05	22-13		2-00	8-00	P	Fundão		P		6-22	7-10	9-30	13-06	18-03
13-30	14-44	18-28	22-36		2-21	8-28	P	Tortosendo		P		5-58	6-46	9-08	12-42	17-36
13-40	14-56	18-40	22-47		2-29	9-01	P	Covilhã		P		5-51	6-39	9-02	12-35	17-28
14-06	15-22	19-06	23-12		2-52	9-32	P	Belmonte-Manteigas		P		5-23	6-08	8-38	12-04	16-50
15-00	16-15	20-00	0-05		3-40	10-35	C	Guarda	∨	P		4-30	5-15	7-50	11-10	15-55

S - Sujeito ao pagamento de suplemento.

Oliver Reed substitui Gian Maria Volonté

Giuliano Montaldo, o notável realizador de «Sacco e Vanzett», havia convidado o grande actor Gian Maria Volonté para interpretar a figura do anarquista Giordano Bruno no filme homónimo que vai começar a rodar em breve. Entretanto mudou de opinião e deu o dito por não dito: agora o protagonista será o actor inglês Oliver Reed, que Lisboa pode ver no momento no filme «Caça ao Homem», em que ele contracena com Candice Bergen e Gene Hackman.

Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa

OBRAS DE BENEFICIAÇÃO E LIMPEZA DO PRÉDIO SITO NA R. GOMES FREIRE, 5, EM LISBOA

Para execução das obras acima mencionadas, aceitam-se propostas, em sobrescrito lacrado, até às 14 horas do dia 5 de Abril de 1972.

O caderno de encargos poderá ser consultado na Alameda D. Afonso Henriques, 45-6.º andar, nas horas do expediente (9 às 12.30 e 14 às 18 horas de segunda a sexta-feira e das 9 às 13 horas aos sábados).

As propostas serão abertas no dia 5 de Abril de 1972 pelas 15 horas.

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLÍNICA —

CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

ASTROLOGIA

Curso profissional. Envia-se completo. Av. St.ª Maria, 8, r/c., Dt.º — BARREIRO.

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

Horus

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, **EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...**

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 5 A 11 DE MARÇO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: A vida amorosa e o ambiente familiar não se apresenta muito lisongeiro; acontecerá que alguém virá perturbar a harmonia da sua vida sentimental através da difamação.

DINHEIRO Prometimentos e esperanças ilusórias são o que as suas influências astrológicas lhe proporcionam neste período. Por esse motivo não crie novos encargos, e faça o possível por não exceder o seu orçamento.

PROFISSÃO: Os seus afazeres serão pouco meritórios. Use de uma certa reserva principalmente com quem tenha de tratar assuntos importantes ou negócios. A sua posição está sujeita a descrédito, por isso, conte com dificuldades e dissabores.

SAUDE: A saúde deve igualmente merecer toda a sua atenção, durante a semana em curso. Ao aperceber-se que o seu estado de saúde se altera, consulte imediatamente um médico.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Não haverá alteração na sua vida afectiva, relações sociais e vida doméstica. Deixe passar a semana sem criar embaraços e não faça qualquer alteração no seu comportamento transacto.

DINHEIRO: Não seja tão sentimental e defenda os seus interesses. Terá ganhos. O que fizer, as voltas que der e as medidas que tomar darão resultados. Faça uso da sua psicologia.

PROFISSÃO: Terá boa intuição para aumentar e desenvolver o seu mister profissional. E favorecido às novas responsabilidades. Vencerá, mas tome plena consciência, dos seus deveres. Redobre de coragem e vá até ao fim. Receberá a recompensa merecida.

SAUDE: Propensão a ataques de resfriamentos, especialmente na região ombral e na garganta.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: No domínio sentimental as influências planetárias para esta semana continuam bastante favorecidas. Portanto, qualquer eventual choque de ânimos que surja será fàcilmente debelado.

DINHEIRO: Registará durante o presente período pequena melhoria financeira; isto é, as suas possibilidades de aquisição de dinheiro encontram-se um pouco acima da média.

PROFISSÃO: Desenvolva a sua actividade e inicie se para tanto fôr necessário, viagens porque os resultados proporcionar-lhe-ão boas compensações. Actue com confiança e siga exclusivamente as suas ideias porque terá êxito.

SAUDE: Dentro das suas condições físicas, o seu estado de saúde será bom.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Protecção absoluta em todos os interesses sentimentais. Período de idolatria. Todos mostrar-lhe-ão muita simpatia e procurarão por todas as maneiras distinguir-vos. Muita harmonia e felicidade nos assuntos puramente de amor.

DINHEIRO: Propício aos assuntos financeiros. Os ganhos serão superiores às suas melhores estimativas. Ponha em prática os seus empreendimentos e as ideias pendentes e terá êxito. Bom para resolver casos que anteriormente se lhe afiguravam insolúveis.

PROFISSÃO: Projectos duráveis A semana é favorável a viagens profissionais. Grande facilidade no desempenho de toda e qualquer missão de trabalho.

SAUDE: No plano físico goza igualmente de benéficas protecções astrais. Os que se encontrarem doentes, nesta altura, farão progressos consideráveis.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Ao aproximar-se o fim do ano o seu espírito atravessará um período de meditação. Vénus na actual posição pode tornar-vos muito melindroso. Talvez não haja uma vida social alegre como no passado, mas reuniões com familiares e velhos amigos serão particularmente felizes.

DINHEIRO: Calcule bem o que poderá gastar durante esta quadra. Poderá aumentar consideràvelmente as suas economias, se moldar a sua vida de acordo com as poderosas influências que se observam ao findar-se o ano em curso. A sua personalidade é impulsiva, mas é necessário estimular e fortalecer o desejo de ordem e segurança em sua vida.

PROFISSÃO: E conveniente expandir os negócios e procurar fazer novas relações. Mercúrio fortalece a sua aptidão mental, tornando deste modo mais fácil organizar os seus planos para o futuro. Os projectos começados em tempo passados podem ser completados agora satisfatòriamente.

SAUDE: As actuais vibrações costumam afectar a vesícula e os orgãos sexuais.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: No decorrer deste período passará por muitos momentos de perplexidade. Ponha de parte as suas ideias imaginárias e entre na realidade dos factos, proporcionando felicidade e bem-estar aos seus.

DINHEIRO: Não alimente grandes esperanças quanto à obtenção de dinheiro durante este espaço de tempo, porque os seus desejos não se concretizarão totalmente.

PROFISSÃO: A vida profissional está favorecida mas, para que atinja uma certa elevação terá de haver muito método. Se as circunstâncias vos obrigarem a realizar uma viagem não hesite em empreendê-la.

SAUDE: Não se observam alterações de maior. Os que se encontrarem enfermos devem esforçar-se por reagir.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: A vida sentimental, conjugal e familiar está durante este período desfavorecida, assim, como os assuntos referentes a amizades e relações sociais. Evite mudanças bruscas de humor e controlo tanto quanto possível.

DINHEIRO: Propício a pequenos aumentos financeiros, desde que estas sejam exclusivamente do seu esforço pessoal. E conveniente não se precipitar e estudar com calma as propostas que lhe fizerem.

PROFISSÃO: Está sob bons aspectos astrais, mas necessita despender uma maior actividade, e demonstrar os seus conhecimentos com maior propriedade. Possibilidades de receber oferecimentos tentadores que aumentarão a sua popularidade e consolidarão a sua posição.

SAUDE: Está sob a influência de eminentes perigos, devido ao mau aspecto de Marte. Porém, em virtude do benéfico influxo do Sol, este risco está um tanto neutralizado. Contudo, não será demais acautelar-se!

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: O aspecto sentimental está bem favorecido às benéficas influências deste período semanal. Bom para amizades e prometedor nas relações familiares e sociais. Prossiga no seu objectivo com sinceridade descobrirá a pessoa capaz de compreender os seus sentimentos.

DINHEIRO: Aproveite as circunstâncias para agir finançeiramente pois está num bom período para obter dinheiro. Poderá ver realizadas algumas das suas esperanças.

PROFISSÃO: Está sob boas influências para desenvolver e para resolver a sua situação. O imprevisto mostrar-se-á favorável às suas iniciativas. A semana é propícia aos assuntos ou preocupações intelectuais.

SAUDE: Os brônquios podem trazar-lhe preocupações. Vigie-os!

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Período esplêndido e muito auspicioso. Os projectos que tiver em mente com referência à sua causa sentimental poderão concluir-se tal como os idealizou. As novas amizades contraídas no meio das suas relações serão muito preciosas no futuro.

DINHEIRO: Terá pequenos sucessos nas tentativas que fizer. Os esforços que despender serão recompensados em parte. Não é oportuna a aplicação de grande capital com mira a bons lucros.

PROFISSÃO: E aconselhável tomar novas directrizes, assumir novas missões e merecer a protecção recebida em interesse dos meus problemas. A sua disposição na semana que começa agora, desempenhará um papel importante nas «démarches» que fizer.

SAUDE: Qualquer síntoma de mal-estar é devido exclusivamente à sua impulsividade e à rapidez com que pretenderá conduzir-se em todas as suas empresas.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Procure compreender bem os sentimentos dos seus familiares e das pessoas do seu convívio quotidiano. Deixe falar o coração e esqueça o passado; a sua felicidade depende da sua atitude. Tenha confiança e actue.

DINHEIRO: Conseguirá algo depois de algum esforço e espera. Como os dinheiros auferidos não serão substânciais é conveniente poupar o que conseguir realizar.

PROFISSÃO: Deixe correr tudo suavemente por enquanto, não levante atritos nem faça alterações no seu procedimento profissional. Toda a tentação interesseira conduzirá, sem dúvida, à decepção. Não entre em desacordo com ninguém.

SAUDE: Os membros inferiores e o coração são as partes afectadas durante esta semana. Contudo, se usar de cuidado não terá gravidade o seu estado.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: O ambiente amoroso será indulgente. As amizades nesta data podem ser-lhe de utilidade. Consolide a sua posição a respeito das mesmas. Propício aos entendimentos familiares.

DINHEIRO: A questão monetária é resolvida benèficamente. Os assuntos artísticos ou literários proporcionarão bons lucros, tais como o negócio livreiro, as conferências e as exposições de arte, que farão sucesso e darão interesse.

PROFISSÃO: Os assuntos que estejam debaixo da sua alçada podem nesta altura atingir um bom nível de desenvolvimento. Favorável à actividade profissional no geral.

SAUDE: Não exija demasiado da sua resistência física e terá boa disposição e saúde.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: As influências astrológicas em referência ao amor, às relações familiares e de amizade são muito favoráveis. Tudo e todos contribuirão para que goze de boa disposição durante o presente período.

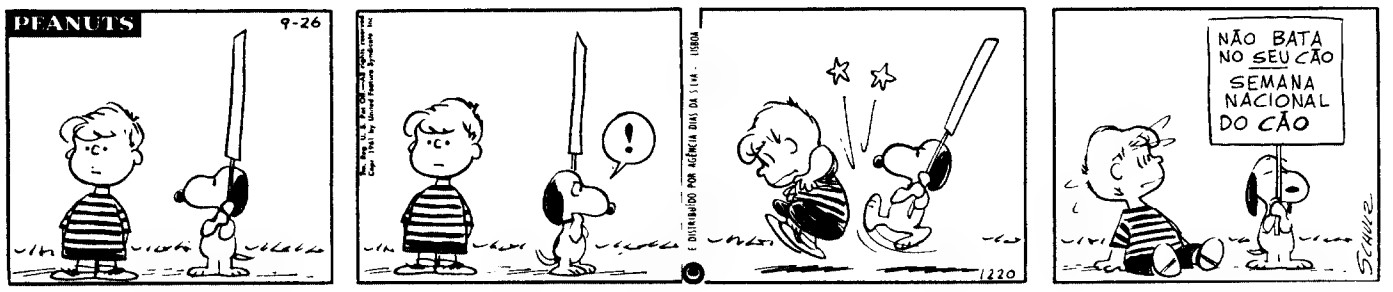
DINHEIRO: A sorte manifesta-se a seu favor. O que fizer será bem acolhido. Mostre-se agradável e cortez no trato com as pessoas e não deixe perceber nenhum sintoma de interesse.

PROFISSÃO: Os afazeres quotidianos e os problemas profissionais marcham no plano desejado. Prossiga no seu objectivo e tome iniciativas com o propósito de melhorar a sua situação actual.

SAUDE: Gozará de explêndida saúde. Será um período de boa disposição e bem-estar.

Novas funções

Guarda o que não presta, acharás o que precisas: assim deve ter pensado a pessoa que com este casco de uma velha fragata, «inventou» um restaurante bem singular. E lá está, em pleno Ribatejo, a poucos quilómetros de Santarém, pronto a oferecer um «cruzeiro» pelas águas mansas da imaginação, aos que gostam de comer em ambientes diferentes.



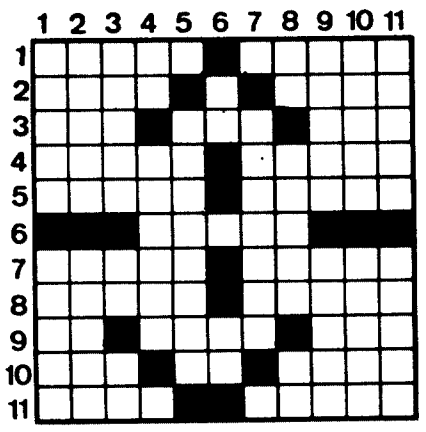
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 024

HORIZONTAIS:

1 Lapa. Maniota comprida para pear bestas.
2 Íntimo. Esteiros.
3 Figura que simboliza o povo americano. Coragem. Senhora.
4 Clareira. Permanecer.
5 Gorgulhos tropicais. Prendera com peia.
6 Estação dos caminhos de ferro portugueses, no concelho do Cartaxo.
7 Dominei. Tiram.
8 Encerar. Arvore medicinal do Alto Amazonas.
9 Nota musical. Ir para fora. Recusa
10 O mesmo que três. Samário (s.q). Irmão de Abel.
11 Ilha do Pequeno Belt. Dança a três tempos.



VERTICAIS:

1 Grãozinho. Revimento.
2 Meto em mala. Prendera com elos.
3 Domesticar. Neon (S.q). Erbio (s.q).
4 Reis. Insectos que roem a madeira.
5 Inquilinas.
6 Compaixão. Prefixo de negação.
7 Calcar aos pés.
8 Sufixo que designa estado Carimbar. Cálcio (s.q).
9 Rol. Estreito.
10 Marcar o peso da tara em. Lavrais.
11 Guarnecer de asas. Freguesia do concelho de Sátão. (Viseu).

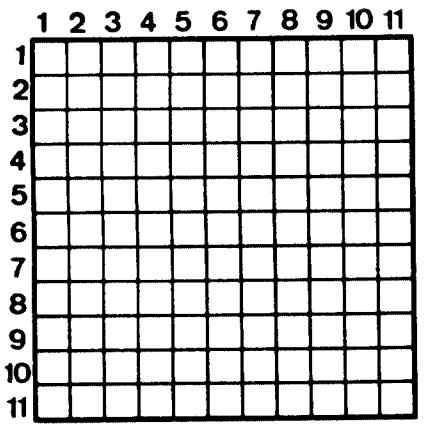
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6182

HORIZONTAIS:

1 Cidade do México.
2 Olhadelas.
3 Prefixo de afastamento. Instrumentos para atirar setas. Mil e cem em romano.
4 Galeota dos mares do Levante. Tecido de algodão ou linho muito transparente.
5 Quebrais (ant).
6 Basta! Apelido da mãe de Luís de Camões. Reis. Batráquio.
7 Braço de mar. Transmite bens gratuitamente a outrem. Seguiam.
8 Agarra (fig). Semelhante.
9 Uma das Cíclades. Pequeno símio do Brasil.
10 Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Sustento. Víscera dupla.
11 Peixe do género siluro. Carvão incandescente.



VERTICAIS:

1 Ilha da Insulíndia, a mais ocidental do arquipélago de Sunda. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
2 Bário (S.q). Povo antigo que habitava o Irão.
3 Amónio (s.q). Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Deus grego e romano dos oráculos, da medicina, da poesia e das artes.
4 Trepadeiras. Artigo definido.
5 Demolida. Rio de Itália.
6 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. O mesmo que até (Ant.)
Suavizaram (fig). Rio da Rússia.
8 Referentes ao nariz. Pertences.
9 Césio (s.q). Abreviatura de Santíssimo. Rio de França.
10 Manuscrito (abrev). Enfiadas
11 Cidade do Japão. Miriare (abrev).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 023

HORIZONTAIS:

1 NUNCA. CCCVI.
2 Roer. Aria.
3 Ará. BOA.
4 Um. Cosam. Cr.
5 Fera. OLHA.
6 Alara. Asais.
7 Rãs. Caa.
8 Raer. Ames.
9 Içariam.
10 Ou. Açano. Au.
11 Magro. Astro.

VERTICAIS:

1 Rufar. COM.
2 Ur. Melar. Uã.
3 Noa. Rasai.
4 Cercar. Ecar.
5 Arão. AGRAÇO.
6 Sé. Rã.
7 Caba. Amaina.
8 Cromos. Mãos.
9 Cia. Lacem.
10 Va. Chias. Ar.
11 Brasa. Suo.

PROVÉRBIO: Nunca, boa olha com agraço.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6181

HORIZONTAIS:

1 Arrependera.
2 Cairo. Aoros.
3 ari. Dar.
4 Simão. Arabi
5 Arbi. Atem.
6 Aa. Opa. Al.
7 Ad. Avara. Ab.
8 Falta. Massa.
9 Aer. Ora.
10 Meti. Açor.
11 Areal Soara.

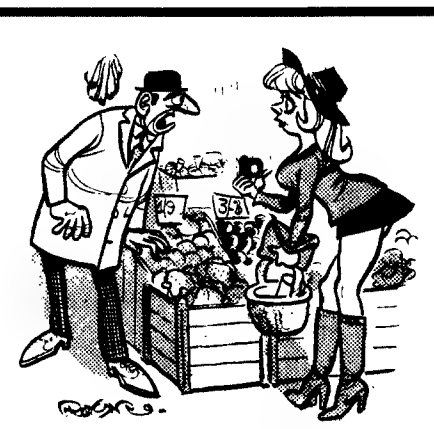
VERTICAIS:

1 Acesa Afama.
2 Ra. Irada. Er.
3 Riamba. Late.
4 Errai. Ateia.
5 Poio. Ovar.
6 Upa.
7 Nada. Armo.
8 Doara. Aarão.
9 Errata. Saca.
10 Ro Belas. Or.
11 Assim. Barra.

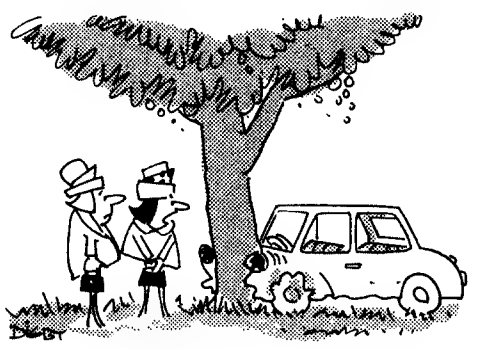
— Não tem por acaso um perfume que faça o meu marido esquecer uma secretária loira com as medidas de 90-58-90?

— Estamos fazendo um inquérito: Por acaso não está cá hospedado um rapaz alto, moreno, com uma camisola azul e uma toalha de praia encarnada e branca?

— Realmente o seu método de pedir aumento de ordenado deixa-me impossibilitado de dizer que não



Imagine que eu também a apertava... Gostaria?



- O Henrique não pode ficar zangado... o motor, que ele tanto elogia, fica na parte traseira do carro.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANUNCIO

Faz-se saber que pela 1.ª Secção deste 6.º Juizo Cível e nos autos de acção sumária que o A. Henrique da Silva Carvalho, casado, comerciante, residente na R. Conde de Sabrosa, n.º 9 r/c, desta cidade, move contra os RR. MANUEL DA CONCEIÇÃO SANTOS, comerciante, e mulher MARIA SANTOS, doméstica, que tiveram seu último domicílio conhecido na Estrada de Chelas, n.º 64, desta mesma cidade, e actualmente ausentes em parte incerta, correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anuncio, citando estes Réus para, no prazo de 10 dias, após o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido formulado pelo Autor na acção, o qual, alegando ter fornecido ao Réu marido diversas mercadorias do seu comércio em regime de conta corrente, esta acusa um saldo a seu favor de 59.044$80 que o Réu ainda não pagou apesar de instado diversas vezes para o fazer e de reconhecer tal dívida, tem-se limitado a vãs promessas que não cumpriu, e cujo pagamento se não presume, tendo a dívida sido contraída em proveito comum do casal do Réu, pelo que a Ré mulher é igualmente responsável pelo seu pagamento, termina pedindo que os Réus sejam solidàriamente condenados a pagar-lhe a dita quantia de 59.044$80, com custas e mais legal a seu cargo, devendo os citados Réus ser condenados em tal pedido se não contestarem dentro do prazo assinalado.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1972

O Juiz de Direito, (a) Fernando Heitor Barros de Sequeiros.

O Escrivão da 1.ª Secção, (a) Fugénio Ferreira Pestana.

«HAMBURGERS» AUTÊNTICOS NO ATRIUM !

Sim
temos «hamburgers»
a sério.
Tenros. Deliciosos.
Como os «made in U.S.A.».
E super-máquina que faz
1.000 «hamburgers»
numa hora!
No self-service,
no snack,
no mini-snack do Atrium
e mesmo
no Restaurante
prove
os nossos «hamburgers».
Unicos em Portugal.

ATRIVM
PARA VOS SERVIR

ARMETAL

EQUIPAMENTOS, SARL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

- CONVOCATORIA

Nos termos legais e estatutários, são convocados os Srs. Accionistas desta Sociedade, a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sua sede, em Lisboa — Avenida Oscar Monteiro Torres, 37, no dia 27 de Março de 1972 pelas 16,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao Exercício findo em 31 de Dezembro de 1971.

2.º — Discutir e deliberar sobre qualquer assunto avulso que seja apresentado, de interesse para a Sociedade, desde que aceite pelos Srs. Accionistas.

Lisboa, 1 de Março de 1972

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, **(a) José Alfredo Parreira Holtremam Roquette**

CRUZEIRO AO BRASIL

21 de Agosto-18 de Setembro
29 dias
Preços desde 11.800$00
Peça programa
Escolha o seu camarote
539871 — Lisboa
362501 — Lisboa
369503 — Lisboa
260839 — Estoril
23637 — Porto
23986 — Faro
Informe-se sobre
o CREDI-STAR

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

INTERMERCADO

GESTÃO DE EMPRESAS, SARL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATORIA

Nos termos legais e estatutários, são convocados os Srs. Accionistas desta Sociedade, a reunir-se em Assembleia Geral Ordinária, na sua sede, em Lisboa Avenida Oscar Monteiro Torres, 37, no dia 27 de Março de 1972 pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao Exercício findo em 31 de Dezembro de 1971.

2.º — Discutir e deliberar sobre qualquer assunto avulso que seja apresentado, de interesse para a Sociedade, desde que aceite pelos Srs. Accionistas.

Lisboa, 1 de Março de 1972

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, (a) **dr. João Flores**

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 41/72

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no **Diário do Governo**, são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnicos-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «Empreitada n.º 511/71/GTH — construção de casas na zona I de Chelas — lotes 69 e 70 — V Plano de Distribuição de Terrenos — 140 fogos da categoria I, para a Federação de Caixas de Previdência», com a base de licitação de 16 622 400$00 (Processo n.º 16/72/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 420 000$00 e o definitivo de 5 por cento da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea **a)** do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no **Diário Municipal** n.º 11 113, de 1/3/972.

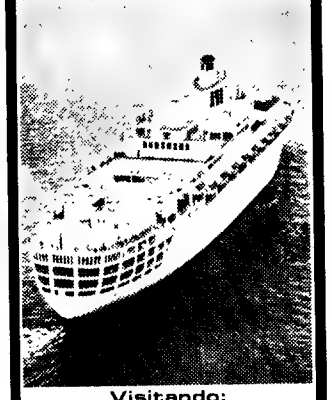
Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na 1.ª ou 3.ª Subcategoria da I Categoria e da classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1 de Março de 1972

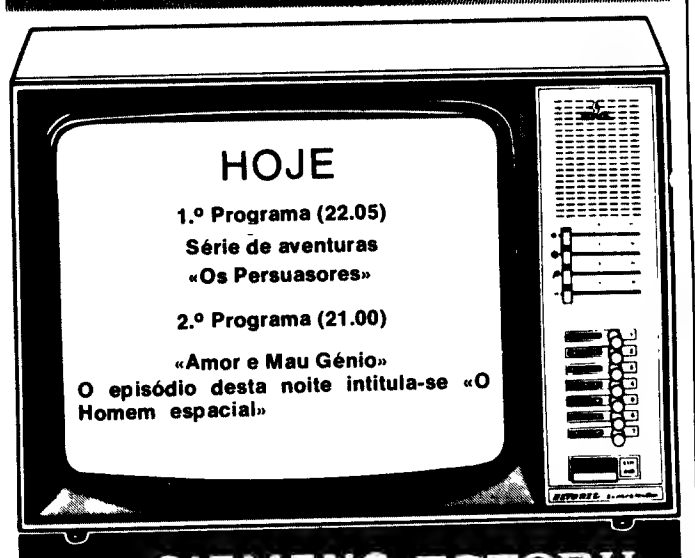
O Presidente, (a) **Fernando Augusto Santos e Castro**

CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO
5 Países 1 só Hotel
PAQUETE ORIANA
42.000 Toneladas
De 23 de Agosto a 6 de Setembro de 1972



Visitando:
ESPANHA * GRÉCIA
TURQUIA * JUGOSLÁVIA
ITÁLIA E GIBRALTAR
Preços desde 12.970$00
(De Lisboa a Lisboa)
RESERVE JÁ! DESCONTOS ESPECIAIS!
ORGANIZADO EM COLABORAÇÃO COM A
P&O A maior e mais poderosa companhia marítima do mundo
Reservas e informações
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade 235 — LISBOA 2 — Tel. 53 61 21

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Robin dos bosques
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
15.05 Tarde de cinema «A menina dos escândalos»
16.30 TV infantil
17.20 Expedição
17.45 Domingo desportivo
18.00 Vamos aprender judo
18.25 Homens e aviões
19.00 TV rural
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Filme infantil
20.00 Olho vivo
20.30 TV 7
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Os Persuasores
23.05 Fados
23.25 Domingo desportivo
23.45 Telejornal - ultimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e dó lá si
21.00 Amor e mau génio
21.30 Telejornal - 3.ª edição
21.55 Boletim metereológico
22.00 50 anos de História
23.00 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Arnie
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com.
14.25 Logo à noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Os Poucetofes
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Povo que canta
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Os pequenos vagabundos
21.30 Telejornal -3.ª edição
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Concurso «O jogo do galo»
22.30 Reportagem do exterior
23.40 Telejornal - ultimas notícias
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e um dia com
21.00 Arnie
21.30 Telejornal - 3.ª edição
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Noite de cinema
23.00 Fecho

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

RECTIDÃO

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco, moderado de Oeste; o céu estava geralmente encoberto e chovia nas regiões do Sul do Tejo e havia nevoeiro em Portalegre e nas Penhas Douradas.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	0.º
PENHAS DOUR.	0.º
COIMBRA	9.º
PORTALEGRE	6.º
LISBOA	.º
FARO	4.º
FUNCHAL	4.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 17,5.º

PENHAS DOURADAS
Mínima 2.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	3,4.º
Atmosfera	0,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.03	**3,6 m**	0.23	**1,0 m**
19.20	**3,5 m**	12.41	**1,1 m**
Dia 6			
7.34	**3,4 m**	1.00	**1,2 m**
19.54	**3,3 m**	13.18	**1,3 m**
Dia 7			
8.13	**3,1 m**	1.43	**1,4 m**
20.40	**3,1 m**	14.04	**1,5 m**

Previsão geral até ás 24 horas de amanhã

Céu geralmente muito nublado vento fraco a moderado de Noroeste períodos de chuvas e aguaceiros.

AMANHÃ
Nascer às **8.02**
Ocaso às **19.35**

Dia 8 | Dia 15 | Dia 22 | Dia 29

rádio

EMISSORA 1.º Programa
14.30 Tarde desportiva
Futebol, Relato e Informações dos Principais Jogos da 4ª Eliminatória da Taça de Portugal
17.30 Musica sem palavras
18.05 Girândola
19.10 Musica da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Exitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estudio
22.00 Teatro das comédias: «Pragmatismo de Ocasião»
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e touros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (Cont).
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (Cont.)
02.00 Fecho

2º Programa
17.00 Entra o MF 2
perspectivas da obra de Schubert (Musica de piano)
18.00 Concerto de domingo - 1ª Parte
18.33 Intervalo Adagio (Albino) Viola dedilhada: Ida Presti e Alexandra Gagoya
18.43 Concerto de domingo - 2ª parte
19.20 Dois quartetos de cordas:
20.00 Diário sonoro
Musica de câmara - Nocturno (Borodine)
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo Dr Caldeira Pais
21.00 Desdobramento - Sai o MF 2
Recital de canto por Jacqueline Delman, com a colaboração da pianista Regina Cascais
21.20 A orquestra de câmara «I musici»
21.30 Que quer ouvir? - Programa elaborado por Margarida Brandão
22.45 Musica de piano, com musica de Granados
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

EMISSÃO EM MF 2
14.30 Musica sinfónica
15.00 1.º Acto da ópera «Matrimónio secreto» (Cimarosa)
16.30 Musica de piano - Obras de Haydn e César Franck
17.00 Junção

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO - MF 2
21.00 Musica ligeira variada
22.00 Musica coral de Brahms
22.55 Peças fáceis para piano, de Bartok
23.15 Musica de câmara, de Mozart e Schoenberg
00.05 Musica sinfónica
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
14.55 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Revista desportiva
20.07 Selecção para o seu jantar
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grande roda
0.02 «P B.X »
2.00 A noite é nossa
6.00 Diario rural
7.00 Talismã

Emissor de Miramar
14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto-rádio
17.45 Orquestras e canções
18.01 Música e desporto
18.30 Som-actualidade
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da Esperança
22.00 Noticiário
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA
14.30 Onda desportiva
17.00 Musica ao volante
17.45 Automobilismo
18.05 Boa viagem
18.30 Terço e missa
20.00 Zona verde - espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Jóias musicais
23.00 A 23ª hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCÂNTARA:
Probidade, R. de Alcântara 15-A (Tel. 638589); **Infante Santo,** Rua do Olival, 290 (te. (661003)

ALFAMA:
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360).

ALTO DO PINA
Eusil, Rua Barão Saborosa, 104 (Tel. 841912).

ALVALADE:
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (Tel. 765262); **Alentejo,** Avenida da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Belo,** Avenida de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos,** Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725859).

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969).

ANJOS:
Guerra, Rua Andrade, 32 (Tel. 845513).

AREEIRO:
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820).

ARROIOS:
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (Tel. 46843).

AVENIDAS NOVAS:
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (Tel. 763016); **Cardote,** Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da Republica) (Tel. 772291); **Saldanha,** Avenida Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938).

BAIRRO ALTO:
Durão, Rua Garret, 90 (Tel. 324166).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIXA:
Frazão, Rua das Portas de Santo Antão, 72 (Tel. 328180).

BENFICA:
Marques, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vilex,** Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548); **São João,** Estrada da Luz, 124-A (Tel 783179).

CAMINHOS DE FERRO:
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 480125).

CAMPOLIDE:
Imparcial, Rua General, Taborda, 28 (Tel. 680931); **Ruaito,** Alto de Carvalhão, 5-B (Tel. 651721).

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 66606); **Almeida,** Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA DO LUMIAR:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 324166).

CHIADO:
Durão, Rua Garrett, 92 (Tel. 324166).

CONDE REDONDO:
Branco, Avenida Duque de Loulé, 61 (Tel. 45048).

ESTRELA:
Gama, Calçada da Estrela, 130 (Tel. 660339).

GRAÇA:
Monte (do) Rua Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Progressiva,** Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619).

GRILO:
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR:
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel. 790332).

MADRAGOA:
Lys, Rua da Esperança, 17 (Tel. 660913).

OLIVAIS:
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); **Central,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (Tel. 610741).

PENHA DE FRANÇA:
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Tel. 720703-728391).

RESTELO:
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO:
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. MAMEDE:
Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (Tel. 325455).

S. PAULO:
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99-101 (Tel. 321771).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sirius, Rua Fialho de Almeida, 38-A (Tel. 44000).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes Av.Comb.G.Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, (Telef. 2432039)
OEIRAS
Godinho R.Cândido dos Reis, (Telef. 2430090)
PAREDE
Grincho Av.da República, 87 (Telef. 2471204)
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro (Telef. 263052)
ESTORIL
Ostende R.de Espinho, (Telef. 260391)
CASCAIS
Cordeiro Av.Comb.G.Guerra, 40 (Telef. 280170); **Nova** Est.de Alvide - Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias Av.Marques de Pombal, lote 9 (Telef. 934589); **Campos** R.Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); **Clabel** R.António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)
DAMAIA
Confiança Est.Militar, lote D (Telef. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol
QUELUZ
Zeler, R. da República, 83 (T. 950045); **Correia,** L.do Mercado, 3 (T. 950906)
CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Telef 2942181)
MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes L.Afonso Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L.António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão R.Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Castro Rodrigues R.Capitão Leitão, 21-A (Telef 270076)
CAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 174 (Telef 224302)
BARREIRO
Normal Av.Alfredo da Silva, 116 (Telef 2273035)
COVA DA PIEDADE
Império R.Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 274356)
MOITA
Silva Rocha P.da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene R.José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Leão Av.Salazar (Telef. 229471)
SETÚBAL
Oliveira L.da Misericórdia (Telef. 22488)
SEIXAL
Godinho L.da Igreja, 51 (Telef. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327; **Pereiró (de)** Rua da Preciosa, 35; **Sampaio,** Rua de Cedofeita, 636; **Saúde,** Av. Comb. G. Guerra, 689; **Vaz Teixeira, Sucra.** Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima,** Av. da Boavista, 855; **Marques de Mendonça,** Rua do Ameal, 251; **Monte Cativo,** Rua do Monte Cativo, 444; **São Jerónimo,** Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (tel 23738); **Rodrigues da Silva,** R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); **S. José,** Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas • cinemas • cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D (M. 18 anos)
2.ª Semana
ADEUS COLUMBUS
C/ Ali Mac Graw w Richard Benjamim
Quinzenas do bom cinema
Amanhã às 18.30 - Adultos
François Truffaut
Sereia do Mississipi
Jean Paul Belmondo Caterine Deneuve
(La Siréne du Mississipi)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D (M. 18 anos)
9.ª e última semana
O último filme de Robert Bresson QUATRO NOITES DE UM SONHADOR Uma obra prima em Eastmancolor

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
2.ª Semana
Grupo D (M 18 anos)
CAÇA AO HOMEM com Oliver Reed, Candice Bergen e Gene Hackmen Um filme espectacular

ALVALADE (Tel 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (M 18 anos)
2.ª Semana
O REMORSO
Um filme de Claude Chabrol com Stephane Audran, Michel Bouquet e François Perier em Eastmancolor

IMPERIAL (Tel. 821933)
5.00 - 2 .00
Grupo D (M. 18 anos)
ONTEM, HOJE E AMANHÃ e PAIXÃO DE JANE EYRE
Hoje às 18.30
Espectáculo infantil

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
Grupo D (M 18 anos)
3.ª Semana Eastmancolor
A VIUVA CONDERC
Com Simone Signoret e Alain Delon. Grande prémio do cinema francês de 1971

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
8.ª Semana
A obra-prima de Joseph Losey com Alan Bales e Julie Christie O MENSAGEIRO. Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1971. Technicolor

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
Grupo D (M. 18 anos)
POPSY POP

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana
NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00 - 18.15 e 21.30 H
2.ª Semana
Grupo D (M. 18 anos)
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA - «The French Connection» c/ Vene Hackman Roy Scheider. Fernando Rey

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 e 21.45 H
Grupo B (10 anos)
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill

AVIZ (Tel. 47 73)
15.15 - 18.15 e 21.30 H
Grupo B (10 anos)
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill

EUROPA (Tel. 66 10 16)
15.15 - 21.30
Grupo D (18 anos)
Estreia de Terror
MORRE MONSTRO MORRE

APOLO 70 (Tel 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
2.ª Semana de êxito
Grupo C (M 14 anos)
Faye Dunaway, Maurice Ronet e Barbara Parkins na aventura UMA CASA À SOMBRA DAS ARVORES Um filme colorido de René Cllement

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana. Um filme de Andrea Cayatte MORRER DE AMAR c/ Annie Girardot. Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sitio só.

POLITIEMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
A TRANSPLANTAÇÃO. Um tratado de rejuvenescimento

LIDO
21.30
Grupo D (18 anos)
GET CARTER com Michael Caine

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 4.ª Semana
VEJO TUDO NU com Nino Manfredi e Silva Koscina. 0.30 (Adultos) ESCADA ACIMA ESCADA ABAIXO

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
LABIRINTO DE SENTIMENTOS com Malcolm McDowell e Nanette Newman

LYS (Tel. 48560)
14.45 - 21.00
(Grupo D (18 anos)
O GENERAL DELLA ROVERE Com Vittorio de Sica, Sandra Milo e Giovana Rail
Domingos 3 espectáculos

EDEN (Tel. 320768)
15.15 - 18.15 - 21.45
grupo D (8 anos)
Estreia
O DESESPERADO
Um filme com Andrea Giordana e Rosamarie Dexter

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
Grupo B (10 anos)
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos - 6.ª semana

CASINO ESTORIL (Tel. 264621)
15.30 - 18.30 e 21.30 H.
Grupo D (M. 18 anos)
Tempo de Viver
C/ Faye Dunaxay, Viveca Lindspords

CONDES (Tel 322523)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE
Um filme de Manuel de Oliveira

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21.4 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

CAPITÓLIO
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Ora bolas P'ró pagode»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Um sonho»

VILLARET
21.00 - 23. (18 anos)
«O TARTUFO»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virgínia Woolf»

LISBOA/Cinemas

MAYER
21.00 (18 anos)
«Os Diamantes são eternos»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«O Paraíso do Diabo»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Get Carter»

OLIMPIA
9.00 (4 anos)
«As duas pistolas de Bill»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Os 7 Magníficos»

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«A Maldição da Múmia»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«O Comissário Pepe»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (14 anos)
«Um Caso de Amor»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Ben-Hur»

ESTORIL
Casino
18.30 - 21.30 (17 anos)
«Tempo de Viver»
Palácio
21.30 (10 anos)
«La Mans»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha sopa»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Sublime tentação»

QUELUZ
Queluz Cine
21.15 (18 anos)
«Os Maridos de Elizabeth»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Beija-me idiota»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Sem um adeus»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«A Grande Odisseia»

BARREIRO
Cine Barreirense
21.00 (18 anos)
«Uma rosa para todos»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«As sandálias do Pescador»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

SÁ BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Querida Mamã».

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A transplantação»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Zíngara»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O Teatro do monte» e Perssegução a sangue frio»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A 7.ª mulher de Henrique VIII»

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Coisas da Vida»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A mulher e o desejo»

PASSOS MANUEL
21.00 (0 anos)
«Paria visto por ..»

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
«Hercules contra os Mongois»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Provinciano»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho».

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho».

NUNO ÁLVARES
21.30 (17 anos)
«Pistoleiro profissional»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Calcutá»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Caiu Uma Garota Na Minha Sopa»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Doutor tenha Maneiras»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Os Rivais»

LEIRIA/cinemas

Teatro José Lúcia de Silva
21.15 (18 anos)
«Topásio»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Arminda da Conceição e Zélia Lopes. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **Rua da Barroca, 133. Tel. 369760.**

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.). **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo: 62$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

ADEGA MACHADO — Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde e Américo Silva. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Encerra às segundas-feiras. Consumo mínimo: 70$00. **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

«A SERENATA» — Cantam: Cidália Moreira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico Cantares de Portugal. **Rua Diário de Notícias, 122. Telefs. 321359 e 324381.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. -ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633**

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

SANZALA — Um pouco de África em Lisboa. Música constante. Encerra às 03.30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

HIPOPÓTAMO — Com Hélder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

VIELA — Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo: 60$00. **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

CLUBE ANDALUZ — «Boite» com atracções espanholas. Música constante. **Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 667264.**

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE 4 º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Relatório e contas do Banco Pinto & Sotto Mayor relativos a 1971

Acabam de ser tornados públicos o relatório e as contas do Banco Pinto & Sotto Mayor, referentes ao exercício de 1971, que vão ser submetidos à apreciação da Assembleia Geral a realizar no próximo dia 15. O relatório do Conselho de Administração é um elucidativo documento que traça as coordenadas da acção desenvolvida no ano passado e põe em relevo os brilhantes resultados obtidos, o que foi possível pela intransigente vinculação a sãos princípios de gestão, tendo em consideração, ao mesmo tempo, o comportamento conjuntural da economia portuguesa e dos países a que estamos mais estreitamente ligados.

Depois de acentuar que são as instituições bancárias que mais directamente propusionam toda a vida económica, o que impõe o seu fortalecimento face às condições gerais em que se processa a expansão nas sociedades modernas, o referido documento põe em evidência o notável desenvolvimento alcançado pelo Banco que lhe permite desempenhar papel de relevo, como aliás vem acontecendo na vida do País.

Assim, na análise da evolução das principais operações activas, destaca-se o elevado crescimento do crédito concedido por meio de descontos, fàcilmente avaliável pelo aumento de 21,7 por cento do saldo da Carteira Comercial.

Por sua vez os saldos do crédito concedido através dos «Empréstimos» aumentaram cerca de 58 % com especial relevância para os «Empréstimos a mais de um ano» cujos saldos suplantaram, em 82 % , os valores apresentados em 1970, o que evidencia que os critérios presidiram à distribuição do crédito se subordinaram sempre a preocupações de selectividade.

67 MILHÕES DE CONTOS DE CRÉDITO CONCEDIDO

Depois de referir a intensificação da concessão de crédito a médio prazo de modo a poder responder às legitimas preocupações do Governo, o documento em apreciação, observa que, mediante um constante esforço para conseguir o melhor aproveitamento das possibilidades creditícias do Banco, foi possível conceder crédito em volume que ultrapassa o vultoso montante de 67 milhões de contos, ou seja, mais 28,4 % que no ano precedente.

Na medida em que o crescimento do crédito concedido foi conseguido, sobretudo, pelas modalidades que mais fortemente estão ligadas à dinamização das actividades produtivas, bem pode dizer-se que a acção do Banco Pinto & Sotto Mayor se traduziu numa efectiva e cada vez mais valiosa contribuição para o desejável progresso económico do País.

Porém, se o crédito concedido é o indicador mais evidente da actuação dos bancos, é-o contudo, parcialmente, pois não permite destaçar nem o apoio às empresas que procuram alargar os seus meios financeiros próprios nem ao Governo, na sua acção de dinamizador da actividade económica. Ora no Relatório que vimos analisando, põe-se em relevo precisamente que, além do crédito concedido no montante indicado, aquela Instituição colaborou activamente na política de fomento económico e social levada a cabo pelo Governo mediante importantes aquisições de Promisórias de Fomento Nacional e, ao mesmo tempo, participou, por tomadas firmes que se cifram no elevado montante de mais de 160 mil contos, nas emissões de acções e obrigações efectuadas pelas empresas privadas.

MAIOR EXPANSÃO INTERNACIONAL

Depois de estender a sua acção a alguns países europeus em 1970, o Banco continuou a sua expansão internacional pela abertura de delegações no Canadá, nas cidades de Montreal e Toronto, inciando a sua actividade num país onde labuta uma importante colónia de portugueses que assim passaram a usufruir do apoio de uma instiuição portuguesa, procurando-se, ao mesmo tempo, intensificar o estreitamento das relações comerciais entre Portugal e aquele País.

Embora não tenha sido permitido ampliar a sua rede de agências no Continente, o Banco alargou a sua acção às Ilhas Adjacentes, mediante a abertura de uma agência em Ponta Delgada (Açores) — só possível pela aquisição do Banco Agrícola de São Miguel — e continuou a proceder à cobertura territorial de Angola e Moçambique procurando estar presente nos locais onde se torne viável a implantação de actividades económicamente organizadas.

EXTRAORDINÁRIO AUMENTO DOS DEPÓSITOS

Paralelamento ao aumento do crédito concedido, a que atrás se faz referência, o Balanço evidencia o extraordinário crescimento dos depósitos cujo montante total ultrapassou os 24 milhões de contos, quando há cinco anos ia pouco além dos 11 milhões. Tal crescimento reveste-se de um significado que é justo destacar, pois não só reflecte o dinamismo da actuação do referido estabelecimento de crédito, como traduz a confiança que o público nele deposita e a sua capacidade para actuar na mobilização de poupanças inactivas que, por via de concessão de crédito, são aplicadas no apoio à economia nacional.

Por sua vez, na Conta de Resultados, destaca-se o aumento registado das receitas brutas por efeito da expansão da actividade desenvolvida ao longo do ano, tendo-se atingido o elevado montante de 1 477689 contos.

Ao terminar o seu relatório, o Conselho de Administração do Banco Pinto & Sotto Mayor, depois de consignar um agradecimento pelas deferências recebidas dos Senhores Ministros das Finanças, Secretários de Estado do mesmo departamento governamental, bem como da Inspecção Geral de Crédito e Seguros, assinala a efeméride do 125.º aniversário do Banco de Portugal, referindo a acção relevante que esta Instituição tem vindo a desenvolver na problemática monetária do país.

O MAIS ELEVADO CAPITAL PRÓPRIO DA BANCA COMERCIAL PORTUGESA

Nos mapas que acompanham o Relatório merecem destaque especial alguns números que, por si sós, traduzem uma estrutura financeira perfeitamente equilibrada e uma grandeza que há uma década não seria possível vislumbrar. Com efeito o seu activo total perfaz 66 245 773 006$97 contra pouco mais de 7,6 milhões de contos há precisamente dez anos.

O Activo Disponível atinge o vultoso montante de 5 750 109 711$00 dos quais cabem 5 404 109 711$00 a Caixa, Depósitos no Banco de Portugal, Bancos Emissores Ultramarinos e noutras instituições de crédito e 346 000 000$00 a Promissórias de Fomento Nacional e Fomento Ultramarino.

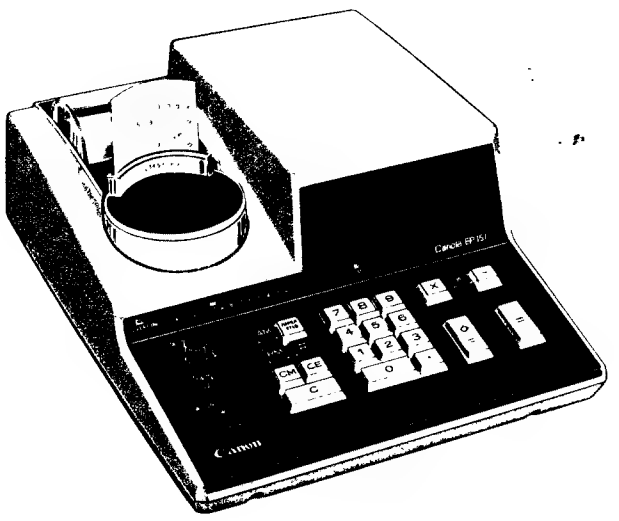
Por sua vez no Activo Realizável destaca-se saldo de 14 762 819 424$66 relativo à Carteira Comercial, o de 1 048 723 360$59 relativo a Empréstimos e Contas Correntes Caucionados e ainda o de 1 495 337 636$76 da conta de Empréstimos a Mais de Um Ano. As Letras sobre o Estrangeiro apresentam um saldo de 409 776 049$65 e os Devedores e Credores 1 020 276 835$42.

No Passivo os Depósitos Totais atingem o significativo volume de 24 043 127 411$04, ou seja, mais de cerca de 30 % que no ano anterior. Ainda no Passivo, o Capital e Reservas encerram com um saldo de 1 107 000 000$00 valor que, no entanto se apresenta já como modesto depois do aumento do Capital Social realizado no princípio do ano em curso. Com efeito, pela elevação do Capital Social de 500 000 para 1 200 000 contos e pela fixação de reservas em 482 mil contos, os Capitais Próprios do Banco passaram para 1 760 000 contos depois de adicionados os 78 000 contos constantes da proposta de distribuição de resultados. Aquele valor, os Depósitos Totais no volume acima referido e os saldos das rubricas do Crédito Concedido, que totalizam 18 737 000 contos, permitem obter um todo harmónico que daí, em síntese, a verdadeira grandeza da dimensão do Banco e da sua solidez financeira.

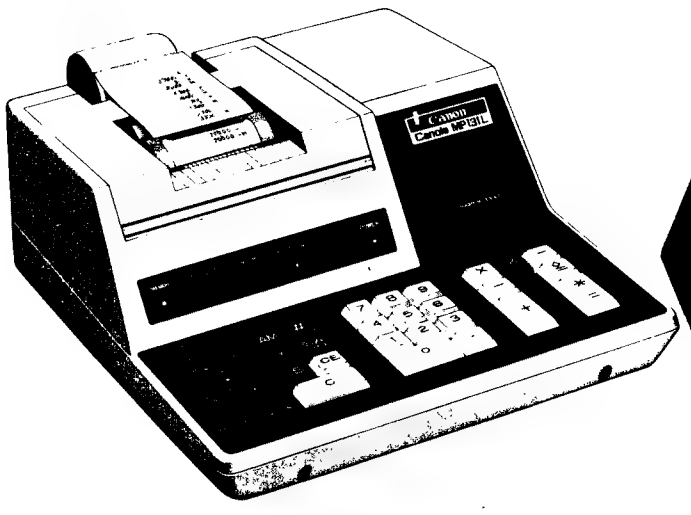
Finalmente a Conta de Resultados, depois de se constituirem Provisões e Armotizações no valor de 157 351 333$12, apresenta um saldo líquido de 91 329 895$76 dos quais, o Conselho de Administração propõe que sejam distribuídos para dividendos 12 500 000$00 e 78 000 000$00 se destinem a Fundos de Reserva sendo o remanescente levado a Conta Nova.

Em anexo ao Relatório apresenta-se uma breve mas elucidativa análise de conjuntura económica portuguesa e internacional

Canon
na vanguarda
"sensacionalíssimo"
EM CALCULADORAS ELECTRÓNICAS IMPRESSORAS



Calcula e Imprime Electrònicamente
Canola EP151



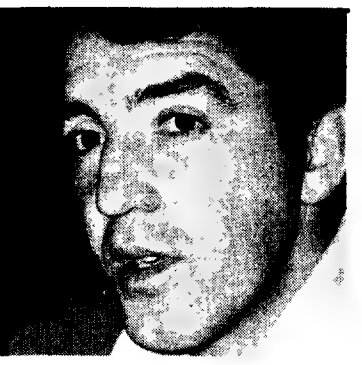
Calcula Electrònicamente Imprime por Precisão Mecânica
Canola MP131L

Canon Comundo

LISBOA - Comundo Dep. de equip. de escrit. - tel. 537091 - PORTO - Sonipol SARL, tel. 20553 - AVEIRO - Zume, Lda. tel. 25071 - COIMBRA - Zume, Lda. - tel. 24456
FARO - A Mecanográfica - tel. 22291 — FUNCHAL - Tecofi - tel. 22363 — SANTARÉM - Abel da Silva - tel. 24518 — PONTA DELGADA - Pereira & Pereira, Lda. - tel. 22672

DL DESPORTOS

JOSÉ AUGUSTO: Benfica e Selecção



Em todos os ângulos Págs. Dois/Três

À espera do Benfica

FEYENOORD UM VULCÃO E ONZE DIABOS

Roterdão vai assistir a uma das maiores jornadas da «Taça dos Clubes Campeões Europeus». O choque Feyenoord-Benfica, na noite de quarta-feira próxima, é tema que está a apaixonar milhões de europeus. «DL» vai estar lá.

Entretanto leia a pag. Sete

O médio-defesa Jansen : força e técnica. Dentro do sistema de Happel, este jogador tem uma função especifica. Defende quando é caso disso e ataca com rara visão quando a sua equipa está lançada na ofensiva. É o pêndulo do Feyenoord.

HIPNOTISMO NO BARREIRENSE PAG. OITO

Na opinião deste senhor de escuro, que apareceu no ultimo treino da equipa comandada pelo técnico Carlos Silva, o magnetismo, a psicologia e o hipnotismo podem ajudar o Barreirense a debelar a crise futebolística que o coloca num dos pontos menos invejados da tabela do campeonato nacional. Quando alguns jogadores já estavam a dormir em pé, o reporter retirou-se. A história aparece na pág. 8.

GINÁSTICA É AVENTURA

meninas querem vencer rotina

REPORTAGEM NA CENTRAL

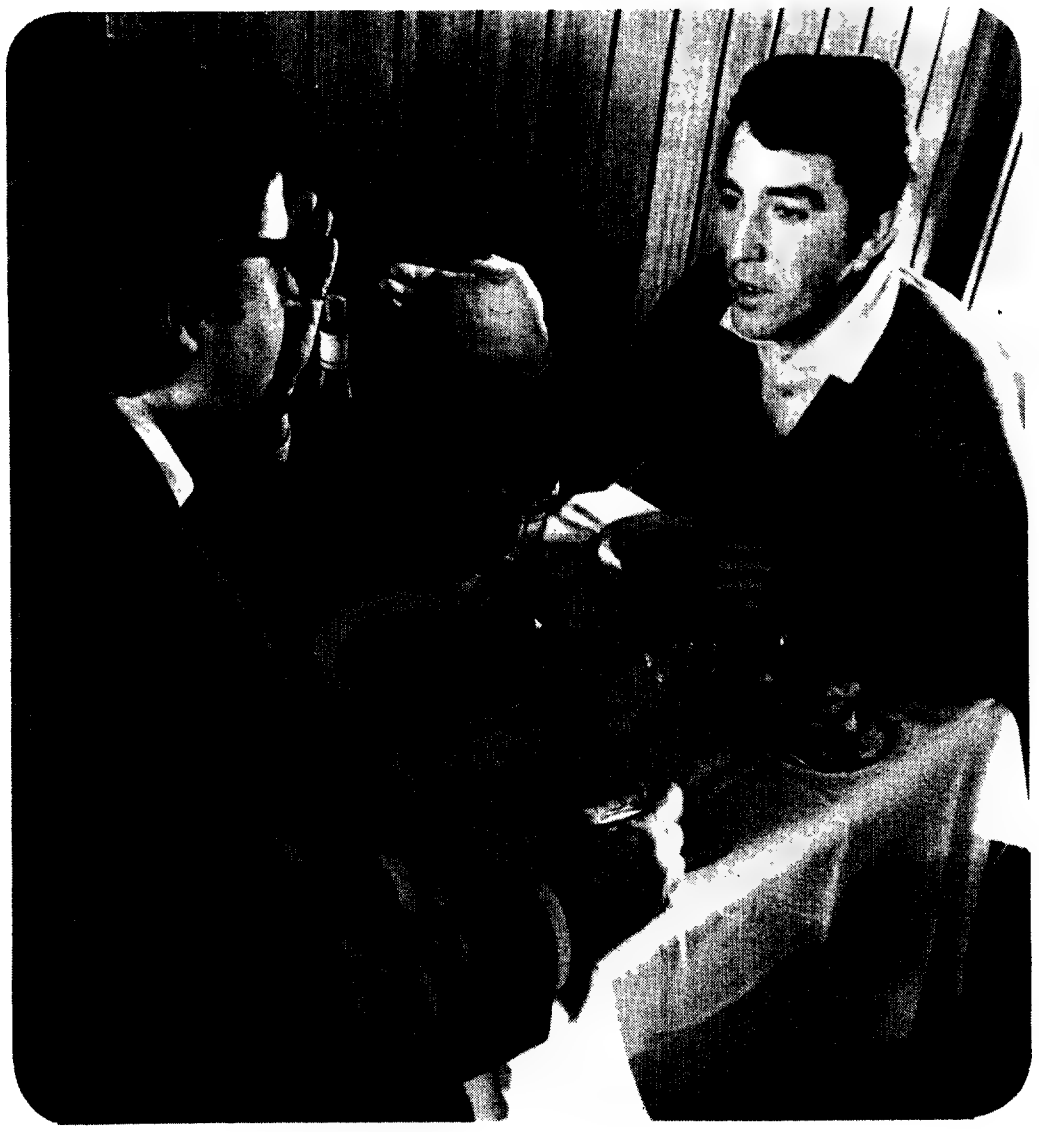
INQUÉRITO DL

Futebol pela TV

assunto em discussão (central)

JOSÉ AUGUSTO: a verdade nua e crua sobre o Benfica e a Selecção Nacional

José Augusto Pinto de Almeida, 34 anos, barreirense, o único português que já alinhou em todas as selecções futebolísticas: juniores (2 vezes), esperanças (1), militares (13), conjunto B (1) e equipa A (por 49 vezes). Duas presenças no seleccionado europeu da U. E. F. A. e convocação para o grupo da F. I. F. A. José Augusto que é hoje o mais jovem seleccionador-treinador de todo o futebol mundial.



«Não posso andar de cavalo para burro»

HISTÓRIA

«Meu pai foi médio do Barreirense: era o Alexandre de Almeida que alinhava na mesma equipa do Francisco Moreira do Armando Ferreira e dos Pirezas. Não me lembra de o ter visto jogar, mas recorda-me perfeitamente das muitas vezes que ele ia brincar á bola comigo para uns terrenos perto da nossa casa. Fui filho único e desde miúdo que tinha o vício do futebol. Dos 7 para os 8 anos fui internacional junior pelo Barreirense: a minha actuação contra a Itália deve ter decidido o meu futuro, porque logo apareceram convites para mudar de clube. No entanto preferi continuar a estudar e a jogar no Barreiro. Mas, quando completei os 8 anos, a minha mãe (Celeste) teve uma conversa comigo e colocou-me o problema: ou estudo ou futebol. O meu pai morrera por altura dos meus 4 anos e eu era o amparo da minha mãe. Assim, por necessidade de dinheiro, tornei-me profissional do futebol. E logo desde que recebi o primeiro dinheiro comecei com a mania de o juntar: via muitos exemplos de futebolistas que depois de terem sido «adorados» estavam na miséria e sem um só amigo.

BENFICA

«Aos 21 anos transferi-me para o Benfica. Desde os 17 que namorava a Maria Angela (que é hoje minha mulher) e queríamos casar: a mudança de clube podia dar-me dinheiro para isso. Mas eu fui um perfeito palerma: cheguei a ter a «carta de desobrigação» em meu poder e fui oferecê-la ao Barreirense, que a negociou com o Benfica por 450 contos e eu apenas recebi 10 contos para ajuda do enxoval. Portanto, deve ter sido o mais barato futebolista da história das transferências para o Benfica. Mas acabei por ganhar lá muito dinheiro e muito prestigio. Na primeira temporada juntei 30 contos: que fui logo pôr no Banco. Vieram mais 30 contos das selecções: e foram também para o Banco. Sempre me considerei um homem com juizo e bastante poupado: já no Barreirense, quando havia faltas de dinheiro, eu chegava junto do tesoureiro e dizia-lhe que podia pagar ao Ricardo Vale, ao Pinto, aos jogadores casados, que não se preocupasse comigo porque era solteiro e tinha dinheiro no Banco.

DINHEIRO

«Realmente eu falo muito em dinheiro: é que não sou fingido e toda a gente anda numa profissão para ganhar a sua vida honestamente. O primeiro contrato que fiz como profissional do Benfica rendeu-me apenas 00 contos em três anos: pouco mais de 30 por época. Mas havia óptimos prémios: uma média mensal de 0 contos, o que para esse tempo era excelente. Quando chegou a regulamentação oficial do profissionalismo futebolistico a Federação passou a só aceitar contratos no valor mínimo anual de 50 contos: assim, o meu segundo contrato com o Benfica foi no valor de 50 contos por três anos. O terceiro foi muito melhor: 750 contos também por três temporadas. A partir daí cobrei sempre 250 contos de «luvas» anuais. Juntei dinheiro, construi dois prédios e tenho dois estabelecimentos alugados, arranjei mais uns terrenos perto do Barreiro e assim já garanti a minha vida e o futuro dos meus. Verdade se diga que graças ao «Benfica Europeu» e á selecção nacional é que isso foi possível: lembro-me dos melhores prémios que recebi: 40 contos por vitória no campeonato nacional, 30 por cada jogo no Europeu e outros 30 por partida, quando foi da nossa campanha em Londres. Sempre tive a mania da construção civil: foi aí que empreguei (bem) o que ganhei. Só de rendas recebo anualmente 20 contos: já não morro á fome.

FAMÍLIA

«A minha mulher não liga muito ao futebol: vai uma ou duas vezes por ano e só para espreitar os jogos mais importantes. A minha filha mais velha (Angela Maria, de 9 anos é simpatizante do Sporting e da CUF. A Vera Lúcia (a caminho dos 8 anos) gosta do Benfica e do Barreirense. O Alexandre Augusto (com um ano) ainda não se manifesta. A propósito do garoto: ele será no futuro o que quiser, sem que eu o pressione para o que quer que seja. Quero que ele estude e que saiba integrar-se na Sociedade sem quebra dos seus ideais. Se quiser ser futebolista, pois que seja: então talvez o aconselhe a jogar sempre com a «carta» na mão, embora saiba que a posse desse documento é a melhor defesa de um clube profissional de futebol em relação ao praticante que contratou.

TREINADOR

«Desde que me apanhei no futebol profissional que comecei a assimilar o que de melhor via fazer aos técnicos. Sonhava fazer vida do futebol, tornar-me treinador. Como jogador aprendi muito: na verdade eu era calculista, doseava o esforço não andava em correrias atrás da bola quando sabia que ela já ia para fora e ninguém a poderia agarrar. Cheguei a fazer 60 jogos por época: fui de uma regularidade espantosa e mesmo em épocas muito sobrecarregadas tive raríssimas lesões. Quando tirei o Curso de Treinador continuei no Benfica: um dia saíu Otto Glória e fiquei como responsável único. Aceitei o lugar conscientemente, porque sabia que tinha condições e qualidades para bem o desempenhar. Estava habilitado. Mas, realmente, foi muito bom que viesse outro responsável porque nessa altura eu ainda não tinha o arcaboiço suficiente para dominar um conjunto de «estrelas».

HAGAN

«Veio Hagan e eu continuei como adjunto: para se ser um bom primeiro é necessário ter sido um muito bom segundo. Honesto e confiante atirei-me ao trabalho: o Benfica passou a pagar-me nessa função, o mesmo que eu recebia na última época de jogador. Ordenado e «luvas»: prémios apenas os das equipas que directamente dirijo. Por isso é que chego a treinar juniores e juvenis e depois, na hora dos jogos outro técnico é que recebe os prémios.

Sobre os métodos de Hagan não posso pronunciar-me públicamente, porque isso acarretaria aborerecimentos para mim e para o Benfica. Mas o meu contrato com o clube acaba a 3 de Julho e eu tenho de pensar duas vezes se devo ou não revalidá-lo. Sou o treinador-seleccionador da equipa nacional, com plenos poderes da Federação para escolher e decidir. Logo, fica-me mal andar de cavalo para burro: ser adjunto num lado e imprescindível noutro. De resto, cada treinador tem os seus pontos de vista: e os meus nem sempre estão de acordo com a mentalidade inglesa. Hagan ouve-me falar, dizer-lhe o que penso, como imagino as coisas e como faria os esquemas tácticos. Fica a sorrir, com um bocadinho de ironia e eu começo sem saber se está a brincar comigo ou se está a fazer de contas que entendeu tudo muito bem. E mais difícil conduzir do que ser conduzido. Aliás, eu também aceito perfeitamente que discordem dos meus pontos de vista. Mas quando for eu a mandar, a escolher, trabalho com a minha cabeça.

TONI

«Foi por isso que em Aveiro atendendo ás condições climatéricas e ás caracteristicas dos jogadores que iam defrontar-se coloquei Toni logo de entrada no «team» do Benfica. Foi o que se viu: destroçou o meio-campo do Beira-Mar. Do lado do Benfica havia um processo táctico estruturado e idealizado: todos os jogadores o cumpriram. Quanto ao Toni até o escolhi para a selecção, cá sei porque. Conheço perfeitamente as suas possibilidades, falo muito com ele e vejo todos os seus treinos. Toni é um dos jogadores portugueses que nenhum dos treinadores pode desconhecer ou abdicar do seu concurso. Chamado aos grandes jogos actua sempre bem. Está nos 23 anos: é um homem para Munique, que pode estar anos a fio na selecção nacional. O futebol português precisa dele e Toni não pode ser perdido para o futebol. Esta é a minha opinião.

PERES BANDEIRA

«Escolhi Peres Bandeira para meu ajudante na selecção porque é um treinador muito competente, que não se coloca em bicos de pés para que falem dele mas sabe bem o que vale e tem muitas boas provas dadas. A selecção não pode ter um só homem dentro de todos os problemas: recordo-me de que quando Pedroto adoeceu foi um sarilho. Para Peres Bandeira eu destino um trabalho específico: a selecção B, que é muito mais útil que as chamadas de «esperanças», dada a nossa posição geográfica e as idades-limites para se poder ser considerado uma «esperança» em futebol. Os futebolistas necessitam do estímulo da convocação para voos maiores: devemos acompanhar o Brasil na sua orgânica ao nível de selecções, para fomentar o espírito de equipa entre os jogadores e incutir-lhes maior experiência internacional. Em Portugal tirando o Benfica (que faz em cada época, 40 jogos em Portugal e 20 no Estrangeiro), o Vitória de Setúbal, o Futebol Clube do Porto e o Sporting, onde está o traquejo internacional dos clubes?

SELECÇÃO

«Já está escolhido: Eusébio será o «capitão» contra o Chipre. E temos de ir para lá com a máxima cautela, como se fossemos defrontar a Inglaterra em Londres. Também a Grécia e o Luxemburgo eram dinheiro no papo e foi o que se viu. Antecipadamente, nunca existiu um

EXCURSÕES CP

MADRID e FALLAS DE VALÊNCIA

1.ª partida — 15 de Março (7 dias)
2.ª partida — 17 de Março (5 dias)

De LISBOA e COIMBRA

7 dias:
HOTEL 1.ª/2.ª, com banho ..... 3.300$00
HOTEL 2.ª, sem banho ..... 2.870$00

5 dias:
HOTEL 1.ª, com banho ..... 2.500$00

Informações e programas descritivos: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa

ORGANIZAÇÃO: Telef. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

de PRAÇA a PRAÇA

NEVES DE SOUSA

Entrevista por NEVES DE SOUSA

vencedor certo. No Benfica passaram bons treinadores que sempre vincavam isso: foi assim que derrubámos muitos gigantes e chagámos ao primeiro plano de futebol mundial. Assimilei o melhor de todos os métodos: agora até me coloco na posição de jogador para ver como deve agir a minha selecção. O meu triunfo como treinador residiu no respeito que tenho pelo praticante. Sou um homem leal: e não quero repetir nunca as falhas de outros técnicos, ter os pontos fracos deles, os flancos que os jogadores deixavam de considerar e respeitar. Por isso entendo que o constante diálogo entre dirigidos e dirigente são necessários: limam-se arestas desfazem-se mal-entendidos e acaba por desaparecer a sobranceira que não pode presidir no espírito de nenhum responsável por uma equipa de futebol profissional.

DAMAS

«Acredito que possa errar, mas não deliberadamente. Fiz uma lista de 25 jogadores, de entre os quais vai sair o lote de 22 com que posso jogar para fazer a linha contra Chipre. Escolhi José Henrique e Damas porque, de momento, eram os que me davam mais garantias: ainda Damas não fora castigado. A propósito de Damas devo acrescentar que me apareceu em má forma física: ao fim de 5 minutos de treino individual realmente puxado disse-me que já não podia mais. Que não estava habituado àquilo. Ora, assim, tenho de rever o meu critério. Provàvelmente irei chamar Mourinho, que está a rodar em jogos oficiais. Vaz, do Vitória de Setúbal, estava a ser observado: lesionou-se e foi pena. Devo decidir-me por Mourinho: ele merece esta oportunidade.

MATINE

«Para o lugar de Rui Rodrigues vou vonvocar Matine. Já foi pela minha mão que chegou à camisola das quinas: quem não acreditava no seu valor está a rectificar o pensamento, em função da bela temporada que cumpre no Vitória. Messias ainda está muito «cru» para estas andanças. Mendes e Cardoso estão a ser muito suplantados por Rolando, Humberto Coelho e Malta da Silva. Resta Hilário (a quem admiro mais como homem que como jogador e considero magnífico praticante mas já sem possibilidades de continuar num possível «team» para Munique) e Rebelo: que está na lista dos 25. Carriço está no grupo porque, aos 28 anos, tem uma maturidade futebolística invejável. E até ainda pode ir ao «Mundial».

OCTÁVIO

«Sei que alguns críticos censuram a chamada de Octávio, por ele ser muito baixo e no meio-campo já estar Simões. Mas Octávio salta muito bem e tem genica que nunca mais acaba. Não vira a cara a ninguém e é, na pura expressão do termo, um futebolista de combate. Conto com ele: ao lado de Toni, de Peres, de Eusébio e de Simões, não desmerece da convocação.

JORDÃO

«Na frente tenho Nené, Artur Jorge, Jordão e Arcanjo. Jordão é sensacional: até onde irá este rapaz? Arcanjo jogou comigo no Benfica, conheço a sua potencialidade, a sua intuição para o futebol. Olhando o panorama de momento, ele é elemento para a selecção: tem grande experiência internacional porque tem corrido o Mundo. De resto, quem é que eu devia chamar? Fui a Guimarães ver Tito e ele desiludiu-me.

OUTROS

«Fala-se noutros nomes que eu teria esquecido, bem sei. O Pavão está com o lugar trocado no Porto. Arnaldo anda na sua fase má. José Maria e Jacinto João figuram na minha lista de 25 pré-seleccionados. Torres já não pode entrar numa equipa que seja preparada com vista ao trabalho futuro. José Carlos não consegue ter domínio na defesa do Sporting, que está muito por baixo. Freitas é outro dos que tenho debaixo de olho. João Carlos alterna o muito bom com o vulgar e Tomar não está em grande forma. Enfim: como para o torneio do Brasil tenho de levar um mínimo de 18 a 20 jogadores, a lista vai ampliar-se. A verdade é que não olharei a nomes mas sim a actuações. Quero avançados, gente que vá para o golo: sempre fui um atacante e nunca vi que se conquistassem vitórias só à defesa. Quero ganhar e justificar os triunfos. Quero espectáculo: e só o golo é espectáculo. Por outro lado, olhar o futuro não significa descurar o presente: daí que eu vá chamar Mourinho e Matine sem desdenhar da recuperação de Damas ou de, à última hora, Rui Rodrigues ser dado como clìnicamente apto e entrar logo no «team».

FUTURO

«Voltando ao futebol benfiquista: há por lá jogadores que podem dar brado. Sheu, Pedroto e Bastos Lopes estão nesse caso. Mas têm de encarar a profissão de frente, possuir consciência de quem quer fazer vida a sério num campo de acção. A profissão está regulamentada e exige: porque também dá proventos. Interessa é seguir os bons exemplos. Cabe às pessoas que dirigem indicar o caminho, estimular, aconselhar. Quanto a mim, nada sei ainda. Parece que o Benfica vai revalidar o contrato com Hagan, já em Roterdão. Pois muito bem: como adjunto eu não continuarei no clube. Tenho de me entregar à tarefa de treinador-seleccionador nacional. Não posso desprezar o ensejo de fazer uma grande equipa para Munique: e não é como adjunto no Benfica que posso conciliar a minha posição na cúpula do futebol português. De resto, já tenho convites de dois clubes da primeira divisão. Vamos a ver se irei para um deles, se continuarei no Benfica ou se ficarei exclusivamente com a selecção.

SINDICATO

«Fui o primeiro jogador que deu um passo para a constituição, do nosso Sindicato: quando entreguei a pasta escolhi Artur Jorge e Simões para continuarem a tarefa a que tanto me devotara. Indiquei o Rodrigues, o Zé Carlos e o Peres para os ajudarem: se, que com esses rapazes o Sindicato vai ser uma grande força. Bem maior e mais expressiva que a representada pelo Sindicato de Treinadores, onde parece que existe um presidente vitalício que nem sequer apresentou um só relatório anual da sua actividade. Não: o Sindicato de Treinadores está muito mal entregue. É preciso que Juca, Mário Wilson, Pedroto, eu próprio estejam nele: não pode ser o feudo de um sujeito que, lá por ter o cartão número um do Sindicato, já se imagina dono dele. Vamos para eleições e vamos para um autêntico Sindicato de Treinadores».

José Augusto: o mais jovem seleccionador-treinador do futebol mundial. O homem que pode salvar a selecção portuguesa da vil miséria a que se reduziu e pode concretizar o seu sonho: a união dos Sindicatos de Jogadores e de Treinadores num conjunto de Profissionais do Futebol. Seria o fim de muitos ridículos e de imensas prepotências.

Na época em que um minuto de vida vale uma fortuna, há quem desbarate o seu tempo: veja-se a profusão de cartas anónimas que costumam aterrar, dia-a-dia sobre a mesa do cronista desportivo logo após qualquer crítica menos contemporisadora para os defeitos da equipa ou do atleta cegamente idolatrado pelo escriba sem nome. Mas, algumas dessas missivas sem assinatura, têm a sua laracha. São uma delícia: uma ternurinha. Veja o leitor, mesmo o menos afeito à risota, como se podem encarar as linhas a seguir transcritas de uma das tais cartas anónimas. Transcrição só possível (claro) após a devida correcção das gralhas por deficiente cultura ou das frases que não podem caber em letra de forma. É a propósito do recente Belenenses-Benfica, do Restelo:

«Indivíduos como o senhor (sou eu) **deviam ser banidos da empresa** (leia-se Imprensa) **desportiva, por nefastos e deturpadores dos factos. Mas o mal existe. Existe na política e no futebol. Indivíduos que não percebem nada do assunto. Olhe, meu caro: eu fui ao Restelo ver um clube que não apresentou o seu melhor (Laurindo, lesionado; Serafim, incapacitado; Zézinho e Ernesto, vindos de lesões). Pois essa equipa coxa conseguiu ridicularizar a defesa encarnada. Você não viu os defesas benfiquistas chocando-se, confundidos pelos ataques azuis?**

Mais adiante diz o missivista anónimo:

«Você não viu o árbitro cortar aos azuis duas avançadas perigosíssimas, logo nos primeiros minutos, por hipotéticos off-sides? Não lhe parece que o livre marcado sobre o risco da área perigosa deveria ser penalidade? (sic) **O senhor** (sou eu) **deturpando o desenrolar do jogo está prejudicando o próprio Benfica, criando um falso valor, como está atraiçoando o futebol nacional. O senhor** (sou eu) **compreende o que eu quero dizer?**

Continua a carga:

«Sabe que Portugal tem perdido as eliminatórias do Campeonato do Mundo e da Europa por causa de indivíduos da sua espécie? O senhor (sou eu) **viu o Portugal-Bélgica? Viu a miseria das superestrelas do Benfica? Ora se eles fossem realmente bons como diz o senhor** (eu) **teriam naturalmente jogado melhor. O senhor** (eu) **viu o novo Eusébio (Jordão) jogar? Pois o diabo do rapaz nem a bola sabe controlar e já vai para a selecção!**

Concluíu o anónimo da epístola:

«O senhor (é comigo) **é um covarde. Diga-me porque é que Freitas, de longe o melhor defesa português, não vai à selecção. É claro que o senhor** (eu) **deitará esta carta para o cesto dos papéis e continuará atrás de uma secretária armado em jornalista desportivo, escamoteando a verdade. Um verdadeiro Tartufo. Assinar esta carta, para quê? Você não passa de um verme».**

Depois deste belo final, peço o direito de uma palavrinha, que vai direita para quantos leitores repararam que, afinal, a carta não foi directamente para o cesto da papelada suja.

Que o anónimo que gastou tempo e dinheiro numa carta sem assinatura está no pleno direito de se divertir (ou de nos contagiar com o seu bom humor) é facto assente: ele pode comparar o futebol ao que quiser. Para nós é um espectáculo que como tal tem de ser apreciado por olhos críticos. E a melhor crítica às palavras do escriba sem nome está no pensamento de qualquer leitor não-faccioso e não-inibido pelas frustrações de quotidianos vividos em extrema dificuldade. Que culpa tem o Benfica de ter a melhor equipa do futebol português, mesmo sem Jaime Graça, sem Vítor Baptista, sem Malta da Silva? Que culpa tenho eu dos azuis teimarem ou insistirem em que Ernesto é jogador de futebol? Que culpa tem o Benfica do Zézinho ter alinhado incapacitado? Que entende o escriba anónimo por «área perigosa»? «Livre» não será penalidade? E a recordação do modo como fomos derrotados pela Bélgica seria melhor encaminhada ao belenense que estava à frente da selecção, não acha? Talvez ele possa explicar quem teve a culpa de Eusébio ter entrado no «team» completamente incapaz de dar um passo. De tal modo que, a avaliar por certa crítica, também hoje já seria um verme: e não o homem que, lá fora, já fez mais por Portugal que todos os pomposos discursos.

COMISSIONISTA

IMPORTANTE FIRMA DE AVEIRO PRETENDE COMISSIONISTA PARA TRABALHAR ELECTRODOMESTICOS NA ZONA DE LISBOA

RESPOSTA AO APARTADO 63 - AVEIRO

OFERTA JOVICA

UM EXCEPCIONAL LIVRO COM RECEITAS DE COZINHA, A TODOS OS NOSSOS CLIENTES

SENSACIONAL

TELEVISORES (com os 2) (programas)		desde 2.990$00
OFERTA DA ANTENA		
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA	»	4.750$00
MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA	»	5.500$00
FOGÕES C/ FORNO	»	990$00
ESQUENTADORES	»	1.350$00

Aquecimento eléctrico e a gás, frigoríficos, aspiradores e todos os aparelhos electrodomésticos DESDE 100$00 MENSAIS

SEM | ENTRADA FIADOR

E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA { Largo de D.ª Estefânia, 12-D — Telefone 4 88 56
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 5 29 70
Avenida Duque de Ávila, 58 — Telefone 5 48 92

VENDA NOVA — Rua Elias Garcia, 13-A — Telefone 97 57 90

CASCAIS — Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telef. 28 13 95

REPORTAGEM

RAPARIGAS NA AVENTU

Escola Josefa de Óbidos: um trabalho pela educação física feito em moldes quase inéditos, objectivos e extremamente realistas. Uma professora (Maria Amélia Elias) perfeitamente identificada com tudo o que de mais moderno se conhece em educação física integral e funcional. Uma escola voltada para ela, a meter cunhas para trabalhar com ela, a querer mostrar que os caminhos do desporto-base não estão totalmente interditos no nosso país.

«A educação física, como simples educação, é problema de integralidade, que se evidencia nos fins que pretende, no objecto sobre que age e nos meios de que se serve; objecto, que é a pessoa humana na indivisibilidade da sua unidade estrutural e funcional, somática e anímica; meios, que à motricidade da sua exteriorização aliam sentido de generalização e de complexidade, que respeita a todas as formas de excitabilidade sensitivo-sensorial, que podem agir sobre a natureza física, mental e espiritual do ser humano».

Celestino Marques Pereira
em «Tratado de Educação Física»

COMO TUDO COMEÇOU

«Há dez anos começámos a trabalhar em força pelo desenvolvimento da ginástica na nossa escola. Nessa altura ainda existia a M. P. e entendemos que deviam formar-se equipas desportivas: as alunas inscreviam-se na modalidade pretendida e nós ministrávamos os ensinamentos necessários. A ginástica, naturalmente que estava incluída entre essas modalidades: porque era necessário e, no caso das mulheres tornava-as mais perfeitas».

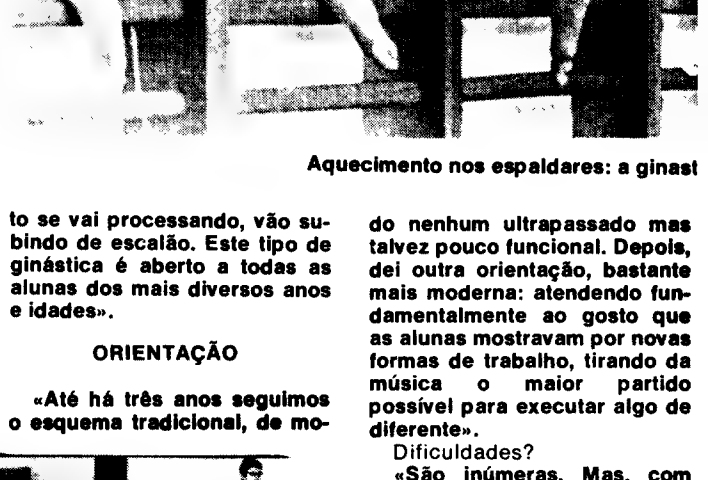
Professora Maria Amélia Elias: além de educadora, uma amiga.

Maria Amélia Elias, diplomada pelo I.N.E.F. no curso de 53/54, colega de nomes como Noronha Feio e Nelson de Matos, com provas prestadas nos liceus de Beja, Santarém, Filipa de Lencastre e na Escola de Educação Física de Lisboa. Há 14 anos a leccionar na Escola Josefa de Obidos. Frequentou cursos de ginástica rítmica na Alemanha, de dança moderna com a professora Karin Waehmer, cursos de «jazz», estudou com filandeses, apresentou-se em todas as «gimnasestradas» e esteve, ainda, num estágio de dança em Paris.

«Descobri que na Josefa de Óbidos havia grande recepção à ginástica: e na parte da ginástica moderna, com música, o entusiasmo era ainda maior. Abriram-se as inscrições e apareceu tante gente que tive de travar as entradas. A música é um complemento indispensável para que exista qualquer exteriorização positiva por parte do jovem: a prová-lo está o facto de só com música terem logo aparecido mais jóvens para fazer ginástica do que em outras condições»:

Mais à frente:

«Eu sempre gostei de ginástica rítmica e as alunas gostam de mim pois dou-lhes aqui o que talvez lhes falte lá fora. Temos três classes que, à medida que o seu desenvolvimento se vai processando, vão subindo de escalão. Este tipo de ginástica é aberto a todas as alunas dos mais diversos anos e idades».



Aquecimento nos espaldares: a ginast

ORIENTAÇÃO

«Até há três anos seguimos o esquema tradicional, de modo nenhum ultrapassado mas talvez pouco funcional. Depois, dei outra orientação, bastante mais moderna: atendendo fundamentalmente ao gosto que as alunas mostravam por novas formas de trabalho, tirando da música o maior partido possível para executar algo de diferente».

Dificuldades?

«São inúmeras. Mas, com trabalho, vão-se esquecendo. Se as alunas comparecem regularmente e executam os exercícios como eu indico tudo se torna mais fácil: caso contrário, tudo volta ao princípio. A escolha é feita por antiguidade e, caso as alunas que fazem parte do grupo saiam da escola ou desistam, são substituídas por outras que já estejam numa forma apreciável».

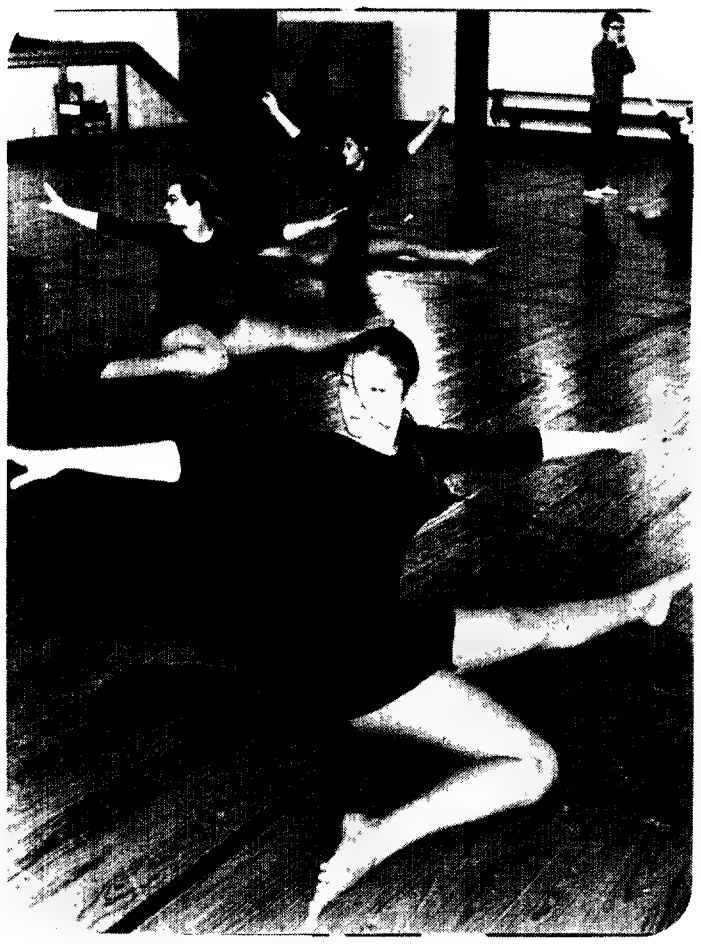
Apresentações:

«Internacionalmente, a primeira foi o ano passado, em Avinhão, nos Jogos da F.I.S.E.C.. Verificou-se que, como complemento à parte desportiva, deviam apresentar-se grupos de ginástica dos países concorrentes àqueles Jogos: foi assim que nós lá aparecemos. Abriu-se um concurso a várias classes e aquela que melhor se apresentasse sob o ponto de vista de destreza, danças regionais e num esquema livre de música, seria a nossa representante. Foi indiscutível, na opinião de todas, a nossa vitória: e em Avinhão fizemos sucesso».

IDAS AO ESTRANGEIRO

Mais:

«Em França, no final da nossa exibição, toda a gente gostou tanto que fomos obrigadas



Toda a beleza da ginástica

Fotos ANTONIO CAPELA

283 composições estão agora ao seu serviço na linha de Sintra*

Mais comboios para o transportarem mais depressa. Este é o resultado principal dos trabalhos de renovação da via que levamos a efeito. Com o novo horário aumentamos a frequência de partidas em horas de ponta para as principais estações: Lisboa, Amadora, Cacém, Sintra. Mantemos um intervalo máximo de 20 minutos entre as composições, com a média de um comboio cada nove minutos. Visamos, assim, responder às suas necessidades diárias de deslocação. Para tornar mais fácil e agradável viajar de comboio.

** O novo horário entra em vigor no dia 27 do corrente.*

Caminhos de Ferro Portugueses

RA DA GINÁSTICA

vai começar a executar os movimentos com perfeita articulação de gestos.

Conceição Pernes: recordista nacional de atletismo diz por que é a ginástica indispensável à Mulher.

a repetir determinados esquemas: ninguém estava habituada a ver o que nós ali estavamos a apresentar. Eu própria participei em colóquios onde se discutiram as minhas teorias e se trocaram impressões sobre o meu trabalho em Portugal».

Agora, nova deslocação ao estrangeiro:

«Sim: no dia do nosso festival, convidámos para cá se deslocar uma classe alemã do Liceu Albert Scwitzer. As raparigas germânicas compareceram, com a ajuda da Escola Alemã, e gostaram bastante da nossa exibição: pelo que nos convidaram a deslocarmo-nos lá no próximo dia 18. Antes disso, e aproveitando a deslocação, exibimo-nos na Bélgica, com uma classe que conhecemos em Avinhão».

Despesas de deslocação:

«Dirigi-me à Direcção-Geral dos Desportos onde me prometeram tratar do caso: mas, entretanto, a directora da escola avistou-se com o sub-secretário de Estado da Juventude e Desportos a quem expôs o problema. Ele aceitou, desde logo, a nossa pretensão: e ficou assim assegurada a nossa deslocação. Na Alemanha, as alunas ficarão instaladas em casas doutras pequenas, como é habitual neste género de coisas».

A preparação para esta deslocação:

«Normalmente, treinamos três horas por semana, mas neste caso a preparação é acelerada para que tudo esteja em melhores condições. O «jazz» será a principal particularidade do nosso esquema e isso implica um ritmo de treino que exige muito sacrifício. Deslocam-se 14 alunas, sendo duas suplentes».

A terminar:

«O problema da ginástica é complicado: para as alunas gostarem é necessário que também o professor goste. Depois, é preciso que estejamos sempre em evolução, pois tudo vai mudando e o aluno pode cair na monotonia. Em Portugal, não se começa pela instrução primária: e era aí que a aprendizagem e o gosto tinham de começar. Se não houver desleixos pode ser que, com as medidas ùltimamente tomadas, se consiga alguma coisa. Há que dar liberdade aos alunos e deixá-los expressarem-se: depois irmos ao seu encontro e puxarmos pelas suas motivações».

Maria Amélia Elias: a educadora e a amiga. O exemplo vem da Escola Josefa de Óbidos.

ELAS

Maria de Fátima de Matos Paulo tem 15 anos e é a mais nova da classe: **«pratico ginástica desde os 3 anos sempre com a professora Maria Amélia Elias. Gosto muito de todos os desportos, e nunca «chumbei»».**

Nota-se, em todas as jóvens, a alegria que a ginástica lhes proporciona, bem como a grande admiração que nutrem pela sua professora e amiga. Para a campeã júnior dos 200 metros barreiras, a belenense Maria da Conceição Pernes, a ginástica **«é um meio de expansão,mas só a pratico desde que entrei para a Escola, há 5 anos».**

O estudo, a ginástica moderna e o atletismo são perfeitamente compatíveis e por ela fàcilmente conciliados, como se comprova.

Para uma das mais antigas alunas da classe (Adelina Pires) praticante há cerca de 6 anos **«a educação física é um meio de libertação dos problemas do quotidiano, uma espécie de válvula de escape».**

A maioria delas já esteve no entrangeiro, e agora estão muito entusiasmadas com mais uma ida, desta vez à Bélgica e Alemanha, pelo contacto e experiência que proporcionam: todas treinaram com alegria e vontade, mesmo as que chegando atrasadas não deixaram de comparecer. Para ir mostrar que a mulher portuguesa está no caminho do seu revigoramento físico.

Reportagem de CARNEIRO JACINTO e JOÃO LUIS VIDEIRA

INQUÉRITO

GOSTA DE VER FUTEBOL PELA TV?

«DL» foi à rua ouvir o público acerca dos propósitos da Federação Portuguesa de Futebol em estudar a transmissão de encontros de futebol do campeonato nacional, em directo pela televisão. O elemento feminino preponderou no nosso inquérito, não porque fosse o principal mas porque efectivamente, a mulher cada vez tem maior força dentro de todos os fenómenos sociais.

Maria do Rosário Fernandes, estudante de Belas-Artes, com 23 anos de idade, disse:

«Gosto de ver futebol na T.V.. Não vou, habitualmente, aos estádios: mas quando aparecem transmissões pela televisão vejo sempre».

Manuel Mega Fonseca, gerente comercial, não é da mesma opinião:

«Não gosto de ver futebol: nem na televisão, nem ao vivo. O futebol, em princípio, não me diz nada, e também não gosto de televisão... Fui uma vez ver a bola, quando era novo: houve muita pancadaria e desisti de lá voltar. Acontece, ainda, que nem tenho televisão...

Ao lado, Isolina Lourenço Sabino, empregada de escritório, é da mesma opinião:

«Detesto futebol, pois não lhe encontro qualquer interesse. Como o meu marido vê

Maria José de Freitas

sempre que a televisão dá eu sou obrigada a fazê-lo também, pois não posso ligar para o segundo canal...»

António Costa Mendes (49 anos de idade, motorista de profissão) não concorda com os outros:

Manuel Fonseca

«Gosto muito de ver futebol pela televisão, pois é um entretenimento e um bom passatempo. Sou sócio do Benfica e prefiro ir á Luz ver os jogos **mas muitas vezes fico em casa.»**

Ana Paula Pinto Lobo, apenas 16 anos de idade, estudante. Uma aversão ao futebol:

Lucília Vaz

«Detesto ver. Nunca me lembro de ter visto um jogo na televisão, pois lá em casa também ninguém gosta. Se é bom ver-se na T.V.? É possível. Por mim, dispenso...»

António Mendes

Maria de Lurdes, funcionária dos Supermercados Modelo, também nos deu uma opinião:

«Gosto imenso de ver. Como sou muito nervosa prefiro ver na televisão, porque sempre é mais calmo. Se me quiser afastar, afasto-me, enquanto que estando no campo é mais difícil».

Lucínia dos Anjos Vaz (contabilista, 25 anos de idade) tem a mesma opinião:

«Gosto imenso de ver jogos na televisão e é pena que «eles» tenham resolvido não transmitir o Benfica-Feyenoord, pois deve ser sensacional. Prefiro, no entanto, ver o jogo ao natural: mas acho que a televisão poderá dar uma ou-

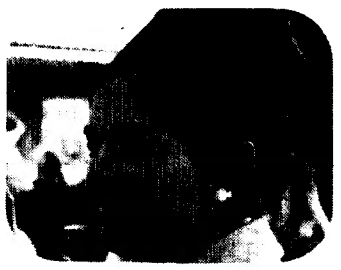
Maria de Lurdes

Luis Pina

tra «propagação» a todo o desporto.»

Luís Pina, cortador de carnes no mercado do Saldanha, também vai pela televisão:

«Com certeza que gosto de ver futebol na T.V. e devia haver até mais vezes. Não é mais



Belmira de Jesus

Rosário Fernandes

bonito mas, em contrapartida, podemos ver jogos a que nunca teríamos possibilidade de assistir. O Boavista-Setúbal, por exemplo, quantas pessoas teriam visto aquele jogo, se não fosse a televisão?

Ainda no mercado do Saldanha: mais três senhoras. Primeiro, Belmira de Jesus, que quase não sabe o que é o futebol:

«Não gosto de futebol, até me irrita e nunca liguei nenhuma a isso. Poderia ver se houvesse oportunidade mas não o fazia com prazer.»

Ana Paula

Isolina Sabino

Maria José Nunes de Freitas, tem ideia semelhante.

«Não gosto de futebol: nem nos estádios, nem na televisão. Prefiro ouvir na rádio. Se for hóquei em patins não perco, mas futebol não me desperta grande curiosidade.»

«Olhe, tire lá a fotografia e pergunte-me a mim também - pede Maria de Lurdes Ribeiro, enquanto vai vendendo alguma fruta:

«Gosto de ver a bola na televisão e gosto ainda mais do Benfica. Só quando jogam Benfica e Sporting é que lá vou: das outras vezes fico em casa, e quando dá na T.V. lá estou Continuem a dar muitos jogos.

Lurdes Ribeiro

CONCLUSÃO DL

Constata-se, portanto, que para quem gosta de futebol a ideia foi bem recebida: se bem que os mais entusiastas não deixem, por isso, de ir mesmo aos campos da bola. Lá, sempre é outra coisa...

A substituição de Damas não dá para voos mais largos?

FIGURA

Botelho satélite de Damas

Por ALEXANDRE PAIS

Habitual suplente de Damas escassas são as hipóteses de Botelho se exibir na equipa principal do Sporting. Agora, com o titular a cumprir castigo federativo, ele dispõe da rara (e curta) oportunidade de guardar a meta de Alvalade. Vamos conhecer a sua história:

«Aos oito anos comecei a jogar futebol de salão nos «Leões do Rato». Passei depois aos «Players da Madragoa». Do jogo de «cinco» mudei para o de onze, actuando pelos «Leões de Campo de Ourique». Foi, como se vê, sob o signo do «leão», que vim treinar a Alvalade. Agradei e marcaram-me data para assinar o compromisso. Tive então um desentendimento com o senhor que nessa altura treinava o Sporting. Não, não digo o nome. Não interessa mexer nisso. O certo é que, nesse mesmo dia, assinei pelo Benfica. Estive três anos na Luz: um como principiante e dois como júnior. Na minha primeira época de senior fui emprestado (tinha de ser!) ao «Leões de Santarém». No final da temporada cederam-me definitivamente ao Atlético, onde me mantive quatro anos. Confirmei o meu valor. Fui «internacional» (de esperanças») contra a França. Apareceram os convites. Do Porto, do Vitória de Setúbal e do Benfica. Por isto ou por aquilo, não me agradaram. Até que surgiu o Sporting: e aí não hesitei. Vim para Alvalade, por um ano. Renovei depois por mais três. Tenho contrato até 1974».

A juventude. Os ídolos. A motivação para uma carreira.

«Em miúdo era «fã» do Carlos Gomes. Mas havia outro: o Matateu. Nunca pensei chegar a jogar com ele. Aconteceu no Atlético. Subimos à primeira divisão. Ele a marcar golos, eu a evitá-los».

O treinador. A sua influência na formação do futebolista.

«Tenho tido bons técnicos, mas nunca trabalhei tanto como no Benfica, com o Fernando Caeiro. O tempo que lá estive foi decisivo para a minha carreira».

Na próxima jornada do Campeonato o Sporting recebe o Belenenses em Alvalade:

«É um jogo muito difícil e temos que nos mentalizar para conseguirmos vencer. É um facto que já não podemos ser campeões, mas temos o prestígio do Sporting a defender. Se ganharmos os próximos dois jogos, estou convencido que acabamos no segundo lugar. E, já que falo no Belenenses, não quero deixar de dizer que considero o Mourinho um excelente guarda-redes. Só não atingiu plano mais elevado porque teve pouca sorte no Vitória de Setúbal. Preferiram o Vital: mas o Mourinho era, de facto, o melhor».

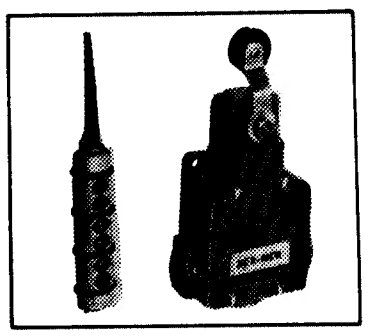
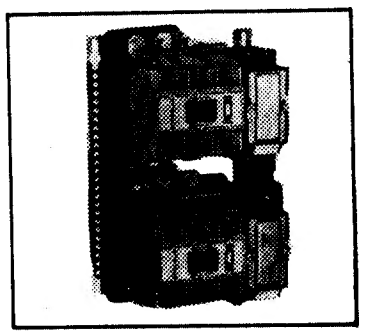
Chegamos agora ao ponto de partida. A rivalidade com Damas existe ou é só conversa?

«Considero Damas o melhor guarda-redes da Europa. Para além de tudo quanto se possa dizer, ele é, antes de mais, um camarada excepcional. Tenho muita honra em ser o seu suplente. Mesmo com o caminho tapado não me interessa deixar Alvalade. A minha ambição para o futuro é, únicamente, continuar a servir o Sporting».

Botelho: ameaça para Damas? Ele parece sentir-se já um homem realizado. Mas será bom que o guarda-redes Botelho, ora titular efémero do Sporting, pense que o futuro a que se refere acaba daqui por 10 anos. Depois, ficará apenas o António José da Silva Botelho, nascido em 8 de Maio de 1947, na freguesia de São Mamede, da cidade de Lisboa. O Sporting, esse continuará a fazer crescer o rol dos grandes guarda-redes portugueses. Uma lista que Botelho não quer assinar. Embora seja um perigo no caminho de Damas.

Botelho: com o pé esquerdo no Sporting? Um ano de trabalho diário para fazer três jogos.

QUALIDADE!
Desde a concepção à execução

Telemecanique

Qualidade que perdura.
É mais ainda...
Fiabilidade e assistencia tecnica.
Da botoneira ao calculador industrial

Telemec

R. Dona Estefânia, 92 - A — LISBOA
Tel. 5 14 86
Av. da Boavista, 301 — PORTO
Tel. 6 60 58

QUARTA-FEIRA, EM ROTERDÃO

ESPECIAL

Um vulcão e onze diabos no caminho do Benfica

Futebol holandês: atlético, rápido, conseguiu sair em três anos do esquecimento para a fama

O Benfica joga na próxima 4.ª feira a primeira «mão» da sua participação nos quartos de final da «Taça dos Campeões Europeus». O adversário é o Feyenoord, campeão mundial (oficioso) de clubes e vencedor da última edição da prova europeia. Só pela simples enunciação do «palmarés» do clube holandês se poderá constatar a dificuldade de que se reveste esta eliminatória para os nossos campeões. Mas, há mais: o Feyenoord já foi eliminado da «Taça» do seu País, encontra-se neste momento a quatro pontos do Ajax no campeonato nacional e não quer participar na «Taça da U.E.F.A.» pois considera-a de nível inferior aos seus pergaminhos. Isto obriga a que todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, estão ligados ao campeão europeu pensem que será uma autêntica catástrofe se o Feyenoord fôr eliminado pelo Benfica. Além disso, o Ajax (que também está nos quartos-de-final, onde defronta o Arsenal) é como que o Sporting lá da terra: e seria o maior desgosto para todos os adeptos do clube de Roterdão se o Ajax passasse o obstáculo e o Feyenoord ficasse no caminho.

O clube holandês é treinado por Happel, o homem duro do futebol da Holanda, aquele que levou o Feyenoord aos títulos da temporada passada. O técnico está preocupado: precisamente por isso desencadeou, desde o primeiro momento, um verdadeiro movimento de revitalização moral dos seus jogadores, propagando aos sete ventos que o Benfica não obstaria de modo algum à continuidade do seu clube na «Taça dos Campeões Europeus». Infelizmente para ele, todas as vezes que se deslocou a Portugal para ver o adversário encontrou sempre o Benfica longe do seu normal: primeiro, frente ao Vitória de Setúbal, com os «encarnados» a jogarem com diversos suplentes; depois, frente ao Tirsense, numa partida em que nunca se poderia avaliar, um mínimo da capacidade dos pupilos de Hagan por falta de oposição séria. Pelas observações feitas, Happel concluíu que o Benfica tem uma má defesa, um meio-campo razoável e uma linha avançada em que o nome de Nené foi esquecido. De tudo isto resultou que, sempre que regressava ao seu País, aumentava a confiança nas possibilidades da sua turma.

Já da mesma opinião não são os jornalistas holandeses que vieram a Lisboa assistir ao jogo com o Vitória de Setúbal: por aquilo que observaram concluíram que o Benfica chega para o Feyenoord, o mesmo já não acontecendo em relação ao Ajax, que consideram mais perigoso. A crise do campeão europeu situa-se neste momento, no sector avançado: onde a saída do sueco Kindvall não foi ainda devidamente compensada. Apareceu na equipa Pethumus, que se mostrou bom goleador mas não conseguiu ainda chegar ao nível do antecedente. Daí que o sector mais nivelado da equipa seja a defesa, onde o «capitão» Israel (que nós já conhecemos de quando alinhava no Ajax) é rei e senhor.

O guarda-redes Treytel é um dos melhores da Holanda e até da Europa: será certamente grande obstáculo para os avançados do Benfica. Schneider é um defesa lateral de características modernas e cria bastantes problemas... à defesa contrária. Laseroms, o homem **mau** da equipa, é intratável nas jogadas de choque e roça várias vezes a violência. Duivenbode é o único defesa-mesmo-defesa da equipa: aventura-se pouco à frente e quando lá vai logo regressa, bem ligeiro, para a sua posição. Jansen é um médio-defesa: ataca quando é necessário (até com um certo veneno) e defende quando é caso disso. Van Hanegen é o «mandão» do Feyenoord: estilo Peres, é dos jogadores do clube holândês em que os jogadores do Benfica têm de tomar mais atenção. Hasil é, talvez, o mais técnicista de toda a turma: austriaco de nascença, dele saem os melhores passes para os golos da sua equipa. Maiwald é um extremo vulgar e de pouca influência na manobra do conjunto. Postehumus é o goleador: técnicamente imperfeito, **vai a todas,** estilo Figueiredo. E remata muito: o que não acontece com os seus colegas. Wery é o outro extremo e um elemento imprescindível na selecção do seu país: faz golos de 30 metros mas, normalmente, joga embalado de trás pois completa o trio de meio-campo.

Por aqui se pode fazer uma ideia do que é o potencial do Feyenoord: sem pontos fracos, antes de grande homogeneidade e fazendo do conjunto a arma principal. Se dissermos que, para além de tudo isto, o futebol holandês há três anos consecutivos que comparece na final da «Taça» tendo vencido as duas últimas oportunidades, teremos dito quase tudo da dificuldade de que vai revestir-se esta eliminatória para o Benfica. No dizer dos holandeses, Roterdão mostrará ao Benfica um vulcão e onze diabos à solta. Para quê dizer mais qualquer coisa?

Terminemos com uma esperança para o Benfica: na opinião de Kindvall o Feyenoord só eliminará o campeão português se marcar três golos em Roterdão. Que respondam José Henrique e companhia.

Happel a tomar nota: preocupado ou não, da fama de fanfarrão é que já não se safa

Postehumus: o goleador estilo Figueiredo vai a todas

Wery: elemento imprescindível na selecção holandesa e no Feyenoord

EXCURSÕES CP

NEVE NA SERRA: Covilhã, Penhas da Saúde, Garganta do Zêzere e Penhas Douradas...

Dois Dias: 4-5 de Março

Comboio (1.ª classe) e autocarros de grande turismo

De LISBOA	**— Hotel 1.ª**	**690$00**
Évora/Beja	**— Hotel 1.ª**	**800$00**
Faro/Lagos	**— Hotel 1.ª**	**890$00**
De LISBOA	**— Pensão-R. 1.ª**	**610$00**
Évora/Beja	**— Pensão-R. 1.ª**	**720$00**
Faro/Lagos	**— Pensão-R. 1.ª**	**810$00**

Preços (tudo incluído)

Crianças até 8 anos — 50 por cento redução
Crianças de 8 a 12 anos — 20 por cento redução

Informações/programas: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa

ORGANIZAÇÃO: Telef. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

A C. P. Informa:

OBRAS DE RENOVAÇÃO DA VIA NA LINHA DO OESTE

Previne-se o Público de que, por motivo dos trabalhos de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), entre Cacém e Sabugo, **a partir do dia 6 de Março de 1972,** serão suprimidas as seguintes circulações:

Comboio n.º 4022 (que chega a Lisboa-Rossio às 13 h 55) — Suprimido entre Sabugo e Lisboa Rossio), fazendo-se o transporte dos passageiros e bagagens entre Sabugo e Cacém por autocarros e entre Cacém e Lisboa (Rossio) pelos tranvias da Linha de Sintra;

Automotora n.º 4025 (que parte de Lisboa-Rossio às 18 h 25) — Suprimida entre Lisboa (Rossio) e Sabugo, fazendo-se o transporte dos passageiros e bagagens entre Lisboa (Rossio) e Cacém pelo comboio que parte daquela estação às 13-15 horas e desde Cacém por autocarros com horário semelhante ao da automotora que eles substituem;

Comboio n.º 4027 (que parte de Lisboa-Rossio às 18 h 25) — Suprimido entre Lisboa (Rossio) e Cacém, fazendo-se o transporte dos passageiros e bagagens entre Lisboa e (Rossio) e Cacém pelo comboio que parte daquela estação às 18-30 horas.

Preveja as causas para evitar as consequências

FUTEBOL "FLASH"

Por ORLANDO DIAS AGUDO

OS JOVENS GUERREIROS NA HORA DO GRANDE COMBATE

Carlos Silva:

EX-DURO "VIRA" TREINADOR

Carlos Silva,, um treinador preocupado:**«Estou realmente apreensivo. A época não começou da melhor maneira para nós, pois iniciámo-la sob um clima de nervosismo, sem sabermos bem em que mar iriamos navegar: se no da 1ª ou 2ª divisão. Ganhámos a batalha principal, mas a guerra foi dura e difícil. Depois, o calendário não nos ajudou: os piores adversários vieram logo de início e uma onda de infelicidade apanhou-nos quando o mar ficou mais tranquilo. Enfim: penso que o Barreirense ainda se irá salvar, a tempo e horas, da da zona quente deste campeonato».**

Carlos Silva, um treinador confiante:**«Tenho realmente confiança nos meus jóvens guerreiros: depois da amputação de que fomos vítimas, com as saídas de Almeida, Faria e José Carlos, conseguimos arrumar as pedras que ficaram e o ambiente é de confiança. Não apenas nossa, ams de todas as gentes do Barreiro que sabem muito de futebol. Reina por aqui muito entusiasmo pela carreira da nossa turma. E todos estão a procurar ajudar conforme podem. Não é o Barreiro uma terra onde o futebol é o ar que se respira?»**

Carlos Silva, um treinador humilde: **«Tal como a nossa equipa, afinal. Não temos vedetas, apenas uma dúzia de atletas, autênticos jóvens guerreiros que encaram esta luta na sua verdadeira dimensão. Rapazes admiráveis, com os quais gosto de lidar».**

No intervalo da «pelada», Carlos Silva rectifica pormenores

TENTAR FUGA

Ultimo treino do Barreirense. Depois de alguns exercícios de aquecimento, uma «pelada» em jeito de desafio a sério (com «penalties» e tudo); reserva contra primeira categoria: aquela com o treinador, esta com a «estrela» Câmpora. E Câmpora quem diz:

«Gosto de estar no Barreirense. E é curiosa a maneira como vim parar a Portugal: nasci em Baisambu, bem no interior de Montevideu (Uruguai), no dia 6 de Junho de 1947, e comecei a jogar no Nacional de Montevideu apenas com a idade de 17 anos, onde tive, como treinadores, nada mais nada menos do que Zezé Moreira e Fernando Riera. Depois, tendo sofrido uma lesão que custou um pouco a curar (fractura do menisco), transferiram-me para o Ramplachunho, um clube de segundo plano do Uruguai onde joguei durante um ano. Voltei ao Nacional, de onde transitei para o Sporting do Recife, do Brasil. Uma vez na pátria do futebol manifestei desejo de vir para a Europa. Sabedor dessa pretensão, o empresário Pinto Correia tratou da minha vinda para o Barreirense. O meu contrato com o clube do Barreiro termina este ano e a verdade é que gostava de continuar em Portugal. Sinto-me bem, é tudo boa gente e tratam-me como um senhor».

Contra Câmpora, jogava como futebolista, nos infantis do Desportivo da minha terra. Dois anos depois vim para a metrópole onde representei o Belenenses. Sucessivamente, passei pelo Sporting (quatro épocas), Leixões (por troca com Manuel Duarte), tendo voltado a Alvalade durante mais duas épocas. Depois, vim para o Barreirense, onde estou há já três anos. Aqui o ambiente é familiar, como que em casa. Estamos agora a viver momentos de aflição, mas até isso é necessário para ficarmos a saber toda a verdade da vida. De resto, também assim foi o ano passado: e conseguimos safar-nos».

João Carlos: «gosta deste ambiente familiar»

João Carlos, um jogador que já por duas vezes representou o Sporting e, depois de passar pelo Belenenses e pelo Leixões, está agora com a camisola listada do Barreirense:

«Nasci em Inhambane no dia 6 de Outubro de 1945, tendo iniciado a minha actividade,

Treino animado, com muitos golos, de todas as formas e para todos os gostos. Aplicação e entusiasmo, acima de tudo. O campeonato é duro e exige sacrifícios e muito trabalho. Encostado a uma baliza, o capitão Mira:

Câmpora teve como treinadores, no Nacional de Montevideu, Zezé Moreira e Fernando Riera

«Não treinei, pois contraíu leve luxação no Bonfim. No entanto, isto não é nada de grave e apenas não treinei como medida de precaução. A carreira do Barreirense? Pois estamos, como muitos outros, na zona perigosa: da qual esperamos sair muito em breve. A minha vida de futebolista começou exactamente no Barreirense, como juvenil. Quando era júnior, recebi dois convites para sair deste ambiente: Belenénses e F.C. Porto namoraram-me. Na altura, estava disposto a sair: a direcção do clube não permitiu. Agora, sinto-me bem. Nasci barreirense e barreirense continuo. Meu nome completo? Luis Manuel Mira, nascido a 2 de Abril de 1942».

Muitos golos, muita assistência ao treino do Barreirense. Quem marcou mais tentos, foi o goleador da equipa: Serafim. Comenta:

«Já marquei oito golos neste campeonato. Estou longe dos melhores marcadores: mas sou, na equipa, o melhor. Sabe: é difícil, numa turma de segundo plano como é o Barreirense, marcarem-se muitos golos. Só de vez em quando é que experimentamos essa alegria. Nasci em Torres Vedras, tendo-me iniciado no Torreense, quando tinha apenas 14 anos. Há 13 que estou no Barreirense. Meu nome completo é Serafim de Oliveira, e faço anos a 8 de Março. Quanto ao futuro estou indeciso: o contrato com o Barreirense termina

Luís Mira, o «capitão»

Serafim: um goleador com vistas atiradas para o Canadá

este ano e estou a estudar uma proposta para ir para o Canadá, para um clube onde está um antigo companheiro do Torreense, o Hermínio. Dos oito golos que marquei, os que melhor me souberam foram os que consegui contra o Vitória de Setúbal e o Belenenses».

Perto das cinco horas da tarde, o treino terminou. Nas cabinas, à espera dos atletas, estava um senhor de cinzento que ninguém conhecia: ia fazer uma experiência de psicologia ou magnetismo ao serviço do futebol. O repórter retirou-se: não é a dormir que se fazem reportagens.